junho 1990 n. 1

FMS

CADERNOS MARISTAS

informações
estudos
documentos

CASA GENERALIZIA FRATELLI MARISTI C.P. 10.250 00144 ROMA

Expediente da versão impressa (original em português)

Editor / Organizador: Casa Generalizia dei Fratelli Maristi delle Scuole, Paul Sester - FMS

Cadernos Maristas:
Os Cadernos Maristas objetivam a divulgação de documentos e pesquisas sobre as origens, espiritualidade, desenvolvimento e expansão do Instituto Marista no mundo. Aborda estudos sobre a Sociedade de Maria, personalidades históricas e temas que caracterizam a atuação apostólica dos Irmãos Maristas. A produção do conteúdo é colaborativa de vários autores. Impresso em quatro línguas: espanhol, francês, inglês e português.

Contato:
Casa Generalizia dei Fratelli Maristi delle Scuole
Piazzale Marcelino Champagnat, 2 – 00144, Roma – Itália
Tel. (+39) 06 54 5171 / E-mail: comunica@fms.it / www.champagnat.org

Diagramação e impressão:
Tipografia Città Nuova della P.A.M.O.M.
Largo Cristina di Svezia, 17 – 00165, Roma – Itália

Expediente da versão digital

Coordenação: Diretoria de Comunicação da Casa Generalizia / Comissão do Patrimônio Espiritual Marista / Memorial Marista. A versão digital é um fac-símile da obra original impressa, que foi digitalizada, tratada e catalogada por Maria Palicz (CRB9 PR-202207/P), no Memorial Marista, em Curitiba - Brasil. E-mail: memorial@marista.org.br / www.memorialmarista.org.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C121 Cadernos Maristas: informações, estudos, documentos. -- n. 1 (jun. 1990) -- Roma : Casa Generalizia dei Fratelli Maristi delle Scuole, 1990.
123 p. : il. ; 24 cm

Anual.
Editorial: Casa Generalizia dei Fratelli Maristi delle Scuole / Paul Sester
Versão digital em português: <https://champagnat.org/pt/biblioteca/cadernos-maristas/>
ISSN 1122-7109

1. Irmãos Maristas – História. 2. Espiritualidade. 3. Patrimônio cultural. 4. Fratelli Maristi delle Scuole

CDD 200

«Nos diversos países e culturas onde exercemos nosso apostolado, mantemos vivo o conhecimento do Fundador, dos primeiros Irmãos e da história do Instituto para conservar, aprofundar e desenvolver nosso patrimônio espiritual».

Const. e Est. 164.2, p. 162

SUMÁRIO

— Apresentação . . . . . pág. II

INFORMAÇÕES

— Nossos arquivos, ensaio histórico . . . . . » 1
Ir. Paul Sester

— O «Centro de Estudos Maristas» da Província do Rio de Janeiro . . . . . » 17
Ir. Luis Silveira

— «Centro de Estudos do Patrimônio Espiritual Marista CEPAM, Província do México Ocidental . . . . . » 19
Ir. Aureliano Brambila

ESTUDOS

— O Confessor do Pe. Champagnat . . . . . » 23
Ir. Gabriel Michel

— Marcelino Champagnat, Educador . . . . . » 29
Ir. Alexandre Balko

— Irmão João Batista Furet, biógrafo de M. Champagnat . » 47
Ir. Paul Sester

DOCUMENTOS

— Resoluções de M. Champagnat . . . . . » 67

APRESENTAÇÃO

Os Cadernos Maristas, dos quais aqui está o primeiro número, têm por objetivo levar a conhecimento as pesquisas sobre nossas origens e sobre o que nos caracteriza como Irmãos Maristas. Querem ser meio de divulgar os resultados dessas pesquisas e publicar os documentos originais. O leitor poderá, assim, fazer-se uma opinião própria e alimentar sua reflexão. No que se refere aos autores, serão estimulados em seus esforços ao saber que estão comprindo um autêntico trabalho apostólico.

O aparecimento dos Cadernos Maristas não terá peridiocidade fixa. Cada número compreenderá três partes bem distintas: informações, estudos e a publicação de documentos inéditos.

As informações darão a conhecer os trabalhos atuais sobre a história de nossas origens, sobre nossa espiritualidade e, de maneira geral, sobre tudo o que se relaciona com nosso patrimônio. Essa parte é aberta a qualquer Irmão que queira partilhar informações interessantes sobre o Instituto.

A segunda parte reagrupa os estudos, fruto de uma pesquisa. Os temas serão escolhidos e desenvolvidos pelos autores e sob sua responsabilidade.

A terceira parte será destinada à publicação dos escritos do Fundador, excepto as cartas já publicadas. Os documentos serão apresentados como essas últimas, com o mesmo sistema crítico. Poderão, em seguida, ser reunidas em um volume semelhante ao das «Cartas de M. Champagnat».

Os Cadernos serão impressos simultaneamente nas quatro línguas: espanhol, francês, inglês e português. Dessa maneira, um número maior de Irmãos poderão haurir de nossas fontes de espiritualidade. Permanecemos ao dispor de qualquer sugestão que vise o melhoramento da apresentação e do conteúdo desta publicação.

Com a esperança de que este empreendimento, que começa com o término do Ano Champagnat, tenha êxito e possa durar, graças à colaboração de todos, expressamos nossos sentimentos fraternais.

Roma, 6 de junho de 1990 *O Conselho Geral*

INFORMAÇÕES

NOSSOS ARQUIVOS
Ensaio histórico

Irmão Paul Sester

Na inauguração destes cadernos, nos quais a referência a nossos arquivos será contínua é normal que os apresentemos, não apenas em seu estado atual, mas também em sua evolução ao longo destes 167 anos de existência. Certamente não é trabalho fácil contar a história deles, pois são do tipo dessas serventes que fazem seu serviço modestamente, sem chamar a atenção. Uma alusão de vez em quando num relatório, o aparecimento de novo ramo ou algum acidente que faz desaparecer todo um lote, lembram que eles existem.

Tentarei, pois, detectá-los em certos ancontecimentos de nossa história que por vezes os enriqueceram, e outras vezes os amputaram. A fim de não esquecer fatos importantes, sem no entanto pretender fazer trabalho exaustivo, seguirei simplesmente a cronologia dos fatos embora às vezes, para seguir um fato que se prolonga no tempo, me veja obrigado a antecipar, resignado a voltar atrás em seguida.

1822

O criador de nossos arquivos é, fora de dúvida, o Padre Champagnat mesmo. Desde 1822, quando de repente oito postulantes se apresentam juntos, ele abre um registro que continuará por toda a vida, anotan-

do o nome dos postulantes, a idade, a proveniência, o grau de instrução, se têm certificado de bons antecedentes e a quantia de dinheiro que trazem, por conseguinte o quanto ficam devendo para completar a quantia de 400 francos exigida. Com o Padre J. Coste (O.M.1, pp. 60-61), podemos considerar esse registro como o embrião de nossos arquivos. De fato, esse registro no qual os sucessores do Fundador continuaram a inscrever os postulantes até 10 de fevereiro de 1848, existe ainda em nossos arquivos e nos fornece informações que não encontraríamos em parte alguma.

1829

Outra etapa é transposta sete anos mais tarde, em 1829. «Até este ano, conta o Ir. Avit (A.A. p. 90), nenhum registro havia sido mantido para consignar as tomadas de hábito e a emissão dos votos. Para sanar essa lacuna, o V. Padre fez iniciar três registros: um para as tomadas de hábito, outro para os votos temporários e o 3° para os votos perpétuos. Cada Irmão era solicitado, assim que fosse encontrado, a escrever ele próprio a ata de sua tomada de hábito, de seus votos temporários ou de sua profissão, sobre um desses registros. «Assim procedendo, estaria o Fundador pensando em criar arquivos? Quem poderia dizê-lo? O fato é que eles chegaram até nós, constituindo para nós documentos preciosíssimos para a história de nossas origens.

1836

Os fatos a seguir mostram explicitamente que o cuidado de deixar atrás de si documentos escritos não era estranho ao Padre Champagnat. Irmão Jean Baptiste, no final do prefácio das «Biographies de quelques Frères», relata com efeito que o Padre Champagnat, já antes de 1837, insistia com ele que era preciso lançar no papel, para os que viessem depois, «o que fazemos e o que dizemos hoje» (cf. op. cit. p. XX). Seu intuito era «edificar os Irmãos de amanhã servir-lhes de norma», o que não exclui que ele visava já aos sucessores longínquos que somos nós.

Ele é mais explícito ainda na carta que dirige aos «fundadores de nossas escolas», nos anos 1836 ou 1837. «Queremos ter um relatório histórico da fundação de seu estabelecimento de nossos Irmãos em sua paróquia, — comuna, dos melhoramentos e o nome dos benfeitores. Estimaríamos receber de sua parte essas informações para conservá-las nos arquivos da casa principal e naquela do estabecimento respectivo»... (L.P.C. p. 185).

É também lá pelo final de 1836 que ele começa a mandar recopiar num caderno as cartas administrativas que, como chefe do grupo, se vê obrigado a escrever (cf. op. cit. pp. XXXVII-XXXVIII).

Ao fechar este parágrafo parece-me conveniente louvar o realismo do Fundador, iniciador de nossos arquivos. Contrariamente a outros que, por humildade, para não obscurecer a intervenção divina, destruiram os documentos pessoais (cf. O.M.1, pp. 27-32). Deve ter pensado que a ação de Deus passava pela dos homens agindo sob seu impulso. A conservação dos arquivos deve portanto ser-nos tanto mais cara quanto é uma tradição que remonta às nossas origens.

1856

Mas nem por isso nossos arquivos deixaram de conhecer vicissitudes. De um lado sofreram com as transferências da casa generalícia, de outro, ora se enriqueceram ora se empobreceram, ao sabor das circunstâncias e das pessoas que os utilizaram. No prefácio da «Vie de M. Champagnat», Irmão Jean Baptiste declara: «Os documentos que compõem esta História não foram tomados ao acaso; são o fruto de quinze anos de laboriosas pesquisas e nos foram fornecidos:

1° Pelos próprios Irmão que viveram com o Padre Champagnat... Esses Irmãos passaram-nos notas por escrito...

2° ...

3° Pelos escritos do bom Pai, por uma multidão de cartas que ele havia escrito aos Irmãos ou a outras pessoas... Colhemos ainda preciosas informações em inúmeras cartas escritas ao piedoso Fundador pelos Irmãos e por toda espécie de gente...» (Vie, 1856, pp. XVI-XVII).

Nesta oportunidade os arquivos se enriqueceram, sem dúvida; mas menos do que se poderia imaginar, pois nada ficou das notas escritas pelos Irmãos. Tê-las-á o autor feito desaparecer, achando que estariam suficientemente conservadas no texto que delas extraiu, já que haviam sido fornecidas neste intuito? Não é impossível. O mesmo se deu com as notas pessoais das quais pouco resta. Havendo sua morte ocorrido em poucos dias, ele mesmo não teve certamente tempo para destruí-las todas pessoalmente. Além disso, ele não havia terminado suas «Méditations sur l'Incarnation» já que no dia da morte ainda havia corrigido provas delas (cf. Circ. vol. IV, p. 303). Neste caso, por que tanta pressa em desfazer-se delas? Entretanto, quando dois meses após o falecimento, Irmão Louis-Marie solicita em sua circular que os Irmãos que possuíssem documentos sobre o falecido lhos remetessem, ele não deixa supor que dispusesse de notas pessoais. Mais ainda, esses documentos, dos quais pôde recolher um bom número, só existem hoje sob forma de cópias feitas em cadernos. Não é de estranhar que não tenhamos nenhum original das numerosas cartas de Irmão Jean Baptiste. Parece que Irmão Amphiloque, quando escrevia a biografia desse último, possuia ainda documentos, pois cita o teste-

munho de três Irmãos. Talvez tenha sido ele que escreveu o que consta ainda hoje sobre os cadernos com uma margem de meia largura da página. Em resumo, a única hipótese que podemos adiantar é que se estimava importante o conteúdo do documento, não o próprio documento.

1858

Depois dessa digressão retomo o fio cronológico e paro no ano de 1858, quando se deu a transferência da casa generalícia de Notre-Dame de l'Hermitage para Saint-Genis-Laval. Irmão Avit, em seu «Abrégé des Annales» constata a respeito: «Durante a transferência alguns objetos se deterioraram bastante. Os arquivos sobretudo sofreram e certo número de documenos preciosos, peças oficiais recebidas, relatórios de visitas, etc... perderam-se. É lastimável!» (Manuscrit, cahier 6, p. 507). Seria duplamente lastimável se estivessem entre essas perdas documentos relativos diretamente ao Padre Champagnat, como cartas, pois temos consciência do desaparecimento pelo menos de algumas.

1860

Considero um acontecimento não desprezível na história de nossos arquivos a abertura de um registro nos atos do Conselho Geral. Ora, o primeiro que possuímos começa em 1860, quando respondeu pelo governo do Instituto o Irmão Louis-Marie que era então, de direito, apenas Vigário Geral. O registro traz como título: «Conselho do reverendo irmão Superior Geral». Em questão de registro, não é ainda senão um caderno grosso, formato 21,30 × 17, contando 164 páginas das quais só as 85 primeiras são utilizadas, pois pára de repente a modo de um caderno de aluno diante de uma tarefa que não está disposto a fazer, depois de haver posto a data e a primeira palavra: «Sessão de 7 de outubro de 1866». 1° «mais nada nas 80 páginas restantes. É tanto mais estranho pois o registro seguinte começa pela «Sessão de 25 de janeiro de 1876». Como o problema que aqui surge não diz respeito diretamente à história dos arquivos, deixo de aprofundá-lo.

As atas são muito sucintas, sem nenhuma assinatura o tempo todo. A título de ilustração, eis o começo da primeira sessão registrada.

Deliberação de 12 de outubro de 1860

Pessoal da Casa Mãe

Diretor: ir. Chrysogone, Assistente
Procurador: ir. Anobert

Vice-diretor: ir. Marie-Clarent
1a. classe do noviciado: ir. Placide
2a. id. id. : ir. Euthique
3a. id. id. : ir. Augustinus
4a. id. id. : ir. Gatien

Escola de reserva

Primeira classe: ir. Tite
2a. id. : ir. Constant

Pessoal de l'Hermitage

Solicite-se ao R.I. Francisco, Geral, que se encarregue da direção da casa.
Ecônomo: ir. Théophile
1a. classe: ir. Sylvestre
2a. id. : ir. Arcade

Visitadores

Ii. Avit, Acquilas, Callinique

Colocações diversas

Bretuil: ir. Marie-Jubin
Lavala : ir. Vincent e Bertuin...

Ecônomos dos Pensionatos

De acordo com o art. II du capítulo XI, 1a. parte das Constituições, o Conselho decide que haverá um irmão ecônomo nas seguintes casas: Neuville, St. Didier sur Chalaronne, Valbenoite, Charlieu, Breteuil. São nomeados ecônomos: para Neuville: ir. Conrad

para La Côte
para Valbenoite

(fim do relatório desta primeira sessão)

Sempre a título de ilustração, transcrevo outro exemplo para mostrar até em que detalhes entrava o Conselho Geral no início do generalato do Ir. Louis-Marie.

8 de março de 1861

1° o caro ir. Jean Baptiste cuidará e preparará o manual de cozinha.
2° Cuidar-se-á para que o bacalhau seja cozido e dessalgado. Escolher a maneira mais saudável para prepará-lo.

(Nada mais para esta sessão)

Apesar das frivolidades, sobretudo no início, devo entretanto sublinhar a importância desses registros que, infelizmente com lacunas, vão con-

tinuar até nossos dias. Que não verá neles a riqueza de informações que podem oferecer para uma história séria do Instituto?

1867

Através de uma pequena circular, datada de 1° de julho de 1867, Irmão Louis-Marie, lembrando o falecimento de Irmão Pascal, Assistente, ocorrido no igual dia do mês precedente, solicita aos irmãos lhe transmitam as cartas que tivessem e os testemunhos que pudessem fornecer sobre o falecido, para que Irmão Jean Baptiste ocupado em redigir as «Biographies de quelques Frères» pudesse acrescentar a desse Irmão. Basta ler a notícia biográfica de Irmão Pascal (B. 1, pp. 276 a 330) para perceber que os Irmãos responderam generosamente ao apelo que lhes fora feito. Mas hoje somos obrigados a constatar que nenhum dos testemunhos foi conservado, o mesmo acontecendo com as notas pessoais do Irmão em questão. O fato só nos interessa aqui como uma chance perdida, mostrando uma vez mais o valor que se dava outrora à conservação dos documentos autênticos.

1870

Três anos mais tarde surge um fato de outra natureza que, mesmo apenas político, nem por isso afetou menos nossos arquivos. Depois do desastre de Sedan, toda a população francesa se erguera contra o invasor e ninguém criou dificuldades para ceder as grandes residências para abrigar os soldados. Foi assim que «na casa mãe, desde 13 de outubro de 1870, haviam chegado tropas que aí acampariam. O conjunto da casa teve que refugiar-se em L'Hermitage. Mas alguns Irmãos antigos ficaram para guardar a casa... Toda a mobília foi transferida para a capela que, com o museu, a biblioteca e o pavilhão do Superior Geral, não havia sido requisitada» (Petit historique de la Province de S. Genis, pp. 15-16). Irmão Avit confirma o fato e esclarece que nessa transferência, na qual alguns Irmãos tomaram parte, havia «certa bagunça inevitável em meio à qual uma parte dos arquivos desapareceu» (Abrégé des Annales, cah. 7, p. 654). O analista, desta feita, não exprime sua lástima, mas a insistência em citar os arquivos mostra que não ficou insensível diante do fato.

1876

Quando os soldados deixaram a casa, «tudo foi encontrado num estado de sujeira total» (Petit historique, p. 15), mas progressivamente tudo foi reposto em ordem como antes, graças às subvenções por danos de

guerra que o Estado autorizou. Logo, porém, o desenvolvimento do Instituto estava a reclamar uma reorganização. Eis porque a Ata da sessão de 16 de outubro de 1876 de Conselho Geral assinala: «Foi depois exposta a necessidade de organizar a enfermaria no segundo andar da ala oeste da casa, a fim de poder organizar as celas dos ir. Assistentes, o secretariado, a procuradoria, os arquivos e a biblioteca na parte leste do primeiro andar. «Que eu saiba, é a primeira vez que se fala de um local para os arquivos, embora não se precise ainda a localização nem qual o Irmão que tivesse diretamente a responsabilidade. Sem dúvida seria o Irmão Secretário Geral, mesmo que as Regras de Governo de 1854 nada digam a respeito.

1881

Seja como for, alguém deve certamente cuidar deles, durante uns bons dez anos, pois utilizando-os todos, vai enriquecê-los consideravelmente: é o Irmão Avit, conhecido como autor dos «Annales». A pedido dele, e por causa de saúde precária, o Capítulo Geral, em sua sessão de 12 de março de 1880, declarou-o descarregado de sua função de Assistente, responsável da Província do Bourbonnais da qual o Capítulo precedente, pouco mais de três anos antes, em 25 de agosto de 1876, o havia encarregado. Sua intenção certamente não era ficar sem nada fazer, mas talvez fazer finalmente o que sempre desejara fazer. Nomeado Visitador em 1859, ele se lembra que a 12 de novembro de 1860, o Conselho Geral tomara a seguinte decisão: «7° — Os ir. Visitadores ficam encarregados de preparar os livros dos anais em cada estabelecimento. Para tanto, trarão todas as notas que puderem à Casa Mãe onde esses livros serão começados por um irmão que será encarregado da redação» (Reg. Délib. 1, p. 11) No ano seguinte, o mesmo Conselho decide, em data de 14 de novembro de 1861: «5° — Os Irmãos Visitadores redigirão os anais de cada estabelecimento para o ano em curso, a partir da última visita. Um irmão da Casa Mãe será encarregado de pedir a cada Irmão Diretor local o histórico do estabelecimento desde sua origem até o ano de 1861» (id. p. 27-28). Sem dúvida é de pelo menos uma parte desse lote de documentos recolhidos durante perto de dez anos que ele constatou a perda em 1870, constatação que estava em condições de fazer já que seu interesse ia nesse sentido, dado que ele mesmo deve ter contribuído muito para ajuntá-los. Mas o que adianta chorar sobre as perdas! Para compensá-las, assim que ele for dispensado de qualquer outro cargo, ele viajará durante dois ou três meses por ano, nas regiões que outrora percorreu, indo de casa em casa, recolhendo aqui e ali documentos que, somados ás lembranças de sua memória vasta e fiel, devem compor os Anais de cada casa do Instituto. De-

pois de haver feito ampla provisão de notas, volta a fechar-se no quarto e, com a ajuda de seus secretários, põe tudo em ordem e entrega-se a um trabalho de redação assíduo, paciente, obstinado. Difícil imaginar o montante de cadernos que nos deixou como testemunho de seu imenso labor: são os Anais gerais do Instituto e os de perto de 600 casas particulares, inclusive de estabelecimentos supressos» (Biog. de qq. fr. vol. 2, p. 7). De acordo com as datas que ele próprio indica no início de cada um dos anais, sendo o primeiro o de Mornant que ele começa a 21 de abril de 1881. Dois outros seguem no mesmo mês: o de Duerne, começado em 27, e o de Aveize, em 30. Durante o mês de maio seguinte, quatorze outros surgem: St. Genis l'Argentière a 1, St. Fove l'Argentière a 2, St. Laurent de Chamousset a 3, Sr. Romain de Popey igualmente a 3, Villechenève a 5, Bully a 9, st. Forgeux a 11, Thizy a 12, Cours a 15, La Clayette a 19, Varennes sous Dun a 21, Monsols a 25, Tramayes a 28, e Matour a 29. Fiz questão de citar os nomes para fazer ver seu método de trabalho que consiste em agrupar as casa por regiões. Isso corrobora o que afirma seu biógrafo, que ele ia primeiro informar-se in loco. Ao lado desses anais particulares das casas, ele inicia já em 1884 o «Abrégé des Annales», isto é, em suma, a história do Instituto desde os familiares do Fundador, 1775, até 31 de maio de 1891. São oito volumosos cadernos que totalizam 860 páginas, mais um caderno de referências de 24 páginas. A 31 de dezembro de 1891, redige ainda os anais de Bizonnes, mesmo se segundo seu biógrafo, «a partir do final do mês de dezembro último (1891), apareceram os primeiros sintomas de uma doença grave» (op. cit. p. 11) e que a 7 de fevereiro de 1892, às duas da tarde, sua vida terrestre se tenha acabado.

A obra que ele nos deixa, inédita até hoje, exceto uma parte do Abrégé, confunde-nos por sua dimensão e pela aplicação constante que se impôs durante dez anos para realizá-la. Certamente, ela não é perfeita e muitos erros terão sido apontados, sobretudo de datas, mas como evitá-los quando, sobretudo para a história das origens, só se dispunha da memória de alguns bons veteranos, pois não se tinha o cuidado de anotar os fatos. Evidentemente os estabelecimentos da Província do Norte, de difícil acesso para ele, dada a distância, não tiveram a mesma atenção dos outros. È evidente que os anais desses estabelecimentos não foram compostos por Irmão Avit, pelo menos por ele apenas, mas em grande parte por Irmão Marie-Ferdinand, Mury Ambroise, Irmão de Viviers que, em janeiro de 1888, aos 63 anos, deixa Aubenas para fixar-se em Saint-Genis-Laval e auxiliar o analista. Ter-se-ia deslocado para informar-se pessoalmente sobre os locais e recolher os dados necessários? não sabemos, mas possuímos indícios de uma correspondência com irmãos da Província, como Irmão Sigisbert, mestre de noviços de Beaucamps. Na Província do

Bourbonnais temos fato semelhante, isto é, um Irmão cujo nome ainda ignoramos que se deu ao trabalho de continuar os anais de Frère Avit até 1903.

Para encerrar este tema, preciso fazer notar que jamais saberemos tudo o que devemos a Frère Avit. Além dos anais, ele nos deixou certamente muitos documentos que utilizou primeiramente. Se para a maioria de nossas casas daquele tempo nossos arquivos possuem um dossier mais ou menos completo de documentos desde sua fundação até 1880, não o estaríamos devendo a ele? O fato é que na maioria das vezes os documentos citados nos anais encontram-se ainda em nossos arquivos.

1886

Frère Avit estava entregue à elaboração dos anais da Província de Notre-Dame de l'Hermitage quando, a 2 de fevereiro de 1886, Frère Théophane, Superior Geral, anunciava através de circular sua decisão de introduzir a causa de beatificação de M. Champagnat (C. VII, p. 254). Os arquivos vão ser aproveitados, sobretudo os referentes ao Fundador e, além disso, vão enriquecer-se de novos documentos. Na circular vem dito: «1°... Rogo os Irmãos que tiveram a dita de conhecer o P. Champagnat, os que dele ouviram falar pelos primeiros Irmãos ou por outras pessoas, ponham por escrito tudo quanto sabem... 2° Os Irmãos que tivessem escritos do Padre Champagnat queiram encaminhá-los a mim. Indiquem-nos também pessoas, sacerdotes ou leigos que possuam também... (op. cit. pp. 256-257)». Além disso, o Irmão Superior Geral dirige uma circular aos sacerdotes originários de Lavalla. «Queira, Sr. Padre, diz-lhes, aceitar meu apelo no sentido de fornecer-nos notas sobre nosso piedoso Fundador. Suas lembranças da infância e da família recordar-lhe-ão, sem dúvida, seja alguns fatos da vida de nosso bom Pai, seja algumas das obras que ele criou quando você era vigário em sua paróquia de Lavalla. Ficar-lhe-íamos outrossim muito grato se tiver a gentileza de comunicar-nos as tradições conservadas a seu respeito nas famílias cristãs» (R.C.L.A.; vol. 8, N° 9216). É fora de dúvida que nesta oportunidade muitos documentos se somaram aos que já estavam nos arquivos e que estes últimos foram objeto, pela primeira vez quem sabe, de minucioso inventário. Os escritos do Fundador Foram transcritos em cadernos, mesmo várias vezes, pois possuímos quatro exemplares diferentes desses cadernos que contêm mais ou menos os mesmos documentos. Os testemunhos recebidos dos Irmãos e de outras pessoas foram anotados também. Salvo os dos primeiros, de 1886, os originais não chegaram até nós. Quanto aos escritos do Padre Champagnat, podemos constatar que a partir de então aparentemente não sofreram perdas, pelo contrário algumas cartas e outras peças provavelmen-

te somaram-se a eles, mas é-nos impossível precisá-las, pois a tormenta que se vai seguir mudará a situação.

1903

Com efeito, ninguém ignora o que representa o ano de 1903 para o Instituto ainda predominantemente limitado ao solo francês. A 3 de abril, a casa de Saint-Genis-Laval é informada de que dentro de três meses todos seus ocupantes deverão deixá-la. Decidir para onde refugiar-se, adquirir uma residência em país estrangeiro, prepará-la, desmontar toda a administração de um Instituto de 7.000 membros e tudo isto num prazo de 93 dias! Como estranhar que as pessoas se tenham apavorado! Nessas condições a saída é como um incêndio. Os objetos de valor são confiados a pessoas de confiança, quando não cedidos. Com os arquivos procedeu-se a uma seleção, separando o que se ia levar e o que seria destruído pelo fogo que, dizem, levou dias queimando. Não seriam hoje de grande valor os documentos então julgados comprometedores? Mas não adianta chorar e demo-nos por felizes que o essencial tenha acompanhado a administração geral e tenha sobrevivido ao entulho que precedeu a organização da nova casa.

1917

O pó deve ter-lhe acalmado a angústia até 1916, pois não surgiu nenhum fato que o pudesse alterar durante esse tempo. Mas a partir desta última data começaram os preparativos do centenário do Instituto, que foi uma ocasião de uma volta à história do passado, partindo de uma consulta dos arquivos. Quem não teria gostado de tê-los à sua disposiçao para redigir o volume XIII das circulares com a lista de todos nossos Irmão falecidos desde as origens, a dos estabelecimentos por Província e sobretudo a cronologia que durante cinquenta anos será praticamente nosso único guia de nossa história. Forçoso é reconhecer, entretanto, que os próprios arquivos não são mais mencionados.

1921

É da mesma natureza o fato da redação da nova biografia popular de M. Champagnat por Mgr. Laveille, que saía pela editor Téqui no decorrer do ano de 1921. A 2 de março de 1918, «acolhendo proposição do R. Irmão Superior Geral, o Conselho, por unanimidade dos membros presentes, decide aceitar as proposições de Mrg. Laveille, Vigário Geral de Meaux que propõe escrever por nossa conta uma Vida popular do Ve-

nerável Padre Champagnat, num volume de perto de 500 páginas, in octavo, mediante 8.000 francos de custos». (Atas do C.G., vol. 7, p. 313). Depreende-se da abundante correspondência trocada que o escritor serviu-se dos testemunhos fornecidos para a causa de beatificação, mas também dos escritos do Fundador. Por prudência foi-lhe entregue um dos volume de cópias, mas ao final do trabalho ele quis ver alguns originais. Apesar da distância e da passagem de fronteira, foram-lhe enviados. Não há razão para não crer que hajam sido fielmente devolvidos, pois em lugar nenhum há resquícios de reclamação nesse sentido.

1948

Depois da guerra, com o governo do Irmão Léonida, é como que uma nova era que começa na história de nossos arquivos. Saem da sombra e adquirem direito de cidadania em nossa organização. Nos «Annales--Ephémérides de la Maison-Mère», mantidos do mês de agosto de 1948 a agosto de 1959, o analista anota sua chegada com a data de quarta--feira 4 de agosto de 1948, nos seguintes termos: «Chegada do Irmão Jules--Victorin, nomeado arquivista pelo R. Ir. Léonida, S.G., a 20 de junho. Ele vem de Grugliasco (Itália), onde exercia as funções de Instrutor do Segundo Noviciado» (op. cit., p. 1). Que eu saiba é a primeira vez que se fala de um arquivista entre nós; o fato merece registro.

Quanto a sua função prática, nada se diz. Sem dúvida consistiu inicialmente em preparar o local que deverá receber os arquivos, pois no ano seguinte, nos mesmos «Annales-Ephémerides» vem dito: «1949, 25 de junho, sábado - Faz alguns dias que se esvaziaram os locais do quarto n° 7, primeiro andar, no centro do edifício, destinado a ser a sala dos arquivos. Um material apreciável de documentos diversos vai chegar nos próximos dias em vagão especial de antiga casa-mãe de Grugliasco (Itália)» (id. p. 9). A chegada desse «material» não vem assinalada. Esse termo estaria a designar o conjunto de nossos arquivos que teriam ficado durante dez anos longe de controle direto da administração geral, ou apenas uma parte deles, mas qual? Isto nos mostra que neste campo pelo menos tudo estava por organizar.

1955

Irmão Jules-Victorin nada nos diz sobre o estado em que encontrou os arquivos quando por eles se responsabilizou. O pouco que chegamos a saber é através de pesquisadores que os consultaram, alguns anos mais tarde, aí por 1955. É a caso de Irmão Louis-Laurent que preparava sua tese para o Diploma de Estudos Superiores, apresentado em 1956. Ora,

em sua bibliografia, os «Archives Généralices des Petis Frères de Marie» come ele os denomina, vem mencionados com esta observação histórica: «Eles sofreram muitas transferências... (o que explica) não estarem nem inventariados nem ainda seriamentre classificados; aliás o local onde atualmente se encontram só permite ficarem amontoados» (op. cit., p. 11). Supondo impssível ou inútil para seu estudo fazer «um inventário mesmo sumário», contenta-se com resumos parciais de seu conteúdo. Mas por outro lado ele começa em janeiro de 1955 a publicar uma série de artigos no Boletim do Instituto sob o título: «Contribuição para uma retomada dos trabalhos históricos sobre as origens dos Pequenos Irmãos de Maria». Esses estudos científicos, de um lado, atingem sua finalidade anunciada no título e, por outro, chamam fortemente a atenção sobre nossos arquivos.

Pela mesma época, o Padre Jean Coste valeu-se dos nossos arquivos com vistas à preparação da obra que estava compondo com o Padre Gaston Lessard, as «Origines Maristes». Indicando as fontes, fala demoradamente de nossos arquivos: começa com um curto esboço de sua história (O.M.1; pp. 60-61); em seguida apresenta um inventário deles (id. pp. 67-72). Depreende-se claramente que não havia então uma classificação sistemática dos documentos. O Irmão arquivista certamente encontrou esses documentos amarrados por fitas ou ele próprio os amarrou assim, indicando en cada fita as peças com um número escrito com pápis azul que ainda se pode ver. Certamente não tinha condições de proceder melhor, pois, o que não faltava era interesse por seu trabalho como prova sua atividade crescente. Com efeito, aproveitando as ocasiões que se apresentam, ele pesquisa familiares do Fundador, recolhe testemunhos da boca de Irmãos idosos, redige uma porção de artigos para nossas diversas publicações, sobretudo uma série de quatro artigos que intitula: «Nos Archives» e na qual dá um inventário bastante sumário dos documentos, alguns dos quais ele transcrevere a modo de ilustração (B.I. vol. 22, pp. 3881, 452, 524, 597). Finalmente, para ser exaustivo, assinalo um último inventário publicado na obra de Irmão Pierre Zind, «Nouvelles Congrégations de Frères enseignants en France de 1800 à 1830», nas págins 527 a 529.

Graças a esses trabalhos, nossos arquivos passam para o domíno público, tanto assim que é cada vez mais urgente oferecer-lhes melhores conduções de utilização. A nova casa central em construção deixa entrever boas esperanças.

1960

Em sua sessão de 25 de junho de 1960, o Conselho Geral decide convocar Irmão Fernando Luis Rey para o trabalho dos arquivos. Terá

apenas o tempo de preparar a transferência para Roma, o que se fará nos meses maio-junho de ano seguinte. Incumbe-lhe pois, sob a responsabilidade do Irmão Secretário Geral, instalar os arquivos no novo local e organizar o mobiliário. Será coisa provisória, pois a massa é tal que se torna difícil ter-se de imediato uma visão global. Por isso seu primeiro cuidado será confeccionar fichas para cada peça. Dias e dias a fio baterá fichas, com a identificação da peça e a síntese do conteúdo. Mesmo que posteriormente mais da metade dessas fichas se tenham revelado inúteis, forçoso é louvar a coragem e tenacidade de que o arquivista deu prova.

1965

Enquanto se ocupava ainda com este trabalho, o Conselho Geral julgou oportuno, para a conservação de nosso patrimônio, mandar fotografar nossos arquivos em micro-filmes. Para tanto apela para o Irmão Pierre Hilary Provost, da Província de Poughkeepsie, U.S.A., que trabalhou nisso durante vários anos. O resultado forma 29 bobinas de filmes de 32 mm, contendo uma infinidade de documentos relativos ao Fundador, inclusive os Cadernos e os Registros, a História, sobretudo a série completa dos «Annales de Frère Avit», e a Administração geral com as Atas dos Capítulos Gerais até inclusive o décimo quinto (1958). Várias cópias, de acordo com os pedidos das Províncias, foram feitas, de maneira que nossos arquivos não estão mais «confinados» na casa central.

1967

Mas não era apenas isto que justificava a classificação, pois sua urgência se evidenciava pelo movimento que começava a esboçar-se em favor da consulta os nossos arquivos e as pesquisas sobre nossas origens. Com efeito, o aparecimento das «Origines Maristes» de J. Coste e G. Lessard, por um lado e, por outro, a presença na casa central de Irmãos Estudantes que deviam preparar teses e que preferiam muitas vezes escolher assuntos em nossa própria história, suscitaram o movimento. Quando se tornou necessário substituir a Irmão arquivista, cuja contratação chegara ao fim, foi levado isso em conta que o sucessor foi escolhido. O Conselho Geral apelou para o Irmão Sean Joseph Hanaray, da Província da Nova Zelândia, que assumiu suas funções no decorrer de mês de dezembro de 1967. Num relatório que redigiu três anos mais tarde, ele dá uma avaliação da situação de nossos arquivos. «Em dezembro de 1967, escreve, vários Irmãos Conselheiros Gerais solicitaram-me empreendesse a reorganização e a classificação sistemática dos arquivos. Era evidente a necessidade urgente de fazê-lo, pois os arquivos nãs estavam classificados de modo científico.

Haviam-se estabelecido vários índices válidos «para a gente se encontrar», mas os próprios arquivos haviam ficado em grandes divisões, sem uma classifição sistemática detalhada. Além disso o tipo de mobília ficava devendo e quase todo o espaço utilizável fora ocupado, o que se constituía numa dificuldade real dado o crescimento contínuo dos arquivos.

A mobília foi, pois, parcialmente modificada para economizar espação e a pesquisa. Embora o sistema de dossiers verticais não seja ideal para arquivos, devemos aproveitar da melhor forma a mobília já instalada...

Classificação. Não existe «sistema» de classificação de arquivos que seja «a melhor» para todos os casos. É preciso levar em conta alguns princípios e processos de base, mas cada Instituição de arquivos deve aplicar seu sistema particular para melhor aproveitá-lo. Através de visitas aos arquivos de Institutos religiosos e de conversas com os responsáveis, aos poucos fui implantando um sistema de classificação de nossos arquivos em consonância com nossa situação e as necessidades particulares.

Os documentos mais importantes foram classificados cada um num dossiê separado. Assim ninguém se verá obrigado a manipular vários para encontrar um, donde menos risco de que sejam danificados».

De fato, ele dividiu o conjunto dos arquivos, depois de haver separado tudo o que fosse registros, livros, etc... em sete classes principais que são: 1) O Fundador; 2) A História; 3) A Administração; 4) As Relações externas; 5) O Pessoal; 6) As Províncias; 7) Finanças. A classificação de tudo quanto diz respeito ao n° 1) O Fundador foi feito detalhadamente, o mesmo se verificou com os n° 2) A História e o 5°) O Pessoal, mas para esses dois últimos serão feitas retificações por causa de novos dados. Portanto, a partir daqui, a base de nosso classificação está definitivamente estabelecida, bastará continuar na linha indicada pelos múltiplos documentos que ainda falta por classificar nos n° restantes.

1974

Irmão Alphonse Bertrand, da Província de Lévis, Canadá, tomou a direção de 1974 até 1980. Trabalhos de pesquisa para o Vaticano tomaram-lhe muito tempo, tanto que não pôde prosseguir como pretendia a tarefa que tinha pela frente. A massa de documentos relativos às Províncias, que representa quase a metade do volume total de nossos arquivos, foi objeto de uma primeira triagem, mas não de uma classificação em regra. É preciso dizer também que para esse departamento a chegada de novos documentos não pára nunca.

Falando de novos documentos, devo assinalar, sem poder precisar a data, os dos fundos de Saint-Paul-Trois-Châteaux, volume considerável, com documentos antigos de François Mazelier, das origens de sua congre-

gação, de sua união com a nossa, etc... Esse material continuou apenas separado, à espera de inventário sério.

1979

Apesar de todo esse trabalho que estava por fazer, para tornar a totalidade de nossos arquivos acessível aos pesquisadores, um amplo setor cumpria já essa função. Tanto o cumpria que logo impôs-se a necessidade de preservar os originais que já não suportavam as numerosas manipulações de que eram objeto. As cartas do Fundador eram sem dúvida as mais ameaçadas daí merecerem mais conservação. A situação foi apresentada ao Conselho Geral que decidiu, em sua sessão plenária de setembro-outubro de 1979, mandar restaurá-las numa casa especializada do Vaticano. Daí por diante, séries de fotocópias são postas à disposição do uso comum, ficando os originais conservados, podendo ser mostrados seja para satisfazer piedosa curiosidade, seja para esclarecer dúvidas de algum pesquisador mais meticuloso.

1985

Com o último Capítulo Geral de 1985, enveredamos, mais uma vez, numa era nova: a da informática. Já que toda a Administração deve entrar em computador, os arquivos também entram nesse programa. Depois de pôr ordem todos os documentos chegados mais recentemente e ainda em simples cartões, paramos todo trabalho de classificação para concentrar todos os esforços no lançamento em computador de todas as peças. Com isso ficarão feitos simultaneamente o inventário e a classificaçaão.

Dois colaboradores, contratados pelo Conselho Geral para a trabalho quase permanente dos arquivos, consagram seus dias a esse trabalho subterrâneo cujo resultado permanece ainda escondido sob a massa de material. Até a presente data, 20.700 fichas, representando cada uma um documento, estão registradas. São os documentos relativos ao Fundador (N° 1) e às Províncias francesas, (N° 60), as mais ricas em documentos antigos, por isso mesmo material mais requisitado pelos pesquisadores.

Tempo, espírito de método e de paciência, eis as exigências que permitirão aos arquivistas de hoje oferecer ao público um instrumento de pesquisa eficaz e rápido, conforme as necessidades de momento. A finalidade para a qual nos conduziu a história que assumimos de bom grado com suas alegrias e tristezas, em nome de nossos antepassados para um futuro de fecundidade.

O «CENTRO DE ESTUDOS MARISTAS»
Província do Rio de Janeiro

Irmão Luiz Silveira
Coordenador do Centro de Estudos Maristas

1 - Criação do Centro

O «Centro de Estudos Maristas» foi instituído pelo então Provincial, Irmão Gentil Paganotto, e pelos membros de seu Conselho, em reunião de 27 a 31 de agosto de 1986, no Recanto Marista, Areias.

Possui sede própria, inaugurada no dia 15 de agoto de Ano Champagnat de 1989, no seguinte endereço:

Rua Aimorés, 2480/2° andar
Bairro Santo Agostinho
30.410 Belo Horizonte (MG)

É integrado por um grupo de Irmãos voluntários e está aberto à participação temporária ou permanente de todos os Irmãos.

O Centro está a serviço da missão marista.

2 - Objetivo do centro de estudos

Possibilitar o aprofundamento da vida marista, de maneira a descobrirmos melhor nossas raízes religiosas, espirituais, apostólicas e educacionais.

3 - Funções do «Centro de Estudos Maristas»

3.1 Organizar e manter um serviço de documentacão textual, visual e sonora referente:

Ao Fundador
Ao Instituto
À Província do Rio de Janeiro

3.2 Montar uma biblioteca e uma hemeroteca específica sobre temas maristas.

3.3 Promover o estudo sistemático de:

O Fundador
Nossa história congregacional
A espiritualidade marista
A pedagogia marista
A história dos Irmãos no Brasil
A história da Província do Rio de Janeiro

3.4 Programar retiros, cursos, palestras sobre temas maristas.

3.5 Publicar livros e artigos relacionados à vida e à missão marista.

3.6 Traduzir e divulgar obras e escritos maristas.

3.7 Editar biografias de Irmãos da Província.

3.8 Colaborar com os que desejam aprofundar temas maristas e acompanhar o trabalho de pesquisas.

3.9 Oferecer aos Irmãos material de divulgação relacionado:

Ao Fundador
Ao Instituto
À iconografia marista

3.10 Recolher e custodiar o material histórico das casas da Província.

3.11 Motivar as casas a documentar a sua histórica, elaborar material novo e utilizar as produções e os serviços do Centro de Estudos.

3.12 Colaborar com:

As comissões provinciais
Os organismos e as revistas das Províncias e do Instituto

3.13 Ser a memória viva da Província.

3.14 Manter-se em contacto com:

O Secretariado Geral do Instituto
A Postuladoria Geral
Os Irmãos pesquisadores
Os Centros congêneres

4 - Livros publicados pelo «Centro de Estudos Maristas» no triênio 1986-1989

Irmão Pierri Zind, Visão panorâmica da História da Educação na Europa, 1987.

Irmão Pierri Zind, O Bem-aventurado Marcelino Champagnat e seus Pequenos Irmãos de Maria, 1988.

Irmão Pierri Zind, Seguindo os passos de Marcelino Champagnat, 1988.

Irmão Roque Plínio Loss, Biografia do Irmão Helvído Loss, 1988.

Irmão Zeferino Falqueto, Biografia do Irmão José Antônio Batalha, primeiro marista brasileiro, 1988.

Evocações, O Irmão Francisco fala do Padre Marcelino Champagnat, 1988.

Leonard Voegtle, Depoimentos dos contemporâneos de Marcelino Champagnat, 1989.

Irmão Sulpício José, Biografia do Irmão Mário Cristóvão, 1989.

CENTRO DE ESTUDOS DO PATRIMÔNIO ESPIRITUAL MARISTA
Província do México central

Irmão A. Brambila

Um novo convite

Nos primeiros meses de 1989, chegou aos Provinciais do Arco Norte Marista (América Central, Colômbia, Equador, México Central, México Ocidental o Venezuela) um convite para que se enviassem Irmãos para o primeiro curso que o CEPAM estava organizando. Informava-se que o curso completo seria dado durante três férias de varão consecutivas e que se pretendia estudar da maneira mais ampla possível o patrimônio Marista.

Una resposta incipiente, mas entusiasta

A resposta dos Provinciais não se fez esperar. Houve nove participantes no verão de 1989: dois América Central, dois da Venezuela, um do México Central e quatro do México Ocidental. Foi muito bom o trabalho realizado. Magnífico também o ambiente vivido.

O que o CEPAM pretende ser

O CEPAM é uma estrutura visando o estudo do patrimônio espi-

ritual do Instituto. A sigla identificadora significa: Centro de Estudos do Patrimônio Espirital Marista. Um dos compromissos do Cepam á de organizar cursos durante as férias de verão. No entanto, não permanece ocioso durante o ano, dado que se dedica a leituras sobre Marcelino, dar aulas sobre o patriônio marista no Noviciado e colher dados para os diversos arquivos.

Como se originou?

Nasceu de uma ansiedade: temos grande quantidade de documentos sobre Marcelino Champagnat, já publicados ou ainda inéditos. Como ordenar todo esse material para torná-lo acessível aos Irmãos? Onde e quem pode realizar isso? Que sistema estabelecer para estudá-lo com método?

A Província do México Ocidental, orientada pelo Esta. 164.2, viu a necessidade de abrir um Centro onde se concentrasse esse material e se pudessem realizar estudos sobre o patrimônio. Fundou-o oficialmente com o nome de CEPAM, em abril de 1989, como parte das comemorações do bicentenário, na cidade de Morelia, Michoacán, nos prédios do Noviciado.

Para quem é?

Os destinatários naturais do CEPAM são os Irmãos Maristas do Arco Norte Marista. Convidam-se os Provincias a enviar pessoas que possam constituir-se, posteriormente, difusores do que é Marista em suas províncias. Está pensando num grupo não mais de 15 Irmãos a fim de não perder a riqueza de uma intensa interação pessoal.

Que objetivos se propõe o CEPAM?

— Possibilitar um maior conhecimento do Instituto.

— Facilitar o estudo sobre o patrimônio espiritual Marista.

— Colher material de estudo: documentos, bibliografia...

— Pôr os Irmãos em contacto direto com os documentos transcritos.

— Facilitar as publicações nas quais se editaram os diversos documentos, estudos o comentários.

— Fomentar a preocupação pela história das Províncias.

— Fornecer aos Irmãos espaço físico e psicológico onde possam aumentar sua capacidade de falar com Marcelino.

— Propiciar a vivência comunitária do amor a Marcelino e ao que é Marista, dando oportunidade de falar sobre ele, de maneira explicita, com grande liberdade e sem respeito humano.

— Preparar difusores dos assuntos Maristas.

— Dar impulso à redação de biografias de Irmãos;

— Cuidar para que se tenham os dados dos Irmãos defuntos nas respectivas províncias e que sejam citados no calendário religioso de cada uma.

Como funciona?

O trabalho no CEPAM é desenvolvido conforme um compromisso tácito de intercomunicação, que poderia ser formulado assim: «Nada do que eu descobrir a respeito de Marcelino é só para mim, devo torná-lo conhecido aos demais, por mais insignificante que pareça». Dessa forma, trabalha-se por meio de uma pesquisa pessoal e intercâmbio grupal.

A escolha dos estudos, livros, artigos, teses sobre temas maristas que devem ser lidos são deixados à livre iniciativa, cuidando que cada participante fique com algo diferente. No final, cada um presta contas ao grupo da leitura realizada. O estudo de documentos passa pelas etapas seguintes: apresentação genérica, análise pessoal de um documento (diferente para cada participante), exposição ao grupo do que achou no referido documento e intercâmbio livre sobre os documentos considerados. Tem à disposição dois computadores com capacidade conjunta de 60 megas. Dispõs de uma boa bibliografia e de documentos transcritos e já computarizados. Este últimos estão apresentados em coluna dupla: o original francês e sua versão espanhola.

Com que espírito se vive o CEPAM?

Embora o CEPAM não se limite a ser um lugar de concentração de material Marista, fornece também e acima de tudo, uma oportunidade de reviver, como experiência pessoal insubstituível, o contacto direto com Marcelino.

Desde o início, se estabelece um clima orante alimentado com os elementos do Patrimônio que vão sendo descobertos. O ambiente fraterno ajuda a captação mais viva do que é Marista. O trabalho manual, as festinhas e o lazer comunitário evitam uma abordagem apenas intelectual ou nocional. Propicia também emulação constante no trabalho de pesquisa e de divulgação.

Prospectiva

Os lugares de encontro com Marcelino são tão abundantes que talvez nos veremos na necessidade de estruturar o CEPAM em diversas áreas ou departamentos, que poderiam ser os seguintes:

— Correspondência ativa, passiva e relativa ao Fundador.

— Documentos vários (atas civis e eclesiásticas, sermões, resoluções, testemunhas).

— Estudos sobre o Fundador: livros, artigos, teses.

— Legislação

— Biografia de Irmãos.

— Magistério interno (dos Superiores Gerais e dos Capítulos Gerais).

— História do Instituto e das províncias.

— Contexto histórico (sociológico, cultural, espiritual) e geográfico das diversas épocas.

Também forma parte do projeto do CEPAM organizar, no final de três férias de verão, um peregrinação do grupo concluinte uma peregrinação a Hermitage.

Desiderata

Seria de desejar que se multiplicassem no Instituto esse tipo de Centros de Estudos. Durante as férias, ou em circunstâncias especiais, poderiam prestar bom serviço aos Irmãos que desejassem manter, aprofundar e desenvolver seus conhecimentos sobre o Fundador e o Instituto.

O complemento necessário, indiscutivelmente, para tais Centros seria um semelhante em nível geral, em Roma, que tivesse funções de coordenação, assessoria e animação.

ESTUDOS

O CONFESSOR DO PADRE CHAMPAGNAT

Irmão Gabriel Michel

I. Os elementos da solução

O Irmão João Batista, em sua biografia do Padre Champagnat, em 1856, fala do confessor que «abandona» seu penitente criticado, caluniado por diversos confrades. (Precisaria colocar as referências na nova biografia).

No espírito do biógrafo há, implicitamente, uma crítica a esse personagem misterioso que se deixou levar «por depoimentos falsos» e que «se cansou por tudo quanto ouviu dizer».

Tem-se até a impressão de uma atitude sem compaixão porque Marcelino «lhe suplicou, mas em vão, para que continuasse a dirigi-lo, nada conseguiu obter e foi obrigado a dirigir-se a outro».

É evidente que se o personagem em questão ainda vivesse, em 1856, e pudesse ler essa biografia, não seria nada agradável para ele. Ora, conforme veremos, parece muito bem que o caso fosse esse.

O Irmão João Batista deu prova suficiente de inconsciência ou de cinismo em sua paixão pela verdade para que não sejamos surpresos em demasia pela sua maneira de expor ao pelourinho alguns personagens de seu tempo. Já em sua primeira edição — na qual deverá refazer rapidamente 4 páginas — fala sem rodeios das bebedeiras do vigário Rebod,

do qual sabia que já havia falecido fazia trinta anos, das falhas morais do Padre Courveille, que julgava já falecido, mas que ainda vivia.

Não se constrange ainda menos de criticar, no capítulo 18 da primeira parte, o Bispo P. — que todos os Irmãos e outras pessoas não tinham trabalho em traduzir come Pompallier, mas sabendo que ainda vivia, procura atenuar a crítica.

No caso do «confessor» pode pensar que ninguém vai indagar em saber de quem ele quis falar, e dá a impressão que essa velha história dos anos 20, diz respeito a alguém com o qual Marcelino Champagnat não teve mais contatos depois. Acontece que ele emprega termos a partir dos quais podemos fazer conjeturas que vamos ver e que são confirmadas por outras testemunhas. Coloco em paralelo o texto do Irmão João Batista com uma carta do Padre Champagnat.

Texto do I.J.B	Carta do P. Champagnat ao Pe. Claude Duplay (1832)
Como o Pe. Champagnat nunca tinha empreendido coisa alguma sem ouvir seu parecer, ficou extremamente penalizado ao ver-se condenado por aquele mesmo que até esse dia, tinha sido seu amparo e guia. (Vida p. 149 ed. 1931)?	Pode-se dizer, verdadeiramente que o Pe. Jean-Louis Duplay, seu irmão, é a causa da existência dos Pequenos Irmãos de Maria. Eu não teria jamais empreendido e sobretudo continuado essa obra se ele não a tivesse formalmente aprovado. (Cartas: n° 27 p. 77).

Essa carta do Padre Champagnat esté endereçada a Claude Duplay que se tornou vigário de Marlhes após a morte do Pe. Allirot. Os Irmãos Maristas deixaram Marlhes em 1821, por causa da insalubridade da escola. O Padre Allirot morre em 1822 e o Padre Claude Duplay faz alguns pequenos reparos para melhorar o prédio que o Padre Champagnat aceita de retomar em 1832. É então que ele escreve a carta acima. Ele evoca, de início, os problemas dos primeiros anos da fundação dos Pequenos Irmãos de Maria, e, em seguida passa ao ano de 1824 e seguintes. As alusões são claras, mesmo se não existem datas.

A segunda parte da carta nos informa, com efeito, que Jean-Louis Duplay é amigo do Padre Dervieux, vigário de St. Pierre de St. Chamond. Este acaba de mudar radicalmente de opinião a respeito de Champagnat e agora ele pode mesmo ajudar Jean-Luis Duplay a compreender melhor aquele que ele mesmo tinha compreendido tão mal durante 4 ou 5 anos.

Jean-Louis Duplay é professor, depois ecônomo no Seminário Maior de Lião de 1817 a 1830, quando pois regressa a Jonzieux, pode deter-se

em St. Chamond na casa do Padre Dervieux, vigário de St. Pierre e é sem dúvida lá que Marcelino vai a seu encontro. (Embora Chausse, biógrafo de Jean-Louis Duplay situe tais entretenimentos em Lião).

Ora, se o Padre Dervieux pôde dizer, suponho eu, a Jean-Louis Duplay, nos anos 1822-23: «Deixe, portanto, esse Champagnat que é um tipo de homem que faz o que bem entende». Agora, no entanto, vê que se enganara e que o novo bispo, De Pins, bem informado pelo Padre Courbon, vigário geral, dá plena confiança a Champagnat e à Sociedade de Maria.

Mas, leiamos o que diz ainda Marcelino nessa carta de 1832:

«Quando foi questão de seu estabelecimento definitivo (= da obra dos Pequenos Irmãos de Maria) fui falar com ele, como fazia sempre para assuntos de alguma importância».

Trata-se aqui de uma alusão clara à carta após a visita de Marcelino ao novo bispo, ao encorajamento que recebeu nesse sentido para construir Hermitage, e à promessa de uma ajuda pecuniária. Estamos, portanto, no começo de 1824. Jean-Louis, homem ponderado julgou no início que não se precisava ir tão depressa, mas dado que o arcebispo, chegado em fevereiro, se mostra favorável a partir de março, por que dizer não?

«Interessando-se plenamente com meu projeto, continua a carta, não acreditou de início que eu devesse deixar minha posição de coadjutor de La Valla para me consagrar inteiramente à obra (a obra dos Irmãos)».

«Tendo tido a oportunidade de falar longamente de minha obra com o Padre Dervieux, vigário de St. Pierre em St. Chamond, suas idéias se modificaram. Quando o tornei a ver, disse-me que veria com pesar se meus projetos não tivessem bom resultado. Repetiu-me que precisava ir em frente, que minha obra era obra de Deus e que eu nada tinha que recear...».

Esse texto mostra que a mudança de opinião do Padre Dervieux acarretou também a mudança, caso fosse necessário, de Jean-Louis Duplay.

Em documento datado de 3 de março de 1824, isto é, 3 semanas depois de chagada de Monsenhor de Pins, o Conselho de novo arcebispo declara-se oficialmente em favor da fundação dos Irmãos Maristas.

«16°. O Padre Champagnat, coadjutor de La Valla, cantão de St. Chamond, conseguiu formar Irmãos das escolas: determinado que ele será animado nessa boa obra». (O.M. n° 95) e OME...

Alguns dias mais tarde, (17 de março) a benevolência fica evidenciada no meio de conselho arquiepiscopal.

«O Padre Rouchon, vigário de Valbenoîte, propõe reunir em um local onde já existem Irmãs, mas numa parte inteiramente separada, a obra dos Irmãos de Marcelino Champagnat; ele já reuniu alguns candidatos. O Arcebispo aprovaria o Instituto e dar-se-ia uma alimentação mais conveniente com o trabalho dos Irmãos (O Padre, Rouchon deve recordar-se

da visita a La Valla dois anos antes e do menu excessivamente frugal que viu); o nome Pequenos Irmãos pareceu bem a esse Instituto. Tomar-se-ão melhores informações a respeito de tudo isso». (O.M. 96 e O.M.E.)

Está bastante sabido que o Padre Champagnat já escolheu Hermitage. Em maio de 1824 comprou um terreno onde será construída a casa. Tudo anda depressa e o inspector Guillard, que se acha em St. Chamond, no mês de junho para uma visitas às escolas primárias, deixou uma nota sobre essa rápida evolução das opiniões:

«O Padre vigário (sem dúvida Dervieux) que chega de Lião, assevera que o Senhor Arcebispo autorizou os Irmãos de La Valla. O Padre Brut (vigário de St. Martin, depois director do colégio de St. Chamond, acrescenta que já compraram um local na comuna de St. Martin Acoislieu para establelecer a casa central. Agora não há outras escolas primárias nesse cantão (de St. Chamond) fora aquelas dos Irmãos da Doutrina Cristã e de La Valla».

É, portanto, bastante evidente que o Padre Duplay não esperou o mês de junho para dizer a Marcelino de lançar-se a fundo à nova missão e que retomou, faz alguns meses pelo menos, seu papel de director espiritual do fundador dos Pequenos Irmãos de Maria.

II. Por que o Irmão João Batista embaralhou as pistas?

Como o Irmão João Batista teve conhecimento dessa história do confessor?

Tem-se a impressão muitas vezes que o Padre Champagnat teve de dizer um dia, em confiança, todos os aborrecimentos que teve, sem indicar nomes, e que depois da morte do Fundador, um biógrafo poderia fazer alusão sem saber de quem se tratava. Aliás quando se escreve em 1856 e que se fala de uma história dos anos 1820-24 pode-se pensar que ninguém vai dar importância a uma pequena frase. Trata-se de um aborrecimento no meio de uma multidão de outros.

Mas a semelhança das experiências entre a carta do Padre Champagnat e o texto do Irmão João Batista permitem também outra interpretação que seria e seguinte. O Irmão João Batista saberia que o Padre Champagnat nunca teve outro diretor espiritual além de Jean-Louis e outros Irmãos também o saberiam. Ora, Jean-Louis é agora (1856) superior do Seminário Maior de Lião. Poderia, com certeza, ser um dos leitores da biografia. Daí a necessidade de tomar cuidado.

Ao fala do «confessor» dos anos 1820-1823 como de alguém que deixou em definitivo Champagnat, entre os Irmãos, pensar-se-á ficou o «confessor» em seguida.

Mas de fato, é suficientemente comprovado que Duplay» foi o confessor desde o começo»: a carta de Marcelino é clara a esse respeito.

Poder-se-ia acrescentar o depoimento de Chausse na Vida do Padre Jean-Louis Duplay I p. 278:

«No meio dessas contradições, (os anos 1820-23) o Padre Champagnat ia seguidamente ao seminário de Lião, para entreter-se com o Padre Duplay, seu amigo e conselheiro. Ouvia seu parecer em tudo quanto se referisse ao bem de seu Instituto».

Não se precisa tomar em grande conta essa frase, porque Chausse, que escreveu 30 anos depois do Irmão João Batista, pôde contentar-se de repetir a este, mas pôde ter também outras fontes.

III. Por que Jean-Louis Duplay pôde «abandonar» o Padre Champagnat?

Tentemos agora de compreender o problema de Jean-Louis Duplay mesmo se seu «abandono» foi muito provisório, tem-se o direito de se perguntar: por que um homem tão estimável como Jean-Louis agiu dessa forma?

Em primerio lugar, é jovem, tem apenas un ano mais que Marcelino. Isso não deve supreender muito, porque Cholleton, por exemplo, que é professor de Marcelino, depois se torna vigário geral, em seguida padre marista, é também de mesma idade e no entanto é o diretor espiritual dos seminaristas de 1816 que se tornarão padres maristas.

Jean-Louis, nomeado professor no seminário de Argentière, depois no Seminário Maior de Lião, foi por diversas razões escolhido diretor espiritual de Marcelino em sua conduta pessoal e daquela dos penitentes de La Valla, entre elas, porque Jean-Louis é professor de moral a aceita posições menos rigoristas do que Santo Afonso de Liguori.

Mas Jean-Louis Duplay, professor, deve também tomar em conta o Padre Bochard, vigário geral responsável pelos seminaristas. Sabe muito bem que Champagnat acha uma obrigação de resistir às pressões do Padre Bochard que queria reunir os Irmão Maristas com os Irmãos da Cruz e vendo que todos não dão razão a Champagnat, lhe parece difícil dizer-lhe: «Seu dever é de resistir a essas pressões». De que forma, ele, jovem professor, poderia ter a certeza de que Champagnat tinha razão contra a autoridade?

Sem dúvida, o Padre Bochard é criticado em segredo por mais de uma pessoa no Seminário Maior e alhures, como se pode deduzir desta carta do Padre Courbon ao cardeal Fesch, exilado em Roma:

«O Padre Bochard é infatigável no trabalho; trata dos grandes negócios até às minúcias; faz prevalecer sua vontada em toda parte. O Semi-

nário Maior e os pequenos, as comunidades, ele é tudo: superior geral, superior local, superiora, ecônomo, etc... etc... Isso cansa a todos, também porque sua cabeça é um catavento; quando se agrada de um candidato é um fênix: em seguida o louva; quando tem alguém no olho, não pode mais suportá-lo, procura transferi-lo; quando acarinha um projeto, é necessário executá-lo. Se o bom Deus o tornasse bispo (1), os seminários, as comunidades contariam um Te Deum; os outros vigários gerais levantariam as mãos e exclamariam: Deo Gratias». (O.M. doc. 33 e O.M.E.).

Teriam sido necessárias lucidez e coragem carismáticas a Jean-Louis Duplay para encorajar a resistência ao Padre Bochard. Antes terá dito: «Vá com o Padre Préher de Tarentaise, o Padre Brut de St. Martin, etc... não me sinto em condições de ver com bastante clareza seu caso. Rezarei pelo senhor e mais tarde retomaremos o diálogo».

Tal é mais ou menos o tipo de frase atribuível ao Padre Duplay para não desesperar o amigo e aguardar 1824, esse ano repleto de esperanças.

---

(1) Evidentemente Courbon pensa em outra diocese, porque ao escrever a Fesch, não se faz alusão a uma substituição de Fesch, extremamente teimoso que, até sua morte em 1839, continuará a ficar em Roma, sem nunca querer dar sua demissão da sede de Lião.

P.S. A intuição não procede de mim, mas do Irmão Gobriano Maria (Prov. Rio) de piedosa memória.

MARCELINO CHAMPAGNAT EDUCADOR

Irmão Alexandre Balko

I - A VOCAÇÃO DE UM EDUCADOR

O momento histórico

1789, data do nascimento de Marcelino Champagnat e do mundo moderno. Essa coincidência reveste o valor de um símbolo se pensarmos que, por sua vocação de educador cristão e de fundador, o humilde padre devia consagrar a vida à evangelização do período da história que se estende até nossos dias.

Sabemos que o imenso salto para a frente que marca essa data está largamente fundado sobre os progressos das ciências, sua aplicação na técnica e na sua divulgação pela instrução.

O Padre Champagnat pertence à série de homens zelosos e clarividentes que souberam ler os sinais dos tempos e se dedicaram a inserir o fermento de Evangelho na poderosa corrente histórica da instrução escolar. Pela escola cristã e pela instrução cristã, contribuíram para a evangelização das próprias fontes da civilização moderna baseada na ciência a ne instrução.

Se a vocação da Igreja é evangelizar os períodos sucessivos da história, pode-se afirmar que, através da ação dos fundadores de Irmãos pro-

fessores no século 19, ela foi perfeitamente fiel à sua missão junto à juventude. Sabemos, aliás, que além da instrução primária, é a concepção global da vida que estava em jogo. É assim que ao zelo cristão dos Irmãos opunha-se cruzada dos mestres oficiais, os «carrascos negros da República», como os chama Charles Péguy.

O apelo dos jovens

Convém, porém, indagar que motivação direta motivou na corrente da instrução esse rapaz do campo que era Marcelino Champagnat. Não era dotado para o trabalho intelectual propriamente dito; ao invés, tinha forte inclinação para toda espécie de ocupações manuais nas quais era exímio. No entanto, pertencia a uma família de notáveis do campo na qual a instrução era tradição. O pai, sobretudo, tinha uma cultura notável para seu tempo e seu ambiente, o que lhe fez conferir vários cargos na administração pública.

O filho do presidente do Cantão de Marlhes devia necessariamente enfrentar as dificuldades da instrução. Ora, o rapaz teve tal dificuldade para aprender a ler e assimiliar os processos do professor da vila que decidiu não pôr mais os pés na escola. Mas tal resolução não podia durar numa época em que a instrução representava o futuro. Com um pouco mais de reflexão e de maturidade, o rapaz deixou-se convencer a acabou indo para uma escola clerical ou pequeno seminário, como tantos outros rapazes das melhores famílias do campo.

Entretanto, as dificuldades que encontra no estudo são reais, como constata o professor do pequeno colégio de Saint-Sauveur. Cunhado de Marcelino Champagnat, Benoît Arnaud aceita prepará-lo para o pequeno seminário, mas declara sem tardar que seu jovem parente não tem jeito para os estudos. Não levaram em conta a parecer e Marcelino penou onze anos para chegar ao sacerdócio. O segredo dessa obstinação está, sem dúvida, na descoberta progressiva de uma vocação de educador cristão, unida à vocação sacerdotal. Os traços já se notam nas primeiras notas íntimas conservadas e que remontam a 1810.

Acontece freqüentemente na vida dos santos que aquilo que os orienta para o dom total a Deus e ao próximo é uma provação importante. A experiência negativa do menino amadureceu a alma do adolescente e lhe abriu os olhos para a situação miserável em que se encontravam os filhos do povo diante do ideal da instrução e da educação cristã. O Fundador declara-o com a simplicidade que o carateriza:

> *«Nascido no cantão de Saint-Genest-Malifaux, departmento do Loire, só a duras penas cheguei a ler e a escrever, por falta de professores capacita-*

dos. Foi quando compreendi a necesidade urgente de uma instituição que fosse capaz de, com menos despesas, dar às crianças da roça o bom ensino que os Irmão das Escolas Cristãs proporcionavam aos pobres das cidades».

(28.01.1834)

Esse texto revela que o jovem padre construiu-se um ideal pessoal de instrução e de educação, em face de uma situação que não o satisfaz. Numa perspectiva mais ampla, sua atitude corresponde ao novo ideal de educação cristã resultante do impulso da instrução popular e da renovação religiosa na França, sobretudo na diocese de Lião.

A serviço dos humildes

Natureza ardente e transbordante de vida, Marcelino Champagnat sente-se atraído para os jovens e a educação. Além disso, a simplicidade de alma aproxima-o das crianças e um coração compassivo leva-o instintivamente para os pobres, os abandonados, os órfãos. O primeiro texto que nos deixou (trata-se das resoluções de seminarista em 1810) menciona sua vocação de catequista e sua atenção aos pobres:

«Ó meu Senhor e meu Deus... prometo-vos... instruir os outros de vossos divinos preceitos, ensinar o catecismo tanto aos pobres quanto aos ricos...»;

Em carta de 21 de janeiro de 1830 a Irmão Barthélemy, o Fundador exprime claramente os pendores de sua alma:

«Diga a seus pequenos... que os amo mesmo; que não subo uma única vez ao santo altar sem pensar em você e em seus queridos meninos; que gostaria de ler a felicidade de ensinar, de consagrar de modo mais imediato meus cuidados para formar essas tenras crianças».

Essa frase, saída da pena do Bom Padre, resume o essencial do apostolado pela escola. O amor pelos jovens é a marca da vocação à educação. O oração põe à nossa disposição o própio poder de Deus, único senhor das almas que criou, e que solicita nossa colaboração.

As tarefas cotidianas do ensino trazem-nos os contactos imediatos, únicos a permitirem a influência educativa, finalidade principal da atividade escolar.

A vocação do Padre Champagnat, ao longo da vida, será animada por dois movimentos que nunca chegarão a convergir na prática: a atração pela educação em geral e a compaixão profunda pelos pobres, órfãos

e menores abandonados. Esse movimento dialético percorrerá igualmente a história do Instituto dos Irmãos Maristas, trazendo incessantemente à baila a questão da fidelidade ao Fundador e ao Evangelho. Talvez pudéssemos afirmar que a vocação de educador e a compaixão se fundem normalmente para orientar os discípulos do Padre Champagnat para a educação dos humildes. A educação dos filhos do povo carente e sobretudo pobre deveria ser seu apostolado habitual.

O Fundador exprime claramente suas intenções na importante carta escrita de Paris a Mgr. de Pins, a 3.2.1838:

> *«O senhor sabe, Excelência, que a única finalidade que me propus ao fundar os Pequenos Irmãos de Maria foi garantir às comunas rurais o benefício da educação que a falta de recursos deixa na impossiblidade de obter por meio dos excelentes Irmãos das Escolas Crustãs. Ora, para conseguir tal resultado, tive que, sem prejuízo do mesmo bom ensino, adotar um sistema de economia que sanasse as dificuldades...».*

O senso prático do Padre Champagnat torna-o particularmente atento às dificuldades financeiras das comunas pobres.

É essa preocupação que o leva a admitir comunidade de apenas dois Irmãos, com o risco de passar por imprudente. Um texto importante de 1824 é particularmente significativo da vontade do Fundador de ir aos humildes:

> *«Para facilitar as comunas pobres, cedemos, só para o inverno, dois Irmãos, que voltarão à casa-mãe para aproveitá-los a fim de não serem um peso para o estabelecimento. Pedimos apenas às referidas comunas 400 francos, pousada e mobília conveniente».*

Os discípulos do Pe. Champagnat misturavam a vida deles com os destinos das populações carentes às quais eram mandados até à adoção do ritmo de vida delas, alternando o ensino com o trabalho manual. Muitos dos primeiros Irmãos eram professores-operários, voltando a L'Hermitage no inverno, para ganhar a vida exercendo um emprego.

A carta de 11 de abril de 1829 ao prefeito de Montbrison o diz claramente, sugerindo que a integração no destino dos trabalhadores não exclui a experiência do desemprego:

> *«Havíamos iniciado, como tive a honra de comunicar-lhe, a fabricação de fitas, para preencher utilmente o intervalo das aulas; já são dois meses que estamos sem trabalho; neste momento, alguns dos Irmãos estão voltando à casa mãe, porque as comunas onde se encontram empregam as crianças no campo».*

A marca evangélica da compaixão

No caderno n° 8 do Pe. Champagnat encontramos uma definição da finalidade do Instituto, pouco familiar aos próprios Irmãos Maristas:

«A instrução das crianças em geral, e em particular dos pobres órfãos, é o objetivo do nosso estabelecimento».

Aqui a compaixão, a parte afetiva no carisma do Fundador exprime-se sem equívoco. Alías, sabemos que o berço do Instituto em La Valla acolhia com afeto as crianças abandonadas. Eis a relato lacônico que traça os começos dos Irmãos Maristas no apostolado:

«Irmão Jean-Marie reuniu dois pobrezinhos».

(O.M. 2, pag. 743)

Irmão Jean-Baptiste destaca igualmente esse recrutamento preferencial do Pe. Champagnat, no capítulo XXI da segunda parte da «Vie»:

«Quando foi designado coadjutor em La Valla, encontrou certo número de pais pobres e negligentes que deixavam os filhos na ignorância das verdades religiosas, sem escola e sem catecismo; tomou essas crianças, alojou-as na casa dos Irmãos, e deu-lhes de comer e de vestir. No primeiro ano chegaram a doze; nos anos subseqüentes o número cresceu e acolheu tantos quantos a casa pôde comportar».

Mais ainda, a casa-mãe de l'Hermitage era inicialmente destinada a acolher os órfãos num centro de aprendizados variados:

«Assim que terminarmos a casa de l'Hermitage e que pudermos utilizar uma boa captação de água, receberemos as crianças das casas de caridade; ensinar-lhes-emos um ofício, dando-lhes educação cristã; os que mostrarem pendor para a virtude e a ciência serão aproveitados na casa».

Esse texto, que nos revela um desígnio pessoal do Fundador, dá-nos ao mesmo tempo a chave de um enigma histórico e psicológico. Quem visitasse l'Hermitage ter-se-á certamente perguntado por que Marcelino Champagnat, homem de indiscutível senso prático, quis construir a grande casa num vale apertado, à mercê das avalanches e das enchentes?

Em sua época, os sítios instalavam-se assás distantes do rio; só as fábricas se fixavam à beira dos rios. Ora, vemos a importância que, nos planos do Fundador, tinha o canal que atravessava a propriedade recém-comprada. Forneceria a força motriz para os ateliers de um certo de aprendizado que ele projetava para a formação profissional de seus órfãos. O jovem Marcelino, no moinho do pai, aprendera as aplicações práticas da roda hidráulica. Muito hábil com as mãos e conhecedor de vários traba-

lhos, orienta-se naturalmente para o ensino profissionalizante, que tem, além do mais, a vantagem de ajudar os humildes.

Infelizmente os fundadores também conhecem fracassos. O centro de educação, que começara a funcionar em l'Hermitage a partir do outono de 1825 teve que ser fechado no fim do primeiro ano letivo, por razões morais imperiosas, as únicas capazes de deter Marcelino Champagnat. As crianças mais ou menos abandonadas que recolhia eram facilmente vítimas de maus hábitos susceptíveis de contaminar o grupo:

> *«Desde o princípio tínhamos preparado as coisas em l'Hermitage para receber algumas crianças externas e alguns pensionistas. Vimo-nos obrigados a desistir, já que causavam a perda de muitos noviços e causavam prejuízo geral evidente».*
>
> (3.12.1839)

Esse primeiro fracasso não desanima o Fundador cujo carisma vem marcado pela compaixão. Desde 15 de janeiro de 1828, copiando à mão os estatutos do Instituto, acrescenta esta parágrafo significativo:

> *«O objetivo da congregação é também dirigir casas de recuperação ou de refúgio para os jovens em recuperação ou expostos a perder-se».*
>
> (Cad. N° 8)

Esse adendo, que exprime uma preocupação pessoal do Padre Champagnat, e inserido na regra impressa em 1837, e será depois retomado nos estatutos e prospectos até a nova regra de 1852 que não o menciona.

É compreensível que depois da morte do Fundador, seus discípulos se hajam lançado a fundo no apostolado da escola, interpretando os sinais dos tempos. Como hoje vivemos circunstâncias diferentes, esse pendor do coração de nosso Fundador deve merecer nossa atenção. Saliente-se ainda que se trata de um complemento da caridade direta, que não compromete a finalidade fundamental da educação cristã dos jovens.

A volta às intenções originais do Fundador nos leva, além disso, à essência pura do Evangelho. O exemplo dos santos mostrou sempre que a caridade para com o próximo apóia-se nas duas asas do zelo e da misericórdia. Missão e compaixão sempre caracterizaram a ação apostólica da Igreja do Cristo.

II - AS LINHAS DE FORÇA DE UMA PEDAGOGIA

A simplicidade na educação

Para descobrir sua vocação de educador, Marcelino Champagnat simplesmente viveu, de coração aberto, sua própria experiência de adolescen-

te às voltas com as novas exigências de instrução de seu tempo. Através das próprias dificuldades, percebeu as necessidades e aspirações dos jovens do seu ambiente, com uma atenção privilegiada para as crianças pobres e abandonadas. Tudo isso pode ser visto como a reação normal de uma alma generosa, que avança na vida seguindo a linha reta da autenticidade e da boa vontade, fecundadas pela graça de Deus. A pedagogia do Padre Champagnat vai também expandir-se numa igual linha de simplicidade, que vai diretamente ao essencial, recolhendo daí frutos de equilíbrio e de fecundidade.

Marcelino Champagnat não é portanto inventor de sistemas novos de educação. É um prático, como a maioria dos educadores por vocação. Declara abertamente que adota a técnica escolar empregada por são João Batista de La Salle, o qual a recolheu, em boa parte, dos predecessores. A regra de 1837 recomenda aos Irmãos a consulta assídua à «Condução das escolas», vade-mécum pedagógico dos Irmãos das Escolas Cristãs:

> *«Os Irmãos considerarão o estudo e a prática da «Condução» como um dos mais seguros meios de êxito em seu trabalho; lerão muitas vezes o que lhes convém, a fim de assimilá-lo perfeitamene e de observá-lo com fidelidade».*
>
> (Cap. V, N° 32)

Entretanto, apesar dessa imitação exterior da organização escolar, os discípulos do Padre Champagnat parecem distinguir-se nitidamente, e desde o começo, de seus modelos, pelo espírito que anima sua atitude pedagógica. O livrinho intitulado «As doze virtudes de um bom mestre, pelo venerável La Salle», dá o primeiro lugar à ... seriedade. Uma passagem da carta de 1 de dezembro de 1823, a mais antiga que temos do Fundador, transporta-nos decididamente para un clima pedagógico inteiramente diferente. Eis o que o autor destaca em Tarentaise, dando notícias dos estabelecimentos existentes:

> *«As coisas em Tarentaise também vão muito bem. Os alunos dizem que Irmão Laurent era «filho da casa» mas que este (o sucessor), era ainda mais».*

A expressão «filho da casa» é bastante sugestivo para caracterizar um ambiente. A análise do sentido fornece elementos como a simplicidade e a delicadeza, que definem bem um ambiente educativo familiar, no qual os contactos têm a liberdade, a autenticidade e a cordialidade das relações fraternas. Tudo isso confere perfeitamente com a descrição que Irmão Sylvestre dá do espírito do Instituto:

> *«Assim, no ramo dos Padres como no dos Irmãos, o espírito marista é*

um espírito que deve revestir todas as características da família, por sua simplicidade, sua naturalidade e cordial apego».

(Mémoires, p. 236)

Notemos que se o Fundador destaca de bom grado a expressão «filho da casa» é porque corresponde a seu próprio ideal pedagógico. Aliás, o episódio revela que o Padre Champagnat praticava ele mesmo com os jovens esse diálogo simples e cordial que o fato citado evoca.

Há, portanto, desde o início, um estilo particular nas relacões entre professores e alunos que distingue e caracteriza a educação marista. Tal característica não é fruto do acaso: toda a personalidade de Marcelino Champagnat, a conduta dos seus discípulos, como o espírito que ele lhes transmitiu vêm marcados pelas características da simplicidade. De modo global, a vida religiosa e sobretudo profissional dos Irmãos Maristas lembra a dos Irmãos das Escolas Cristãs. Entretanto, o espírito que anima sua vida religiosa cotidiana a distingue, modelando-a do interior.

Esse espírito de simplicidade orienta-se espontaneamente para o essencial e valoriza os elementos fundamentais. Poder-se-ia mesmo afirmar que o objetivo próprio da educação é de promover as qualidades humanas (fundamentais) essenciais.

O ideal global da educação marista vem então definido por Irmão Sylvestre quando afirma que os Irmãos Maristas se esforçam por formar «bons cristãos e honestos cidadãos» (p. 248). A honestidade situa-se facilmente na linha definida pela simplicidade, pela autenticidade, pela sinceridade e pela retidão.

«Pois o Espírito que nos educa evita a duplicidade».

(Sab. 1, 5)

Irmão Avit traça um quadro mais detalhado dos primeiros discípulos do Padre Champagnat e de sua obra educativa:

«Os novos mestres formados pelo Bom Padre não eram sábios, mas sua piedade, sua dedicação e bons exemplos encantavam as pessoas e conseguiam-lhes numerosos alunos. Ensinavam-lhes o catecismo, o amor de Deus e dos pais, a leitura e a escrita. Eram preferidos aos professores leigos que, aliás, não eram mais instruídos, e sobretudo eram religiosos. Alías, a maiora das comunas não tinham escolas ou só tinham professores ambulantes durante o inverno».

(Abrégé des Annales, p. 28)

Em suma, a simplicidade do Padre Champagnat orienta a educação diretamente para o essencial e o vital, num ambiente de família que deve ser necessariamente todo ambiente educativo.

Uma educação a serviço da vida

Educar é favorecer o impulso da vida, é abrir perspectivas de vida, é confrontar com valores de vida.

No tempo do Padre Champagnat a nascente instrução popular era um dos principais impulsos de vida a nível histórico. Os Irmãos, oriundos diretamente do povo, participavam plenamente de tal impulso, com simplicidade e entusiasmo.

> *«Os Pequenos Irmãos de Maria são um novo e excelente instrumento para a propagação de uma educação primária completa, moral, religiosa, nada mais, nada menos. É isto que brusca a Universidade».*
>
> (Daude a Salvandy, 5.11.1838)

O grande impulso de vida que havia em Marcelino Champagnat, por haver sido sufocado por um handicap intelectual, voltou-se, por simpatia, para os jovens de sua vizinhança, que conheciam idênticas dificuldades. Aqui entra em jogo a natureza dinâmica do futuro fundador, sensível à compaixão e pronto para a ação. A partir deste momento, a instrução tornar-se-á para ele um meio de aproximar-se das crianças e da ajudá-las, sobretudo as mais pobres, as mais abandonadas.

O impulso de vida com o qual comunga do desejo de expansão dos jovens é rico de componentes humanos e religiosos: gosto da vida, necessidade de amizade e de comunhão, senso dos homens e das coisas, gosto por diversas profissões, fervor religioso, senso de Deus, piedade para com a Santíssima Virgem... Cheio de vida e de simpatia pelos jovens, Marcelino Champagnat está pronto para levar-lhes cultura de base e para entrar em comunhão com o impulso de vida fundamental que há neles.

Os educadores natos são compreendidos e seguidos pelos jovens porque lhes propõem valores autênticos. O instinto primordial que os impele a crescer faz-lhes aceitar igualmente os sacrifícios inerentes aos progressos humanos e espirituais. Um dos traços mais evidentes da vocação de educador de Marcelino Champagnat é que ele tinha por assim dizer a obsessão da educação, da formação dos seus discípulos. Seu ideal de vida dinâmica irradiava dele e se concretizava numa tendência generalizada, humana e cristã, numa perfeição. Seu forte impulso educativo era aceito por todos, porque acionava suas ricas qualidades humanas e espirituais, entre as quais se distinguiam a bondade e o humor. L'Hermitage era uma casa de formação no sentido pleno da palavra.

Os verdadeiros educadores transbordam de vida e dão-se com entusiasmo ao serviço da vida, cf. Dom Bosco. Aqui, a «bande joyeuse» e o caráter expansivo e comunicativo que revela tornam-se qualidades primordiais de educação. Marcelino Champagnat mostra que compreende as crian-

ças e suas necessidades particulares. Junto com a instrução indispensável, proporciona-lhes exercícios regulares de canto, e insiste sobre e importância de um campo de esportes. A escola dos Irmãos oferece às crianças um ambiente de família em que a simplicidade e a bondade presidem às relações educativas. A devoção filial à Boa Mãe, unida ao amor de Jesus, põem os sentimentos religiosos essenciais a seu alcance.

«É só eles abrirem o coração e Jesus e Maria os encherão».

(4.2.1831)

«Só Deus pode torná-los felizes».

(3.1.1831)

Essas duas passagens dão testemunho da compreensão instintiva da aspiração fundamental dos jovens à vida, ao mesmo tempo que da convicção de que só Deus pode realizar seu desejo de felicidade. A própria atitude religiosa é apresentada com um prolongamento (até o infinito) desse desejo fundamental de vida e de felicidade. «Vim para que os homens tenham a vida e a tenham em abundância» (Jo. 10, 10).

Un traço característico de Marcelino Champagnat é operar uma espécie de fusão entre o temporal e o espiritual, essa transparência do humano ao divino que é o próprio ideal da educação cristã.

A piedade dos meninos é colocada na linha fundamental do amor, que está na origem de suas relações com seus pais, irmãos e irmãs, amigos, educadores.

«Não cesseis de lembrar a vossos meninos que são os amigos dos santos que estão no céu, da Santíssima Virgem e em particular de Jesus Cristo. Que cobiça seu coração, que o deseja só para si e que sofre quando o demônio o conquista. Que estaria pronto, se necessário fosse, a morrer de novo na cruz aí mesmo em Saint-Symphorien. Pobres meninos! Acrescente que Deus vos *ama e eu também, pois que Jesus Cristo, a Santíssima Virgem e os santos vos amam tanto».*

(Carta a Ir. Barthélemy, 1° de novembro de 1831)

Essa atitude pedagógica faz eco direto à exortação apostólica de João Paulo II «Catechesi tradendae» 25.10.1979, lembrando que a catequese deve levar ao encontro de uma pessoa, Jesus, em quem podemos encontrar a salvação e a vida eterna.

«Apresentam-lhes o Cristo, Homem-Deus, nosso Irmão».

(João Paulo II, Osser. Rom. 23.3.1980).

«Uma terna afeição para com as crianças»

É evidente que as aspirações das crianças, como também as respostas que a elas dava o Padre Champagnat, tinham seu lugar nos quadros econômicos, sociais e culturais da época. No seio da família não havia a preocupação de respeitar a personalidade e a liberdade da criança. Desde a infância, ela via-se empregada nos trabalhos do campo, e presa na engrenagem de uma existência austera. Entretanto, a simplicidade do Padre Champagnat, seu senso agudo do real e do essencial, e sua profonda simpatia pelas crianças faziam-lhe instintivamente descobrir atitudes pedagógicas adequadas e adaptadas, por vezes adiantadas para o tempo.

Suas cartas «pedagógicas» são aquelas em que mais fala do amor, compreendendo instintivamente que ele é mais necessário às crianças do que o pão. O indívíduo humano é uma pessoa que só se abre ao amor. É preciso que a criança se sinta amada e apreciada por si mesma, independente das qualidades que possa ou não ter. A educação é um diálogo de amor.

> *«Desejamos e fazemos votos que, a exemplo de Jesus, nosso divino Modelo, vocês tenham uma terna afeição para com as crianças».*
>
> (Circ. Janeiro de 1836)

Esta afeição viva e muito humana exclui a distância e mesmo a «seriedade» tradicional que afetavam os educadores. Uma atitude artificial abafa o impulso de vida, recusa a comunicação que a criança deseja.

A característica «filho da casa» atribuída pelos alunos aos primeiros educadores maristas, e destacada com satisfação pelo Fundador, depõe eloqüentamente em favor de um tipo de relações educativas marcado pela simplicidade e pela bondade. Essas virtudes introduzem-nos no ambiente de família, em que os sentimentos e as atitudes são francos e verdadeiros. É a autenticidade da vida expandindo-se ao sol da bondade, ao calor de um lar.

Essa «terna afeição» elimina evidentemente a severidade de uma disciplina fria e impessoal, do tipo igualmente tradicional. Ela afasta sobretudo a brutalidade, tão oposto à atitude de benevolência essencial à educação. A regra de 1837 estipula expressamente que a correção das faltas graves deve ser deixada para a aula seguinte, e que a vara que serve para a leitura dos quadros seja presa. Uma tradição viva no Instituo proíbe aos Irmãos bater nos alunos. (E' provavelmente essa tradição que fez o Ir. Alessandro adotar a Hipótese que Marcelino Champagnat preconizou a disciplina preventiva antes de Dom Bosco).

O famoso sonho, relatado pelo biógrafo do Padre Champagnat, dos Irmãos semi-soldados, explica-se provavelmente pela mesma preocupação de afeição sincera para com as crianças. Por outra, o fato de a cena si-

tuar-se na casa e no jardim onde trabalham os jovens Irmãos, mostra claramente que a educação está a serviço da vida que se expande em ambiente familial.

O amor ao trabalho

Encontramos, assim, outro elemento fundamental da educação marista, intimamente ligado à realidade familial: a formação ao trabalho, o gosto do trabalho bem feito. Tendo importância primordial na vida humana, o trabalho constitui logicamente um aspecto maior da educação dos jovens.

> *«A aliança entre o trabalho e a família que se realiza na vida de são José... Na família educa-se ao trabalho, e pelo trabalho o homem amadurece em sua humanidade... Honrando a figura de são José prestamos homenagem à santidade da família e do trabalho, duas dimensões humanas fundamentais».*
>
> (João Paulo II. Oss. Rom. 25.3.1985)

O amor ao trabalho, que garante a natureza leiga da vida religiosa dos Irmãos Maristas, elimina o perigo específico das casas de educação inspiradas pela Igreja. Trata-se de certo angelismo que desprezaria o humano para só dar importância ao que é diretamente religioso. Para quem conhece o Padre Champagnat e a tradição que deixou a seus discípulos, não deveria existir perigo a respeito. Numa educação cristã integral, os elementos humanos e espirituais se compenetram intimamente.

O amor ao trabalho e sua aplicação prática constituem assim elemento salutar de equilíbrio na atitude educativa marista. As relações marcadas pela espontaneidade e pela bondade são polarizadas e ordenadas pelo esforço comum com vistas à tarefa por comprir. A disciplina necessária encontra assim seu fundamento na natureza das coisas, e impõe-se como condição indispensável da vida e da realização de cada um. O respeito da autoridade e a obediência, incluídos já no espírito de família, ficam assim facilitados. Por outro lado, encontramos no estilo educativo marista a suavidade e a força, que caracterizam a personalidade do Fundador.

O senso do indivíduo e a confiança nos jovens

Homem de coração e de ação, amante essencial da vida, Marcelino Champagnat interessa-se pelo indivíduo e vai ao encontro de cada pessoa, comungando com suas aspirações mais particulares. É privilégio da sim-

plicidade abrir-se e comungar fraternalmente do impulso de vida daqueles com que se encontra. Essa atitude é fundamental na educação, pois permite dialogar com os jovens, associar-se a seus impulsos de vida, e acompanhá-los com amor e dedicação em seus esforços, descobertas, dissabores e entusiasmos. Talvez seja essa aura da simplicidade fraterna o melhor trunfo da educação marista. Os homens cansados e insensíveis não deveriam ter lugar na educação.

Irmão Sylvestre relata com prazer as atenções particulares do Padre Champagnat a respeito do pequeno moleque que ele era ao entrar no noviciado. Tais cuidados afetuosos transformaram-no aos poucos e firmaram sua vocação.

É uma experiência semelhante que faz dizer a Irmão Conon, depois de citar as atenções do Fundador a seu respeito:

«Para min o Venerando Padre foi muito bom, como sem dúvida era com todos».

Uma característica fundamental do verdadeiro educador é uma confiança a toda prova na vontade de crescimento e nas possibilidades de melhoria das jovens.

«A educação só é possível num clima de confiança que ultrapassa sempre as próprias premissas para aventurar-se no desconhecido, arriscar o presente, acreditar no futuro... O ato de educar depende também, primordialmente da lógica do amor».

(Marguerite Léna, L'esprit de l'éducation, Fayard, 1981, p. 25)

Alegramo-nos por encontrar nas regras deixadas por nosso Bem-aventurado Fundador o testemunho evidente de uma confianca sólida nas possibilidades de progresso e de melhoria dos jovens:

«É preciso sempre dar a entrever aos pais que os filhos inspiram muita confiança, e que com um pouco de esforço e muitos cuidados, agindo de comum acordo, chegar-se-á a bem formá-los».

(Regra de 1837, p. 42)

É interessante notar que o perito a quem se havia confiado a revisão do projeto de regra, censura esta posição otimista do Fundador:

«Não haverá exagero, sobretudo quando não tem fundamento?

O Padre Champagnat manteve sua afirmação apesar da lógica aparente do censor, que não é a do educador. Os bons pais, como os verdadeiros educadores, estão espontaneamente de acordo com sua intuição. O intelectual julga uma situação friamente, enquanto que o educador, numa

como que cumplicidade com o impulso de crescimento dos jovens, desencadeia a transformação pelo poder do amor e da confiança.

Por outro lado, o educador sabe que participa do poder e da bondade de Deus, com quem colabora na obra de criação continuada. Na carta já citada a Irmão Barthélemy, o Padre Champagnat atribui à Santíssima Virgem esse amor incondicional do Pai celeste para com seus filhos:

> *«Diga a seus alunos que Jesus e Maria os amam muito, a todos os que são ajuizados porque se assemelham a Jesus Cristo, que é infinitamente sábio; e aos que ainda não o são, porque virão a sê-lo; que a Santíssima Virgem também os ama porque ela é a mãe do todas as crianças que freqüentam nossas escolas».*
>
> (21.1.1830)

Eis um belo otimismo educativo, posto ao alcance de todas as crianças e apoiado nas realidades mais imediatas do sentimento religioso. Mas aqui tocamos num outro elemento fundamental da educação marista: é a suave figura da Boa Mãe, que preside a nosso espírito de família e sustenta nossa confiança. Ao mesmo tempo, ela imprime a todas nossas relações um cunho de fraternidade cordial que responde às aspirações profundas dos jovens.

Aspectos não-conformistas

Um dos aspectos práticos que, desde o começo, caracteriza o sistema educativo de Marcelino Champagnat é a necessidade de viver com as crianças, de partilhar sua existência e de proportionar-lhes um ambiente e uma atmosfera de onde tiram os meios de seu crescimento. É a intuição da importância desse ambiente educativo, e da presença viva de ser amados, que fez ver claramente ao Fundador a necessidade do «entrosamento» dos educadores com os pais na difícil obra da direção do crescimento dos jovens.

A passagem sobre a confiança, citada acima, faz parte de uma secção da regra de 1837, institulada «Maneira como os Irmãos devem proceder em suas relações com os pais».

> *«Há casos em que convém ver os pais de certos alunos para* entender-se *com eles... Um Irmão prudente e animado do espírito de seu estado nunca se sentirá tolhido».*
>
> (pp. 42-43).

A confiança do educador não é ilusória, porque ela supõe um mínimo de esforço e de boa vontade por parte dos jovens, e «muitos cuida-

dos» por parte dos educadores. Reconhecemos aqui a «dedicação» tradicional dos discípulos do Padre Champagnat que se dedicam corpo e alma às tarefas da educação, como convém numa família. Mas é o «entedimento» com os pais que vem sublinhado duas vezes, e que condiciona o otimismo e o êxito na educação.

O texto manuscrito do Fundador, cuja essência faz parte de regra de 1837, é ainda mais explícito:

> *«É às vezes muito necessário entender-se com os pais dos alunos... Há casos em que é muito importante entender-se com os pais de certos alunos para concertar-se com eles».*

Numa época em que os textos sobre o relacionamento com os pais não existiam ou eram dominados pela desconfiança, Marcelino Champagnat dá prova de muito otimismo e de total independência. Não se trata simplesmente de resolver os «galhos», mas de entenderem-se mestres e pais para a boa educação dos filhos. O senso da vida, o espírito de família e a confianca em Deus, especialmente invocado antes dos encontros com os pais, permitem ao Bom Padre aproveitar um fator educativo cuja importância apreciamos hoje.

A mesma regra de 1837 apresenta-nos outro aspecto da educação integral em que Marcelino Champagnat desponta como pioneiro isolado. Numa época em que o clero era resolutamente hostil a um governo que lembrava a Revolução, Marcelino Champagnat soube unir num mesmo aspecto a autoridade civil e autoridade religiosa. A formação de «bons cristãos e honrados cidadãos» era uma finalidade a um tempo realista e corajosa, numa Igreja que se refugiava na oposição política. Era preciso preparar a criança cristã a ocupar seu lugar e a se sentir à vontade no seu ambiente natural de vida.

> *«Acostumarão ainda os meninos com seus exemplos e com seus ensinamentos a amar e a respeitar a autoridade civil, e a obedecer aos magistrados cujo poder emana do próprio Deus».*
>
> (p. 40)

Foram necessários muita coragem e conhecimento profundo das circunstâncias sociais, para navegar contra a correnteza, num século em que praticamente todo o clero manifestava oposição ao governo.

> *«Religiosamente enquadrados em sua especialidade, os Pequenos Irmãos de Maria ficaram, antes como depois de 1830, fora dos partidos políticos...»*
>
> (5.11.1838, Baude, deputado do Loire)

Um texto da Prefeitura do Loire sugere que o respeito às autorida-

des é uma prática bem arraigada no Instituto do Padre Champagnat, cuja moderação se impõe, por vezes, ao zelo um tanto partidário de seus protetores eclesiásticos.

«Convém louvar o Instituto dos Irmãos do Padre Champagnat que, sempre que se manifestou algum dissentimento na comuna a respeito deles, abstiveram-se de assumir a direção da escola, adiando o consentimento para uma ocasião em que a concórdia fosse restabelecida e em que seus professores pudessem prevalecer-se do apoio, se não de toda a população, pelo menos das autoridades e da grande maioria dos habitantes.
Assim, sem renunciar às condições de sua existência e de seu êxito, os Pequenos Irmãos de Maria procederam com moderação própria a temperar o zelo por vezes excessivo de seus protetores...».

(Montbrison, 24.5.1838)

Marcelino Champagnat não esconde seus sentimentos e declara com simplicidade sua vontade de colaborar com o governo para o bem da juventude.

«Desejoso de trabalhar sob a proteção e conforme as vistas do governo para a boa instrução das crianças, estamos dispostos a tomar todas as mèdidas que ele nos sugerir para afinar com ele».

(4.1.1840)

Os senhores vigários deverão adotar o espírito de conciliação do Fundador se quiserem conseguir Irmãos para sua paróquia.

«Sendo costume nosso de só fundar escolas com o assentimento prévio e formalizado da autoridade superior, seja eclesiástica, seja civil, é preciso, antes de tudo, que seu pedido venha assim instruído».

(22.10.1839)

Com um senso prático perfeito, Marcelino Champagnat reúne na mesma estima as autoridade civis e eclesiásticas e leva-as a colaborarem ambas na educação da juventude. Essa sábia atitude nada perdeu de sua atualidade.

«Desejo vivamente que você possa entender-se com o senhor vice-prefeito, assim como o senhor Prefeito. Sabemos por experiência que as coisas vão melhor quando nossos estabelecimentos são bem vistos pelas autoridades civis, e costumamos só iniciá-las depois de obter o consentimento delas. Não duvido que você faça tudo quanto for possível para proceder em consonância com o senhor vice-prefeito e com o senhor Prefeito e interessá-los em sua obra».

(Carta ao Vigário de Nantua, Ain, 2.5.1840)

A simplicidade e a natureza decidida de Marcelino Champagnat possibilitavam-no a operar rupturas salutares na rotina pedagógica. Baseando-se em suas próprias dificuldades no aprendizado da leitura, impôs aos Irmãos um método que devia favorecer os iniciantes.

Ele teria sido um dos pioneiros do ensino profissionalizante na França se tivesse podido levar adiante seus projetos. A primeira destinação de l'Hermitage era de recolher os órfãos dos hospícios para darlhes uma formação profissional mais variada e especializada, ao mesmo tempo com uma boa educação cristã.

Esses projetos vinham sobretudo ao encontro de seu coração compassivo, que o inclinava para os pobres e os órfãos, como também de sua notável aptidão pelas profissões manuais. A preferência pela escola e pela instrução popular que caracteriza a época, e conquistou seus jovens discípulos, não permitiu realizar seus sonhos.

A correspondência do Fundador revela que se interessou muito perlos estabelecimentos de surdos-mudos que começavam a surgir no país. Estava disposto a implantar algumas fundações do gênero, mas não pôde executá-lo porque o estabelecimento especializado de Paris acabou recusando licença aos Irmãos que queriam iniciar-se nesta forma particular de educação.

Cabe-nos lamentar hoje que Marcelino Champagnat não tenha posto no papel seus projetos e suas orientações pedagógicas. Sabemos que não lhe faltavam nem independência pessoal nem iniciativa.

Conclusão

Marcelino Champagnat, homen simples por excelência, inteiramente voltado para a vida direta, normalmente dedicou-se ao serviço da vida na educação. Foi um educador, a nada mais. Sua simplicidade e sua abertura à vida orientaram naturalmente suas simpatias rumo aos jovens e às crianças. Se não expôs suas idéias pedagógicas por escrito, comunicou seu entusiasmo a seus discípulos e lhes transmitiu suas atitudes e orientações fundamentais. A exemplo do Fundador, os discípulos consagraram-se inteiramente à educação. Herdam do Pai o espírito de simplicidade e a simpatia fraterna para com os jovens.

Do seu tempo o Fundador soube captar as aspirações dos jovens, sobretudo dos mais humildes, que a nova corrente histórica da instrução e da qualificação profissional orientava para os centros de educação. A simplicidade está aberta à vida, pronta para toda boa vontade e iniciativa louvável, disposta a comungar do impulso de vida que se renova em cada estação da história por intermédio dos jovens.

Por outro lado, a simplicidade identifica-se com o essencial e sente-se à vontade no movimento poderoso que orienta a juventude de hoje para os labores humanos fundamentais, a fim de escapar à alienação contemporânea, e realimentar-se para novas partidas.

Finalmente, Marcelino Champagnat não é um teórico mas tem um senso profundo da vida. Sua orientação pessoal na educação nada tem de especial, mas é fundamental.

IRMÃO JEAN-BAPTISTE FURET
Biógrafo de M. Champagnat

Irmão Paul Sester

Quando da publicação de nova edição da «Vie de M.J.B. Champagnat, par un de ses premiers disciples», parece-me oportuno conhecer o autor a fim de melhor aproveitar de sua obra. Sou o quarto a tratar desse assunto. A primeira notícia biográfica de Irmão Jean-Baptiste surgira dois meses após seu falecimento, como a circular do Irmão Superior Geral, Irmão Louis-Marie, a 8 de abril de 1872. Ele solicitava que os Irmãos que possuíssem documentos relativos ao falecido (cartas, resumos de conferências e outros) os cedessem com vistas a uma biografia mais alentada. Mas esta nunca veio a público. Em 1917, quando do centenário do Instituto, Irmão Stratonique Superior Geral, encarregara Irmão Amphiloque Deudier de retomar a obra. O resultado foi tão decepcionante que continuou sob forma de manuscrito nos arquivos. Foi só em 1953 que uma notícia biográfica à altura da importância do personagem apareceu em «Nos Supérieurs», (pp. 11 a 69).

Longe de mim a intenção de escrever uma nova; a última que acabo de citar está em condições de satisfazer nosssa piedade fraterna. Como indico no título, é sobre o autor da «Vie» do Fundador como tal que pretendo debruçar-me. De toda biografia, disseram que, 50% referem-se ao autor e só 50%, ao pesonagem em pauta. Sem me deter sobre a exatidão matemática da afirmação, perguntei-me se, na «Vie de M. Champagnat», seria possível subtrair a parte do autor para ter uma imagem mais pura

do personagem apresentado. Diante da impossibilitade de tal empreendimento, resta-me conhecer mais de perto o autor através de seus outros escritos mais pessoais onde apenas suas própria idéias vêm desenvolvidas. Entre estas, duas parecem-me responder melhor a este critério: são suas cartas e seu manuscrito tratando do apostolado do Irmão Marista. A essas duas fontes acrescento testemunhos vindos de diversas pessoas.

Para descobrir que homem era Irmão Jean-Baptiste e a parte que teve na formação da tradição marista, estudarei sua formação, sua personalidade, suas idéias, em seguida, à luz desses dados, tentarei penetrar mais na concepção mesma da obra em questão, não criticá-la mas para melhor compreender o sentido que o autor dá a certas palavras e o alcance de certos fatos.

A FORMAÇÃO

Quando em fins de 1840, Irmão François lhe pedia iniciasse e redação dessa biografia, o que é que o capacitava para tal tarefa? De que trunfos dispunha para garantir o êxito? Ele acabara apenas de passar a direção da escola de Saint-Pol-sur-Ternoise ao Irmão Andronic, para assumir a função de Assistente, para a qual fora indicado pelo Capítulo Geral um ano antes. Nem uma boa memória, nem a facilidade de redigir substituem a formação exigida para tal empreendimento. Ora, tal formação como a adquirira?

Observemos inicialmente que o Padre Champagnat aproveitava dos Irmãos jovens que chegavam à congregação com alguma bagagem intelectual para confiar-lhes logo cargos importante. O exemplo de Irmão Louis-Marie, embora típico, não é o único. Nas eleições de 1839, Irmão Jean-Baptiste é posto quase ao mesmo nível, embora em 1822, quando solicitava seu ingresso na congregação, só possuísse instrução rudimentar. Vale dizer que ele possuía recursos fora do comum.

O ambiente familiar de que saíra não o favoreceu em nada, se acolhermos os testemunhos da época. Saint-Pal-de-Chalencon, seu torrão natal, vem assinalado como um velho vilarejo fortificado, com seus perto de 2000 habitantes, do departamento de la Loire, nos confins du Velay. Situado em região montanhosa, cuja altitude média é de 950 metros, está fora da grandes vias de comunicação. Apesar da fertilidade medíocre das terras, os habitantes viviam quase exclusivamente do que conseguiam arrancar do solo com esforço e «métodos de cultura bem rudimentares para conseguir bom rendimento» (Tavernier, Le diocèse du Puy pendant la Révoluton, p. 3). Para aumentar esses parcos recursos, são Jean-François-Régis, seguido pelas Beatas, havia encorajado as mulheres a se dedicarem à pro-

dução de rendas a domicilio, a tal ponto que até nos lugarejos mais afastados isso se fazia. Entretanto, as pessoas, em seu conjunto, eram pobres, mas por outro lado, corajosas para enfrentar a dura realidade material e também moral da vida. Pobres eram-no também no campo da instrução. «O número considerável de analfabetos que os registros de catolicidade das paróquias rurais revelam, tanto antes como depois de Revolução, não deixa dúvidas a respeito. Muitos camponeses sequer entendiam o francês» (op. cit. p. 7). Em muitos vilarejos não havia escola para rapazes, enquanto as moças usufruíam da dedicação das Beatas espalhadas por quase todas as paróquias. A influência destas deve ter contribuído para o fato de que «o povo da roça, não apenas continuara praticante, mas profundamente apegado a suas crenças religiosas e, no conjunto, assim continuou durante todo o período revolucionário» (op. cit. p. 7).

Não há dúvida que foi em tal ambiente que nasceu Jean-Baptiste Furet a 24 de setembro de 1807. Mesmo se «seu caráter ardente e sua inteligência precoce» o fizessem aproveitar ao máximo as horas passadas em classe, certamente não adquirira o nível de cultura do certificado de estudos quando, a 25 de março de 1822, o Padre Champagnat o inscreveu no registro das entradas de Notre-Dame de l'Hermitage. Apenas 18 meses mais tarde, em novembro de 1823, ei-lo nomeado, certamente cozinheiro, para Bourg-Argental onde, pouco tempo depois, a doença pôs em perigo sua vida. Mesmo supondo sua capacidade de assimilação a melhor possível, pode-se aferir o nível cultural que atingiu em tão pouco tempo. Naturalmente, conforme sua preocupação desde a juventude em salvar a alma, ele centrou os esforços no «estudo religioso». Tanto que, no fim de outubro de 1822, soube responder à pergunta do Padre Champagnat sobre a três espécies de Igrejas (cf. A.L.S., chap. XX). Sabemos por outro lado que durante toda a vida ele limitará seu campo de estudos neste único domínio. Em seu primeiro local de trabalho ele só ficará um ano, pois nos dois anos seguintes parece haver passado por Feurs, Millery, depois Saint-Symphorien d'Ozon. Dá para crer que esses três períodos foram suficientes para dar prova de suas aptidões para o ensino, pois, em 1826, ele inaugura a escola de Neuville-sur-Saône e a dirigirá até 1836, com uma interrupção de um ano, em 1830. Depois de uma estada de dois anos em Charlieu, o Padre Champagnat confia-lhe a fundação de Saint-Pol-en-Artois, testemunhando-lhe assim, dada a distância desse local, prova de total confiança, a ponto de dispensá-lo de voltar a l'Hermitage para o retiro de 1839, durante o qual é eleito segundo assistente do diretor Geral, Irmão François.

Com esses encargos de magistério, de organização, de responsabilidade, como encontrava tempo ainda para aperfeiçoar sua cultura pessoal? Não há dúvida que estamos diante de uma personalidade superior, tanto

do lado da inteligência quanto da vontade. «Confesso-lhe, dirá a um de seus correspondentes, que gostei do estudo a ponto do venerando Padre Champagnat me dizer que era um furor... Amei apaixonadamente apenas o estudo da religião e sempre com a finalidade de ser útil ao próximo» (Lettre du 01.07.1865).

Esta última frase é significativa: ela projeta luz sobre a orientação de seu espírito. O fato de na casa paterna preferir aos trabalhos da roça ficar em casa para ajudar a mãe a fazer rendas (Nos Supérieurs, p. 13), revela já sua inclinação mais contemplativa do que ativa. Por isso não é de admirar que não espera a idade da adolescência para satisfazer de uma vez só seu desejo de estudar e de viver mais perto de Deus. Trabalhar com idéias devia ser-lhe mais agradável do que debater-se no turbilhão do mundo, eis por que passar os tempos de lazer em conversas fiadas atraía-o menos do que alimentar a memória com pensamentos dos santos. O testemunho do aluno que lhe cumpria os recados quando trabalhava na cozinha em Bouillarques é revelador: «Jamais, afirmava este, entrei na cozinha sem encontrar o Ir cozinheiro diante do pequeno forno ou sentado na mesinha a escrever. Vi muitos outros depois dele, como ele, nenhum. Era alguém que não perdia tempo» (d. p. 30). Era assim, pois, ocupando os momentos livres, que Irmão Jean-Baptiste continuou sua formação a vida toda.

Portanto toda esta formação se fez dentro do Instituto, o que eqüivale a dizer que a parte preponderante cabe ao Padre Champagnat. Por um lado, esse contacto desde a infância pôde marcá-lo profundamente, tanto mais que o Fundador exercia uma influência muito forte sobre os jovens que o procuravam. Por outro, o modo de conceber naquela época o estudo da religião só podia era reforçar a similitude entre o pensamento do discípulo e o do mestre. Com efeito, mais do que proceder por dedução lógica partindo de princípios racionais, procurava-se, na Escritura e nos Padre da Igreja, tanto as afirmações quanto as confirmações das verdades chamadas da salvação. «L'homme religieux» do Padre Saint-Jure é exemplo típico desse método. Esta obra, preconizada pelo Padre Champagnat (Vie, 2, pp. 306, 307, éd. 1856), podia fornecer ao Irmão Jean-Baptiste, a um só tempo, as fontes onde buscar os conhecimentos e a maneira de utilizá-los. Por amor de pesquisa tanto quanto por dever, impôs-se em seguida aprofundar as fontes onde o mestre havia tirado as idéias sem haver podido, por diferentes razões, desenvolvê-las. Por conseguinte, é a mesma doutrina, mas mais elaborada que vai apresentar, a tal ponto que poderá pretender transmitir o verdadeiro pensamento do Fundador e os testemunhos de seus primeiros leitores justificam sua pretensão (cf. Frère Sylvestre, Mémoires). Irmão Louis-Marie, na circular já citada, não teme afirmar que «o venerando Padre Champagnat deve o fato de haver

sobrevivido por trinta e dois anos, (ao Irmão Jean-Baptiste), que continuou e aperfeiçou sua obra...». Depois acrescenta um pouco adiante: «Não é ele para nós um como que segundo Fundador»? (Circ. IV, p. 305). Com essa última expressão o Superior não exclui certamente o fato que ele marcou o Instituto tanto por sua forte personalidade quanto por suas próprias idéias.

A PERSONALIDADE

Não há dúvida de que Irmão Jean-Baptiste já se impunha antes de 1839, embora nos seja difícil hoje descobrir as razões, pois de outro modo não se explicaria que, mesmo ausente, tenha recebido tantos sufrágios no Capítulo Geral daquele ano, considerando que ele jamais havia tomado parte na administração central do Instituto. Mais foi depois, em sua função de assistente, que ele deu toda sua medida e revelou seu real valor. Entretanto, não era homem de provocar ações brilhantes, preferindo a meditação silenciosa na qual nascem e amadurecem os grandes projetos. Sua especialidade residia na faculdade de captar rapidamente os detalhes de uma situação, os dados de um problema e deles extrair a solução que depois aplicava tranqüilamente, mas com inabalável firmeza. Foi assim que desempenhou a tarefa que lhe foi confiada desde o início de seu mandato: realizar concretamente a integração dos Irmãos de Saint-Paul-Trois-Châteaux, depois a dos de Viviers, dois anos mais tarde, em nossa congregação. Sua ascendência era tal que um Irmão pôde declarar: «Ouvíamos a caríssimo Irmão Jean-Baptiste como un oráculo, seja em suas conferências que nos cativavam, seja em entrevistas pessoais que tanto apreciávamos, seja em suas cartas que recebíamos com o maior prazer». Outro Irmão diz no mesmo sentido: «Para mim, (sua) palavra tinha a gravidade e quase a importância de um dogma. Irmão Jean-Baptiste falou, está falado. Sua decisão, sua palavra tinham força de lei». (Amphiloque, Biog. p. 87).

Entretanto, praticamente sua ação não deixou sinais trangíveis afora certos testemunhos de Irmãos que viveram o acontecimento. Temos cartas de Irmão Jean-Marie Bonnet que dirigia a casa de Saint-Paul, mas do Irmão Jean-Baptiste que tinha a responsabilidade geral, os documentos, relativos à administração dessas Províncias, quase não existem. Entretanto, Irmão Térence, noviço em Saint-Paul no ano mesmo da reunião, chega a dizer que «Esse incomparável Irmão foi literalmente para o Instituto e especialmente para as duas Províncias do Midi, o que foi São Paulo no colégio apostólico para implantar entre os Pagãos o reino do Evangelho» (id. p. 20). Mesmo sem excluir a perda de documentos, forçoso nos é,

porém, pensar que o modo de agir do Irmão Jean-Baptiste era sobretudo discreto, agindo sobre as pessoas depois de lhes haver imposto as estruturas tradicionais. «Fazia-se tudo para todos, diz ainda Irmão Térence, a exemplo do Apóstolo e mostrava-nos em sua pessoa o verdadeiro e perfeito modelo do Pequeno Irmão de Maria» (id. p. 80). Não que se desinteressasse da administração, mas julgava mais importante, dada sua residência em Notre-Dame de l'Hermitage e dado seu carisma pessoal, fazer o papel de diretor espiritual. Daí o número impresionante de cartas por ele escritas, das quais umas 600 chegaram até nós sob forma de cópias. Irmão Térence acha que só ele recebeu «perto de 200 cartas do caríssimo Irmão Assistente durante os anos de sua administração da Província de Saint-Paul-Trois-Châteaux» (id. p. 70).

A seqüência do testemunho desse Irmão e alguns autros mostram que esse trabalho não foi infrutífero. Nas circunstâncias em que então vivíamos, quanta... «paciência, atenção e prudência (não lhe foram necessárias) em sua correspondência para moldar, instruir, animar pessoas até então tão pouco formadas! Entretanto como se revelou admirável nessa rude e difícil tarefa! Que jeito, que tacto para não melindar ninguém mesmo agindo drasticamente sem ferir» (id. p. 82). Irmão Fuscien (1838-1916) reconhece que: «Entre as eminentes qualidades com que a Providência aquinhoara prodigamente Irmão Jean-Baptiste, uma há que foi duplamente preciosa para mim: a de saber com habilidade dirigir as pessoas e delas tirar o máximo proveito apesar dos defeitos. Ao invés de entravar ou paralizar a iniciativa pessoal, contentava-se com corrigi-la, dirigi-la e animá-la (id. p. 77). No mesmo sentido, um terceiro Irmão, cujo nome não se sabe, declara por sua vez: «Folgo em reconhecer que uma das maiores graças que recebi do céu foi ter encontrado, quando entrei para a vida religiosa, um diretor de consciência como o caro Irmão Jean-Baptiste. Sem sombra de dúvida devo a sua hábil direção haver perseverado em minha vocação... Pude sempre encontrar junto a esse incomparável condutor de almas as luzes, as forças, a coragem que me eram necessárias. Se pude triunfar de meus defeitos, subjugar minhas paixões e talvez ter feito algum bem, devo-o certamente, depois da graça de Deus e da proteção de Maria, à direção de Irmão Jean-Baptiste que sempre gozou de minha confianca, de minha estima e que, tantas vezes, demonstrou-me afeição e interesse» (id. p. 79).

Como se vê, a correspondência ocupa lugar importante na vida do Irmão Assistente, tanto pelo tempo que lhe tomou quanto pelo interesse que despertou junto aos irmãos. Com efeito, essas cartas são originais em seu estilo agradável, simples e direto. Em sua grande maioria são cartas de direção. Embora o autor raramente fale de si mesmo, nem por isso deixam de revelar-lhe traços da personalidade.

Consideradas em seu conjunto, podem ser divididas em dois períodos. No primeiro, que vai do início até a metade dos anos sessenta elas são mais serenas, apelam para as imagens, na maioria dirigem-se, parece-nos, a Irmãos jovens que importa iniciar na via da espiritualidade, donde as freqüentes censuras, mas com acentuado tom paternal. O segundo período, que cobre os cinco ou seis anos que precederam sua morte, vem caracterizado por um tom mais sério, talvez porque a maioria dos correspondentes são diretores aos quais se pode falar da cruz que o próprio autor sente pesar mais duramente por causa da doença e por outro lado dos sombrios presságios de acontecimentos dolorosos para a Igreja e para a sociedade da França. É intencionalmente que delimito esses dois períodos de maneira vaga, porque a separação entre os dois é imprecisa e porque muitas cartas estão sem data.

Num primeiro contacto é surpreendente o estilo alegórico e o tom jovial dessas cartas, sobretudo as do primeiro período. Para melhor definir o que ele descobre de defeituoso em seu correspondente e para melhor dispô-lo a acolher as censuras, serve-se de imagens, às vezes esquisitas, freqüentemente picantes e de expressêos curiosas, por vezes beirando a vulgaridade. Por exemplo, para corrigir a leviandade fantasista de um Irmão, aconselha: «Em vez de avançar por saltos e cambalhotas, você andará cerimoniosamente como o Ródano. Gostaria... que você não levasse em conta o que acontece em seu sótão (imaginação); gostaria que você o deixasse aos ratos e que ligasse tanto para ele como liga com o que se passa nas Índias. Cuide do coração, da vontade, da consciência, da razão ou do juízo, mas não ligue para a imaginacão» (1863). Não que ele não ligasse para essa última faculdade, pois despede-se de outro irmão ao qual aconselhara várias coisas assim: «Você tem aí com que se ocupar e com que alimentar sua imaginação» (1858).

Afastar-se do fogo quando se sente frio, deixar a fonte para beber areia, escreve em outra carta (1859), «eis sinais de loucura e só um desequilibrado faria isso». Poderia multiplicar os exemplos, pois é seu modo habitual de advertir e de encorajar os Irmãos. Ele manifesta assim, fora de dúvida, um caráter brincalhão, servido por uma imaginação fecunda da qual se serve, não pelo prazer de embelezar o estilo, mas unicamente como meio de atingir mais eficazmente a finalidade que tem em mente. Prevenir, reerguer, reformar, estimular os Irmãos para fazê-los progredir no caminho espiritual, eis seu único e constante intuito, que ele considera obrigação para com os Irmãos que tem sob sua guarda. Nunca uma carta, e nas cartas nunca um parágrafo de simples polidez ou apenas para trocar sentimentos; isto é feito de passagem, com alusões, ou quando necessário para início de conversa.

Porque, na verdade, o que mais se encontra são censuras, advertên-

cias, às vezes ameaças, mas sempre contrabalançadas com animações, tudo apresentado numa linguagem simples e direta, vestidas com fórmulas originais, insinuantes com o fim de dar ênfase e afastar os últimos obstáculos antes da partida. A um Irmão jovem, inclinado à imodéstia nos olhares, às amizades particulares com certos alunos, Irmão Jean-Baptiste recomenda como conclusão: «Ponha um freio nessas duas raposas e reze bem e garanto que Ir... (o nome do correspondente) será um bom Irmão, um de nossos melhores filhos, um dos que amo mais. Ciau!».

A clareza da linguagem vem reforçada por certa segurança nas afirmações. O leitor nunca se vê em face de hesitações, de alternativas ou de indecisões que o tornam indeciso tanto para o caminho a escolher quanto para a necessidade de nele se embrenhar. Aqui não existe para ele nenhuma escolha nem possibilidade de fugir, resta-lhe apenas a liberdade de limitar-se à tentativa, com a condição de posterior prestação de contas. Assim, por exemplo, o diretor escreve a 19 de março de 1862: «No ofício deste dia a Escritura diz que os servos de Abraão permaneceram ao pé da montanha enquanto o santo patriarca e seu filho Isaac subiram ao alto... Os filhos de Deus sobem ao calvário. Os filhos deste mundo permanecem na base, com os asnos. Com quem você está?... Você me dirá onde passou a quaresma e então saberei quem você é».

Para esvaziar ou reforçar este aspecto, depende do modo como se tomam as coisas, há outro, isto é, a prolixidade. As cartas, como a que acabo de citar, que contêm uma só recomendação, como também as em que as virtudes propostas se limitam a uma, são raras. O mais das vezes quando Irmão Jean-Baptiste recomenda uma coisa não resiste a acrescentar outra, depois outra mais de que não falara anteriormente como na citação feita acima a respeito das duas raposas em que a promessa que faz ao final o obriga mesmo assim a citar a oração totalmente ausente no resto da carta. Mais surpreendente é a seguinte enumeração: «O que mais espero pois de você? Um passo mais; não é muito, mas prefiro que você caminhe sempre andando devagar do que vê-lo recuar depois de havê-lo feito correr. Neste ano portanto, daremos um passo no desapego das criaturas, na regularidade, na piedade, na exatidão em cumprir a tarefa de diretor; ficaremos um pouco mais em casa, teremos um pouco menos de contacto com o mundo, seremos menos dados com os alunos, contentar-nos-emos em só educá-los para Deus, declararemos guerra ao amor próprio e a todas as pequenas paixões que atormentam a coração». Será uma armadilha ou o efeito do amor que deseja o ser amado totalmente belo? Em todo o caso, talvez um pequeno passo, mas para um miriápode. Esta outra passegem justificaria talvez a prolixidade como efeito do entusiasmo. «Sabe o que o demônio quer lhe roubar? Três coisas: a vocação, a pureza e a salvação, a graça de Deus, a própria alma». A matemática do

coração não é a da razão! Muitos escritores espirituais, sobretudo o Padre Saint-Jure, muito lido por Irmão Jean-Baptiste, testemunham em sua defesa usando freqüentemente da mesma prolixidade.

A impressão que os Irmãos deviam ter não é certamente a da dispersão, pois atrás dessas injunções, por numerosas que sejam, sente-se sempre a presença de um diretor, chefe e pai ao mesmo tempo que não tem medo de dizer o que pensa, nem de enfrentar qualquer situação para o bem de seus filhos, como os chama muitas vezes. Em todas suas cartas encontramos esse tom de autoridade que, mesmo que às vezes surpreenda, inspira segurança como um chão firme onde não há risco de cair em ciladas ocultas. Se Irmãos houve que não corcordavam com o superior, certamente não foi por falta de sinceridade deste último, mas pelo contrário por uma retidão que lhe dava a coragem de dizer o que tinha a faculdade de discernir mesmo na sombra. Alguns exemplos entre os mais típicos, bastarão para ilustrá-lo. «Você estará contente e em segurança enquanto estiver nas minhas mãos, mas se quiser escapar-me e andar por conta própria você será infeliz e perder-se-á. Deus o livre de tal desgraça! Adeus, eu o abençôo prometo de bem segurá-lo». «Sim, é o diabo que o aborrece e perturba, mas nada poderá, dominarei a situação, você me obedecerá, pronunciará os votos, vai observá-los e irá para o céu». «Espero, caro Irmão, que nunca esquecerá os bons princípios que lhe dei. Lembre-se de que a obediência, a pureza, o amor de Jesus, o temor do pecado são as virtudes que lhe recomendei particularmente. Tentei sobretudo formar seu espírito, seu coração e sua consciência... Espírito dócil e reto, coração sensível, grato e fervoroso, consciência timorata, delicada, transparente como o cristal, eis o que quero de você».

Esses exemplos podem sugerir Irmão Jean-Baptiste com conotações de autoritarismo exagerado se não se tentar compreender a situação real. As pessoas às quais ele se dirige são, na maioria, Irmãos cuja formação, racebida tanto em Saint-Paul quanto em Viviers, não atingira o mínimo exigido para um religioso. Um deles, Irmão Térence, confirma-o. «Apresentei-me em Saint-Paul em 1842,... tinha treze anos e meio; todo o pessoal, aliás reduzido, vivia misturado. Éramos seis noviços, Irmãos jovens ou postulantes, confiados a um professor encarregado de tomar-nos a lição de catecismo, o Evangelho da semana e de dar-nos aula de ortografia e de aritmética, enquanto Irmão Jean-Marie, Director, encarregado de transformar em Maristas os discípulos de Monsier Mazelier, virava-se como podia para levar a coisa. De vez em quando via-nos em particular, supervisionando e instruindo a comunidade religiosa. Quatro meses depois da tomada de hábito, isto é, depois de onze meses de preparação, mandaram-me para uma escola encarregado da cozinha e depois da aula inicial, depois da última classe, cuja preparação me possibilitou conquis-

tar meu diploma elementar, o que contribuiu para que fosse nomeado para as temidas funções de diretor aos dezoito anos». Irmão Jean-Baptiste compreendeu logo que sua principal tarefa era formar esse Irmãos e de fazê-los passar da infância na vida espiritual para a idade adulta que, fisicamente, já haviam atingido. Essa tarefa, indispensável tanto para as próprias pessoas quanto para a sociedade, ele a assume com a coragem e a seriedade que uma missão recebida de Deus exige. Isto que ele declara a um Irmão na iminência de abandonar o Instituto vale certamente para os outros. «Estou disposto a tudo, conquanto eu o salve e o impeça de afogar-se. Estou a seu dispor, disponha de mim como quiser, mas dê-me o consolo de ser-lhe útil, de salvá-lo e poupe-me o desgosto de vê-lo perecer».

O entusiasmo que demonstra na execução dessa tarefa explica-se por seu sentido do dever, mas também pelas aptidões pessoais para tal apostolado, enfim pela confiança e apego que os Irmãos em geral lhe testemunham. Daí ninguém se admirar que peça a alguns que lhe abram o coração para a direção espiritual. «Conte-me sempre, escreve a um deles, tudo o que se passa com você; garanto-lhe que assim Deus o abençoará». Outro também recebe o mesmo pedido: «Mantenha-me sempre bem informado de sua conducta, de suas tentações e de todas as suas dificuldades para que eu o ajude a suportá-las, para que eu lhe ensine a combater o grande ladrão que o espreita». Se um ou outro recair, o Superior não hesita em impor-lhe a mordaça. «Por que se aborrece por eu o levar na corrente? A lua e os outros satélites não estão assim em relação ao sol há seis mil anos? Terei que conduzi-lo durante seis anos como uma criança, depois do que o deixarei livre, isso se você tiver criado juizo e se tiver digerido bem minhas pílulas». Censura a outro por demorar a escrever, enquanto a um terceiro censura a frieza em seu relacionamento. Naturalmente ele sabe o que pode dizer e o que tem a dizer a cada Irmão, pois os conhece e só busca o bem deles.

Por outro lado, em outros casos a liberdade parece-lhe dever ser respeitada. «Não estou querendo amá-lo mais do que você se ama. Cedo-lhe a vez porque assim deve ser, mas cedo só a você e pretendo ser o segundo a ter vez neste assunto».

Longe dele a intenção de monopolizar os Irmãos, mesmo quando solicita deles uma prestacão de contas de suas diretivas como no caso do Irmão ao qual escreve: «Vamos lá! coragem! não deixe de fazer (o que lhe recomendo) e de me prestar contas na Páscoa do resultado de seus esforços». Por outro lado, é lícito pensar que pelo menos a maioria dos Irmãos aceitavam de bom grado as exigências do Superior, pois, além da verdadeira afeição que lhes devotava, possuia o dom de compreendê-los, de captar o estado de alma através de suas confidências. Alguns, como Irmão Bonius, antigo mestre de noviços por ele formado, assegurava que

ele «lia nos corações como num livro. As palavras que então nos dirigia provam a realidade do que afirmo» (Amphiloque, p. 83). A segurança com a qual lança afirmações em suas cartas poderiam confirmá-lo. Julgue-se por estas duas afirmações: «Compreendo suas dificuldades melhor do que você pensa e melhor do que as exprime». «É possível que eu o esteja julgando temerariamente; gostaria que assim fosse, mas acho que vejo as coisas com muita clareza. Examine bem, confio no seu testemunho». Outras declarações vão mais longe ainda, levando a crer que se trata de iluminação. Se assim não fosse, como levar a sério afirmações como estas: «Pedi para você um lugar no Sagrado Coração de Jesus e ele me foi garantido». «Crie juízo, você tem pouco tempo de vida. Quem mo revelou perguntará você. Respondo: Você tem pouco tempo de vida; só estou autorizado a dizer-lhe isso». - Esqueceu que eu sou para você o vidente de Deus? Saiba pois que é em função disso que estou mandando de volta o Irmãozinho. Vislumbrei na luz divina que ele lhe será útil, que lhe era necessário».

Quanto à afeição com que cerca os Irmãos, vem expressa de certa forma em quase todas as cartas e corroborada pelo testemunho de Irmãos que a experimentaram. Essa afeição, se tinha algo de sentimental, não permanecia nesse nível, pois manifesta-se em acentos tanto mais fortes quando dirige-se a Irmãos que estão angustiados ou sofrem de algum handicap moral, senão físico. Além disso essa afeição acaba sempre confundindo-se com o amor que ele manifesta a Deus. «Você se admira que eu o ame tanto, lê-se numa das cartas. Eu o amo porque Deus o ama, porque ele o confiou a mim e porque fui encarregado de sua educação espiritual, porque você tem uma bela alma e porque se você cuidar bem dela ela brilhará como um sol no céu. Enfim amo-o porque quero fazer de você um bom Irmão e só me darei por satisfeito quando o tiver conseguido». Em outra carta faz-se mais paternal ainda para conseguir a reação de um Irmão jovem, para sacudir o torpor, covil do diabo. «Coragem, caro Irmão, procure com força amar a Jesus... Por favor não dê ouvidos ao aborrecimento, à tristeza... Peço-lhe e suplico que o combata com todo empenho. Eu sofreria se soubesse que você sofre. Por isso quando as dificuldades aumentarem escreva-me; uma troca de sentimentos, a confidência que me fizer aliviará suas dificuldades». Portanto, longe de ser egocêntrico, o amor pelos Irmãos para ele é um meio de levá-los a Deus. Ele próprio, ao constatar que o impulso dado é eficaz, é o primerio a eclipsar-se.

Isto se manifesta concretamente no fato de ele falar pouco de si mesmo, sobretudo no primeiro período, onde só encontramos curtas alusões a seu passado, apreciações de inferioridade, pedidos de orações em seu favor. Entretanto, sua carta de 9 de maio de 1861 alonga-se mais neste terreno, a ponto de nos deixar perplexos sobre o sentido desta passagem: «Além disso, peço-lhe e lhe ordeno que peça minha conversão, pois sei

que estou mais do que enferrujado, resfriado, teimoso, mau e é preciso que suas orações me tornem bom, muito bom, eminentemente bom». Em contrapartida, as cartas do segundo período são mais graves, nelas revela-se mais orientado para o além, do qual se aproxima por un caminho de sofrimento, mas, paradoxalmente, precupado com os acontecimentos politicos na França e em toda a Europa. Em julho de 1870, temendo para sua pátria toda espécie de flagelos como «a fome, a guerra e talvez a peste», recomenda que se reze, que se observe bem a regra «a fim de dobrar a cólera de Deus». Quando em janeiro de 1871, o desastre da França é uma realidade, que a Internacional começa a sair da sombra, vê nisso a ação da Providência para purificar os religiosos. «É o dedo de Deus que age para a Igreja, para os eleitos, castigando-os e protegendo-os a um só tempo. Está decidido, não aceita mais religiosos tíbios. É preciso ser santo, viver fervorosamente ou esperar ser jogado no mundo». Numa outra carta da semana seguinte, completa seu pensamento dizendo: «Quem não for fervoroso cairá e tanto melhor, seremos menos numerosos mas mais fortes; a qualidade compensará o número». Alguns dias mais tarde acrescenta ainda: «Estou feliz, tranqüilo, os acontecimentos não me atingem, é como se acontecessam na lua». Enfim, numa carta não datada, mas que deve ser desta época, lemos: «Quanto a mim olho também o céu e digo com o discípulo amado: Ó Jesus, vinde... Eu espero!...» A 5 de fevereiro de 1872, sentado na poltrona, pois a asma não lhe permitia ficar na cama, exalava tranqüilamente o último suspiro.

AS IDÉIAS

Entretanto ele continua presente entre nós por suas numerosas obras, entre as quais contamos suas cartas que nos revelaram sua personalidade; nelas encontramos além disso suas idéias que vou tratar de apresentar agora. Por serem, na maioria parece-me, respostas a casos particulares que lhe são submetidos, seria enganar-se querer ver nelas a exposição de uma doutrina. Irmão Jean-Baptiste, de acordo com seu biógrafo, não tem «tendência particular e a tudo prefere a via comum... Contenta-se com respigar sempre» (Nos Sup. pp. 43-44). Vale dizer que nele não se encontra um pensamento propriamente original. Ele simplesmente colhe dos autores o que lhe convém, o que combina com seu estado de espírito com a formação recebida, enfim, o que ele crê ser a doutrina da Igreja. Essas idéias são adaptadas ao que prevê a regra, sem a mínima preocupação de modificação, menos ainda de inovação. Sua contribuição pessoal reside unicamente na interpretação que lhes dá conforme seu próprio julgamento em face das circunstâncias presentes.

«Na base de tudo, diz ainda seu biógrafo, ele coloca a idéia fundamental expressa por Nosso Senhor: Que serve ao homen ganhar o mundo se vier a perder a alma?» (Mt. 16,26). «Garantir a salvação» eis segundo ele o grande, o único negócio de todo homen neste mundo. Tal foi a preocupação de toda sua vida desde a infância onde a idéia entrou nele graças ao cântico «A salvação eis tudo que temos que fazer», até a morte, pois a última carta que dele cohecemos termina com esta palavras: «O homem só tem uma coisa a fazer neste mundo, a salvação; o mais é tudo ilusão e loucura, não esqueçam» (id. p. 44). Nele fica claro que «salvar-se» é, nem mais nem menos, santficar-se, merecer o céu onde só os santos são admitidos, pois entre o céu e o inferno não há meio termo. O céu, para o qual somos feitos, conquista-se a preço de esforços e de combates, enquanto que o caminho do inferno é o de nossa inclinação natural, no qual, além do mais, o demônio procura conduzir-nos; portanto dois inimigos que devemos combater.

A arma do demônio é a tentação; o desejo que nos leva ao mal, a não cumprir nosso dever, a suspender qualquer esforço e seguir nossas inclinações naturais. Daí sua agressividade particular contra aqueles que decidem engajar-se na via contrária. «Todos os homen são mais ou menos tentados, diz Irmão Jean-Baptiste, etc... aqueles que o são mais e violentamente são aqueles que Deus chama a maior perfeição, sobretudo os religiosos; ah! sim, os religiosos, é a eles que o demônio mais ataca!» (C. de 1859).

Por conseguinte, travar batalha contra o demônio deve ser, segundo ele, toda a vida do religioso. A tática a usar consiste em resistir sem tentar contra atacar de frente. «Não é ele (o demônio) que se deve temer, mas o pecado. — Mas ele me tenta sempre. — Ele está certo, é a função dele, mas você faça a sua que é de resistir-lhe. Não ligue, os maus pensamentos não são pecado; combata-os e não ligue» (L. 21.03.1863). Em mais de uma carta ele chega a louvar a tentação como ocasião de praticar a virtude. «Quando estiver bem espiritualizado, você olhará as tentações como amigas: elas o são. Não queira desejar que Deus o livre delas; se ele o fizesse seria um como que castigo, ele estaria privando-o dos elementos da santidade, o pão da alma» (L. 11.01.1865). Quanto à origem da tentação, seria exagerado dizer que ele a atribui ao demônio, embora o detecte a cada passo; o segundo inimigo não está descartado nesta batalha.

Não deveríamos com efeito compreender que nossa natureza oferece ao demônio o terreno favorável para seus ataques quando afirma: «Em sua idade a tentação mais perigosa, com efeito, é a tentação contra a santa virtude... O que alimenta essas tentações e lhes dá força particular é a sensualidade» (L. 09.07.1860). Em outra carta trata-se de uma perseguição «por todos os demônios e por todas as paixões» (L. 15.03.1864).

De acordo com a doutrina ensinada por todos os autores espirituais, Irmão Jean-Baptiste designa com a palavra «paixão» toda inclinação forte de nossa natureza, manistestada sob forma de desejo de uma satisfação. Ora, desde a queda de nossos primeiros pais, toda nossa natureza está corrompida tanto que: por si mesma ela só pode produzir o mal. «As crianças têm dentro de si escreve Irmão Jean-Baptiste em seu ensaio sobre a educação, o germe de todas as paixões e de todos os vícios. A alma delas, envolta nas trevas de profunda ignorância, não é capaz de nenhuma função espiritual. Só tem sensibilidade para o prazer e para a dor física, parece não existir senão para o corpo e só tem primordialmente vida puramente animal. E portanto já então começa o império dos sentidos, o gosto pelo bem-estar, o desejo e a busca «das sensacões agradáveis e o horror pelas sensações desagradáveis e dolorosas. Essa humilhante escravização que a criança contrata com a vida é a fonte de todos os pecados que há de cometer na vida para proporcionar ao corpo suas satisfações e volúpias. É também a causa ou razão de todos os combates que enfrentará para delas livrar-se se quiser ser virtuosa» (op. cit. p. 174). Portanto tudo quanto procede de nossa natureza é mau; portanto o desejo que sente e o prazer que desfruta são no mínimo suspeitos. Só as conquistas da vontade: o esforço e o sacrifício, são capazes de levar-nos ao caminho da salvação. Não há dúvida de que tal concepção voluntarista de vida espiritual seja a do Irmão Jean-Baptiste. «Não está escrito, lembra em outra carta, que o reino dos céus sofre violência e que só os que se fazem violência o conquistarão? (L. de maio de 1858).

Em outra carta afirma que «tornar-se santo é combater o demônio e lutar contra nossa natureza corrompida... A guerra é nossa condição normal» (L. de 20.03.1869). Outra prova desse voluntarismo é o emprego freqüente da palavra «virtude», sobretudo em seu sentido geral de ser virtuoso, de praticar a virtude. «Você é feito para uma sólida virtude, conclui para encorajar em Irmão e... você desperdiçaria todas suas faculdades se as não empregasse para tal fim» (L. 22.01.1862). Para ele essa palavra significa o resultado dos esforços para fazer as faculdades servirem para o bem, o que supõe igualmente a rejeição dos apetites contrários, em outras palavras, a mortificação. A esse respeito faço notar que ele nunca fala de dominio de si, porque, ou as fontes que utiliza não empreguem esse termo, ou porque julga melhor conduzir seus dirigidos por um caminho radicalmente cortado da natureza. «Sua grande penitência, aconselha, deve ser a do interior ou do domínio das paixões. Declarar guerra incessante ao amor próprio, à sensualidade, à dissipação, eis a grande penitência.... que santifica hoje» (L. de 15.12.1865). Mais radical se mostra com outro dizendo-lhe: «Não receie imolar a natureza; é preciso que ela morra para poder ressuscitar, deixando as enfermidades no sepulcro» (L. de 09.01.1863).

O chão que lhe sobra depois de haver imolado a natureza e sobre o qual vai poder apoiar-se é Jesus Cristo. «Para que fim está o homem na terra?» indaga numa carta e responde: «Para servir a Deus. — E o que é servir a Deus? — É sofrer por ele até a imolação» (L. de 06.03.1863). Como duvidar seja esse o tema central de sua espiritualidade sobre o qual volta sem cessar? Nisso nada de novo, nem de sempre atual, mas o modo abrupto de apresentá-lo choca nossas mentalidades, talvez mesmo seja uma interpretação demasiado rígida daquela, menos negativa, que prefere a oferanda à imolação que o Padre Champagnat preconizava. Apesar do jeito jovial que ressuma de suas cartas, a atmosfera criada por Irmão Jean-Baptiste é como o sublinha Irmão Louis-Marie, a do espírito sério. Para ele o caminho da vida religiosa é o da cruz. Já que Jesus nos resgatou pela cruz, devemos santificar-nos pelo mesmo caminho. Seguir o Filho de Deus feito homem para nossa salvação é dar glória a Deus. Quantas vezes, sobretudo durante a Quaresma, não lembra aos Irmãos que dirige a lição da cruz? Basta citar uma passagem em que para animar um Irmão jovem às voltas com a provação, alonga-se num explicação. «Agora, Irmãozinho, escreve, quero que você fixe residência no Calvário, já que estamos no tempo santo da Quaresma. Fique ali com Jesus e Maria. Contemple e sinta os sofrimentos de Jesus e de Maria e só desça depois de haver bem entendido: 1) a bondade de Jesus; 2) a hediondez do pecado e sua malícia horrível; 3) enfim o que vale sua alma e o que ela custou a Jesus» (L. de 1859).

A graça divina, ninguém duvida, é o único meio de suportar tais renúncias. A primeira dessas graças é a vocação religiosa que nos impõe esse caminho, — «tornar-se Irmão é comprometer-se a ser santo» — mas que nos dá, pela regra, o meio de consegui-lo. Daí a importância da regularidade que o Superior relembra sem cessar aos Irmãos Diretores. A todos concita a serem fiéis à graça a fim de não cair na tibieza e no relaxamento. A fidelidade, seja à regra seja ao dever da santificação, só é possível pela oração. Pode-se afirmar que em cada três cartas em uma pelo menos a oração é expressamente citada. Muitas vezes vem seguida do amor de Jesus Cristo e sua Mãe. Por vezes, conforme a circunstância, faz-se menção das relações íntimas com Nosso Senhor. «Aqui vai um segredo: entre no Coração de Jesus, esconda-se aí, o calor atinge graus infinitos, você acabará fundindo-se, deixará lá todas suas imperfeições e sairá completamente renovado ou moldado à imagem do divino Coração» (L. de 30.07.1859).

Entretanto, passagens como essa são mais raras. Será porque julga seus dirigidos demasiado noviços ainda nas vias espirituais, ou porque ele mesmo, demasiado voluntarista, pouco o tenha experimentado, o que, de um lado, explicaria seu jeito um tanto supreendente de a elas referir-se?

Ambas as hipóteses provam que ele se dá bem na via comum e que desconfia dos fenômenos extraordinários.

Como se pôde observar até aqui, esse caminho que ele propõe é de tal modo comum que, até aqui, não apresenta nenhuma característica especificamente marista. Com efeito, nas cartas, fora algumas respostas a casos especiais de organização da escola, encontram-se relativamente poucas recomendações relativas, por exemplo, diretamente ao apostolado. Este, embora seja um elemento de nossa vocação marista, não é tido como fazendo parte de sua essência mesma, conforme a afirmação do último concílio, mas apresenta-se, pode-se dizer, como sendo uma via paralela embora em constante relação com ela. Uma das raras cartas em que esse problema vem abordado sob esse aspecto, infelizmente, não prima pela clareza. O Irmão Diretor ao qual se dirige, por causa de seu espírito superficial, parece não colher bons resultados. «É pelo retiro e pela regularidade, lhe diz o Superior, que você adquirirá hábitos graves e espírito sólido, coisas que tanto prezo num religioso e que são, efetivamente, tão necessárias para ser alguém capaz de fazer o bem... Repito-lhe, não deixe que os acidentes, as circunstâncias, as bagatelas o desviem do zelo. Basta-lhe boa vontade para tanto. Lembre-se de que você se deve a si mesmo em primeiro lugar, e que é para o seu bem que você é religioso. Portanto o mundo não deve perturbá-lo com futilidades. Ponha bem na cabeça, querido Irmão, que deve passar pela vida não fazendo estardalhaço mas produzindo frutos, porque não é sozinho que deve salvar-se mas também àqueles que você instrui e educa... Ora, para contribuir para a salvação dos outros, não basta ter santidade comum, porque se você não tiver virtude bastante para si como pode dá-la a outros? (L. de 17.05.1851). Ressalta deste texto que é preciso santificar-se a si mesmo para depois santificar os outros. Nisso Irmão Jean-Baptiste distancia-se de M. Champagnat que pende para a segunda alternativa: por sua dedicação pelo próximo o apóstolo santifica-se a si mesmo. Sem dúvida Irmão Jean-Baptiste sublinha o fato de que o apostolado nos dá muitas ocasiões de praticar a virtude, segundo sua expressão, mas não parecer ver o poder santificador do apostolado, mesmo que seja fonte de alegria.

O que não significa dizer que ele proponha aos Irmãos um vocação monacal; mostra estar longe disso quando se insurge contra um Irmão diretor dizendo-lhe: «Você está errado em chamar o retiro seu refúgio. Você não foi feito para o retiro, mas para o combate... Sabe a quem se parece? A são Pedro no monte Tabor. Ele dizia a Jesus: «Oh! como é bom estar aqui!». Lembre-se que o texto sagrado diz que são Pedro não sabia o que estava dizendo e que falava como criança. Os Irmãos, como os apóstolos, não são feitos para o Tabor mas para o Calvário e para percorrer o mundo a fim de salvar as ovelhas desgarradas» (L. de 06.03.1863). Em

sua obra inédita sobre a educação lemos esta passagem: «São João Crisóstomo faz notar que Jesus Cristo, tendo perguntado a Pedro se o amava, não respondeu a todas as certezas que o apóstolo afirma senão: apascenta meus cordeiros, apascenta minhas ovelhas, querendo desta forma dizer: se for verdade que você me ama não poderá dar-me melhor prova do que ocupando-se na salvação das almas que resgatei com meu sangue» (Man. p. 13). Para Irmão Jean-Baptiste, portanto, ser Irmão é esforçar-se para tornar-se santo, de um lado, e de outro, dedicar-se à salvação das crianças: dois objetivos dos quais o segundo precisa do primeiro mas que não se confundem.

Esse princípio de subordinação de um em relação ao outro é válido também quando se trata dos estudos a empreender para melhor desempenho no apostolado. É por isso que, mesmo reconhecendo que os Irmãos, em sua maioria, tinham preparo intelectual insuficiente, Irmão Jean-Baptiste previne-os contra a sede de saber que julga excessiva em sua época. Apesar da extensão creio dever transcrever a passagem que aqui nos interessa. «Você faz bem de incluir o estudo entre as tentações e as coisas que o prejudicam, pois ele é uma cilada para você. Melhor dizendo, não é o estudo que é mau, é a paixão por ele, é o objeto do estudo que não presta. Que um professor prepare as aulas, tudo bem! mas já que o estudo enfastia do magistério, é visível que é imperfeito e que você busca nele uma vã satisfação do espírito. O estudo resseca o espírito de seu estado. O estudo é bom, necessário, mas é preciso dosá-lo. Para tanto é preciso submetê-lo às três regras seguintes: 1a. Todo estudo deve ter uma finalidade de utilidade para o próximo, sem o que será perda de tempo para um religioso, quando não coisa pior. 2a. Ele deve levar ao bem quem o faz; todo estudo que prejudica é vicioso; 3a. Todo estudo sério num religioso deve ter por finalidade tornar a vocação mais fiel, isto é, fornecer ao religioso o meio de fazer maior bem, de torná-lo capaz de maiores coisas para o próximo e para o Instituto. Julgue sua paixão pela história à luz dessas três regras e verá se ela é boa.... Aprecie pois o estudo, entregue-se a ele mas mude a matéria: deixe de lado a grande história e substitua-a pela religião, então o estudo lhe dará virtude e contentamento... Estudar a religião, amar a Deus, tornar-se santo, eis, meu caro Irmão, seu programa» (L. de 01.07.1865).

(segue)

DOCUMENTOS

1

Resoluções

de

Marcelino CHAMPAGNAT

Seminarista

Coadjutor de paróquia

9 de janeiro de 1812

Folheto de 8 páginas, formato 13,5 x 10, de cor cinza, escrito em quatro páginas, as outras, em branco; sem título. *Segundo AFM, 131.1; cf. Vie, pp. 19-20.*

Marcelino Champagnat, seminarista em Verrières, a partir do dia 1° de novembro de 1805, consegue, na idade de mais de 22 anos, chegar à Retórica, no mesmo seminário. Pode-se dizer que cresce com a casa. Quando lhe atravessou a porta pela primeira vez, ela mal contava um ano de existência. O estado de vetustez em que se encontrava não havia mudado. Por outra parte, o desleixo continuava a reinar entre os alunos. O fundador, Pe. Perier, não era homen organizado e apesar da boa vontade, não era capaz de exigir a ordem e a disciplina indispensáveis a uma casa assim (Chausse, Vida de J.L. Duplay, 1, p. 91). Como estranhar, perante tal situação, que os alunos, às vezes, debandassem pela cidade, em grupos estrepitosos, e que Marcelino, capaz, como ele só, de arrastar os demais, encontrasse nisso, a compensação natural aos esforços que lhe exigiam os estudos! Entretanto, em 1807, o Pe. Linossier vem em auxílio do Superior. Restabelece a disciplina e imprime seriedade aos estudos. Dois anos depois, o Pe. Barou, sucessor do Pe. Perier, continua na mesma linha e faz reinar o espírito religioso de accordo com o destino dessa casa. Marcelino Champagnat, levado pela graça, passa, o mesmo tempo, por essa mesma evolução. É certo que parece nunca ter duvidado de sua vocação ao sacerdócio. Entretanto, uma coisa é deixar-se levar pela vida e deixar os dias passar e outra, ocupar-se seriamente do futuro, para fazê-lo desabrochar. Com seis anos de casa, a confiança de que gozava por parte dos superiores e a ascendência que tinha sobre os colegas bem poderiam tentá-lo a proveitar-se da situação e fazer o que bem quisesse. Os professores, no entanto não cansavam de lhe fazer compreender que para ser bom sacerdote, não basta saber o Latim. Muito mais importante é ser homem de Deus, dado que o sacerdote exerce sua missão mais pelo exemplo do que pela palavra. As resoluções que seguem, tomadas talvez depois de um retiro mensal, correspondem ao momento em que essa convicção penetra no espírito de Marcelino.

1 Copie page 107 131/1

Ô Mon Seigneur et mon dieu,
je vous promets de ne plus vous offenser
de faire des actes de foi des perance
et autres semblables toutes les fois
que je penserai de ne jamais retour
ner au cabaret sans nécessité de fuir
les mauvaises companies; et en un mot
de ne rien faire qui soit contre votre
service, mais au contraire de donner
de bons exemples de porter les autres
à pratiquer la vertu autant qu'il
sera en moi; d'instruire les autres
de vos divins préceptes, d'apprendre le
cathechisme aux povres aussi bien
qu'aux ~~pauvres~~ riches faites, mon
divin sauveur, que j'accomplisse ~~[illegible]~~
~~toutes le~~ fidellement toutes les [illegible]
~~[illegible]~~

S

O mon Seigneur et mon Dieu, / je vous promets ne plus vous offenser, / de faire des actes de foi, d'espérance / et autres semblables toutes les fois / **[5]** que je penserai; de ne jamais retour- / ner au cabaret sans nécessité; de fuir / les mauvaises companies et, en un mot, / de ne rien faire qui soit contre votre / service; mais, au contraire, de donner / **[10]** de bons exemples, de porter les autres / à pratiquer la vertu autant qu'il / sera en moi; d'instruire les autres / de vos divins préceptes; d'apprandre le / cathéchisme aux povres aussi bien / **[15]** qu'aux riches. Faites, mon / divin Sauveur, que j'accomplisse / fidellement toutes ces / résolutions que je prends.

Ó Meu Senhor e meu Deus,
prometo-vos não mais vos ofender,
fazer atos de fé, de esperança
e outros semelhantes cada vez
5 que me lembrar; não voltar mais ao
boteco; fugir das
más companhais e, numa palavra,
nada fazer que seja contra vosso
serviço; antes, pelo contrário, dar
10 bons exemplos, levar os outros
a praticarem a virtude na medida
em que depender de mim; instruir os outros
a respeito de vossos divinos preceitos; ensinar
o catecismo aos pobres tanto quanto
15 aos ricos. Fazei, meu
divino Salvador, que eu cumpra
fielmente todas essas
resoluções que estou tomando.

15 - riches, pr. pauvres.
17-18 fidèlement... prends, pr. fidèlement toutes le... tous les engagements que je viens de faire.

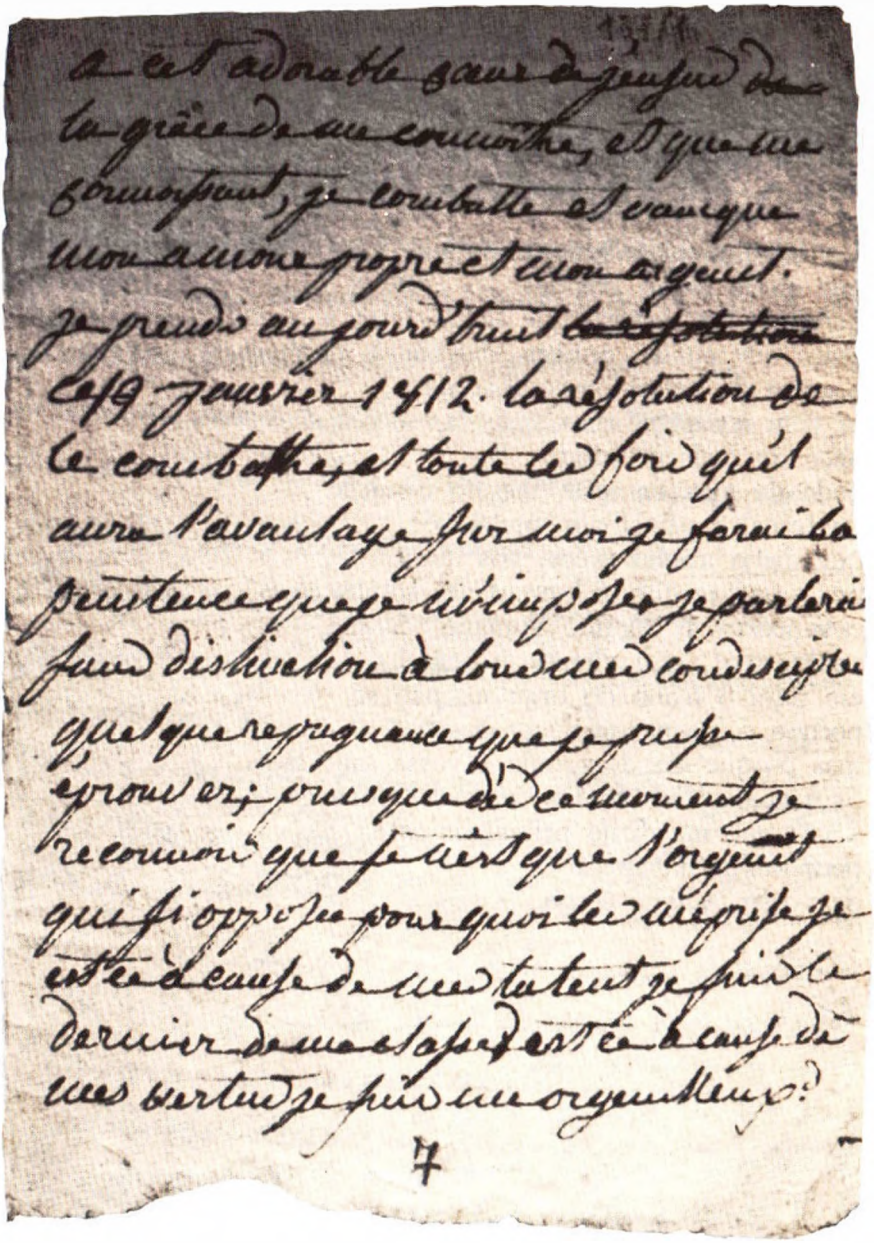
J'avoue seigneur que je ne me connoissois
pas encore; que j'ai encore bien grands
defauts, mais j'espère que m'ayant fait la
grâce de les connoître vous me ferez aussi
celle de les ~~combattre~~ vaincre en les combatt-
ant avec courage c'est ce que je vous
demande ~~[illegible]~~ du plus profond
anéantissement de mon coeur divin coeur
de Jesus c'est principalement à vous que
j'adresse ma priere, vous qui ~~[illegible]~~
par votre profonde humilité, avez combatu
et vaincu l'orgueil humain donnez moi je
vous en conjure cette vertu ~~[illegible]~~ renversez
en moi le trône de l'orgueil, non seulement
par ce qu'il est insupportable aux hommes
mais par ce qu'il deplait à votre sainteté.
St. vierge, St. louis de gonzague c'est
à vous principalement que je
m'adresse demandez pour moi quoique
je sois votre indigne serviteur.

6

J'avoue Seigneur que je ne me connoissois / **[20]** pas encore; que j'ai encore bien grands / défauts, mais j'espère que m'ayant fait la / grâce de les connoître, vous me ferez aussi / celle de les vaincre en les combatt- / ant avec courage, c'est ce que je vous / **[25]** demande du plus profond / anéantissement de mon coeur. Divin Coeur / de Jésus, c'est principalement à vous que / j'adresse ma prière, vous qui, / par votre profonde humilité avec combatu / **[30]** et vaincu l'orgeuil humain, donnez-moi, je / vous en conjure, cette vertu et renversez / en moi le trône de l'orgeuil, non seulement / par ce qu'il est insuportable aux hommes, / mais par ce qu'il déplait à votre sainteté. / **[35]** Ste. Vierge, St. Louis de Gonzague, c'est / à vous principalement que je / m'adresse; demandez pour moi, quoique / je sois votre indigne serviteur,

Confesso, Senhor, que ainda não me me conhecia;
20 que ainda tenho grandes
defeitos, mas espero que tendo feito a
graça que eu os conheça, dar-me-eis também
a graça de vencê-los combatendo-
os com coragem, eis o que vos
25 peço do mais profundo
nada do meu coração. Divino Coração
de Jesus, é principalmente a vós
que dirijo minha prece, vós que,
por vossa profunda humildade, combatestes
30 e vencestes o orgulho humano, dai-me,
conjuro-vos, essa virtude e derrubai
em mim o trono do orgulho, não só
porque é insuportável aos homens,
mas porque ele desagrada a vossa santidade.
35 Santíssima Virgem, São Luís de Gonzaga, é
a vós que me dirijo principalmente;
pedi por mim, apesar
de vosso indigno servo,

23 - vaincre, pr. combattre.
25 - du plus, pr. dans le plus.
28 - vous qui, pr + pour rendre.



a cet adorable cœur de jeusus de
la grâce de me connoître, et que me
connoissant, je combatte et vaincque
mon amour propre et mon argenit.
je prends aujourd'huit ~~la résolution~~
ce 19 janvier 1812. la résolution de
le combattre, et toute les fois qu'il
aura l'avantage sur moi je ferai la
penitence que je m'impose je parlerai
sans distinction à tous mes condisciples
quelque repugnance que je puisse
éprouver; puisque dès ce moment je
reconnois que je n'est que l'orgueil
qui si oppose pour quoi les méprise je
est ce à cause de mes talent je suis le
dernier de ma classe est ce à cause de
mes vertus je suis un orgueilleux?

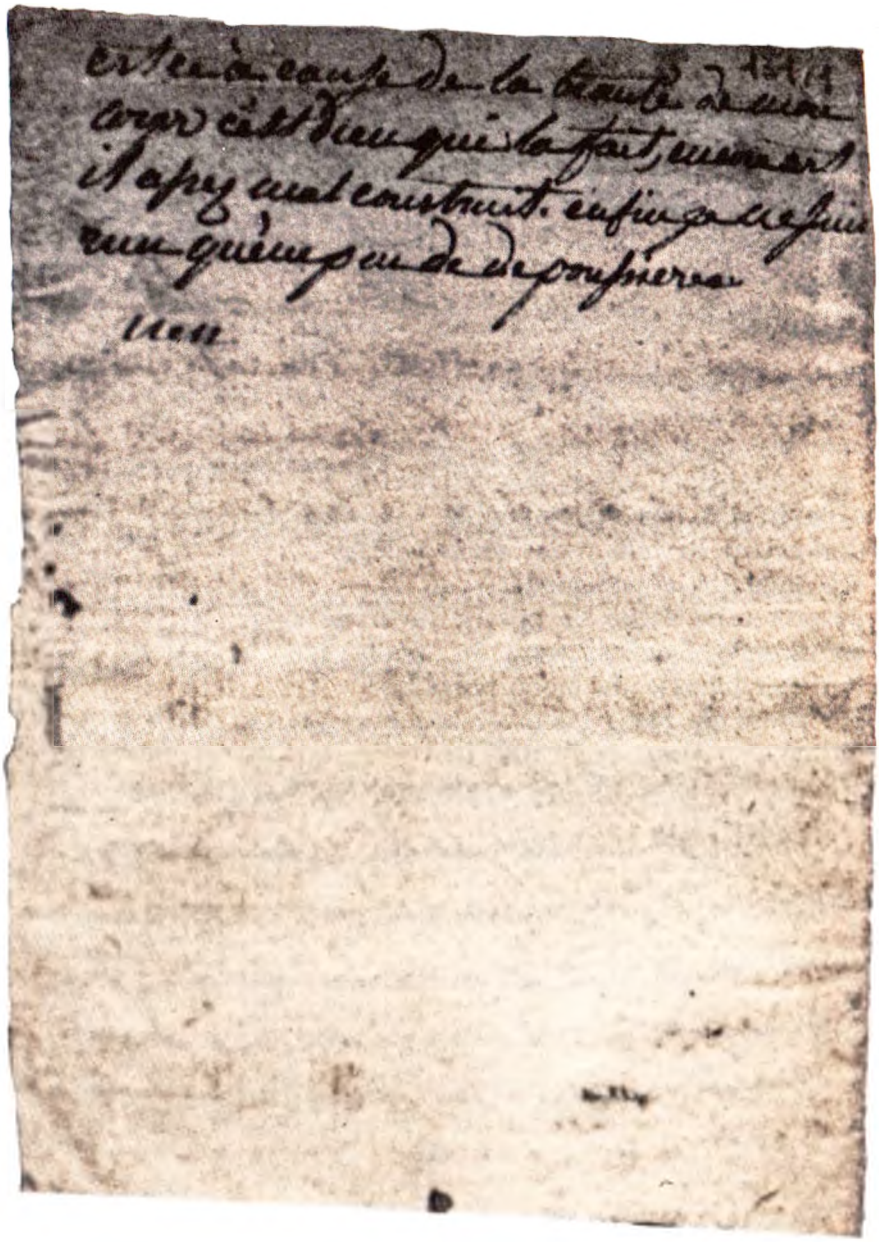
7

à cet adorable Coeur de Jésus, / **[40]** la grâce de me connoître et que, me / connoissant, je combatte et vainque / mon amour propre et mon orgeuil. / Je prends aujourd'hui, / ce 9 janvier 1812, la résolution de / **[45]** le combattre et toute les fois qu'il / aura l'avantage sur moi, je ferai la / pénitence que je m'impose. Je parlerai / sans distinction à tous mes condisciples / quelque répugnance que je puisse / **[50]** éprouver; puisque, dès ce moment, je / reconnois que se n'est que l'orgeuil / qui si oppose. Pourquoi les méprisé-je? / Est-ce à cause de mes talents? Je suis le / dernier de ma classe; est-ce à cause de / **[55]** mes vertus? Je suis un orgeuilleux;

ao adorável Coração de Jesus,
a graça de me conhecer e que,
conhecendo-me, eu combata e vença
meu amor próprio e meu orgulho.

Hoje, 9 de janeiro de 1812,
tomo a resolução de
combatê-lo, e cada vez que ele
levar vantagem sobre mim, cumprirei
a penitência que me imponho. Conversarei
sem distinção com todos meus colegas
seja qual for a repugnância que
possa sentir; a fim de que, a partir de agora,
eu reconheça que se trata de orgulho meu.
Por que haveria de monosprezá-los?
por causa de meus talentos? sou o
último da classe; por causa de
minhas virtudes? não passo de um orgulhoso;

39 - Jésus, pr. + de.
43 - aujourd'hui, pr. + la résolution.



est-ce à cause de la beauté de mon / corps? C'est Dieu qui l'a fait, encore est- / il assez mal construit, enfin je ne suis / **[59]** rien qu'un peu de poussière.

por causa da beleza de meu
corpo? foi Deus quem o fez, e não é
lá essas coisas, enfim não passo
59 de um pouco de pó.

3 de maio de 1815

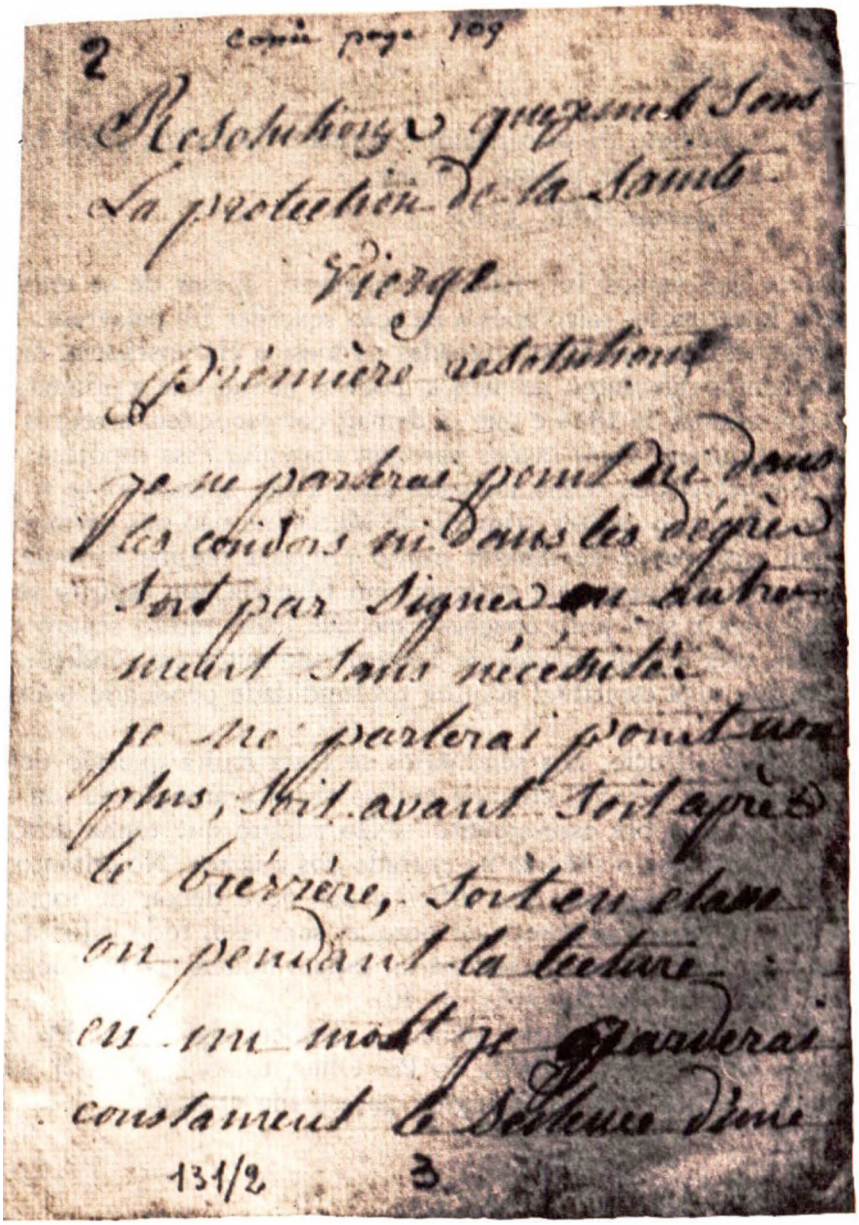
Folheto de oito páginas, formato 13,5x9,5, papel branco, escrito da página 3 à pág. 7.
Segundo AFM, 131.2.

O texto que vamos ler, não é homogêneo, apesar de se encontrar escrito sem interrupção, salvo após a locução «exceder em palavras». Trata-se de resoluções que não foram tomadas na mesma circunstância, mas em quatro momentos diferentes, ao menos. Pode-se pensar que a primeira data é a do retiro annual de 1814 e que as demais correspondem a retiros mensais que se seguiram. Duas razões parecem sustentar essa hipótese: antes de tudo, é possível que tenha insistido anos a fio, apenas sobre o ponto do silêncio; depois, o caráter primário de Marcelino não nos permite pensar que ele seria capaz de manter muito tempo a mesma fórmula.

Tais resoluções permitem entrever, em filigrana, um espírito sereno, sem inquietudes e sem preocupações especials, mais muito seguro de si. Pode-se pois, crer que os estudos de Teologia são feitos em condições normais e que sua vida espiritual adquire profundidade pendendo mais para a simplicidade.

Quando ao silêncio, nos seminários se fazia muita questão dele. O Pe. Tronson (1686 e 1691) chamou muitas vezes a atenção de um superior de seminário, sobre esse assunto: «Não admiro que tenha dificuldades em fazer observar o silêncio na entrada dos quartos. No entanto, não deve desanimar, mesmo que seja difícil e não deve deixar de tomar nenhum meio para que seja observado porque, sem isso, todo esforço e todo cuidado para pôr ordem no seminário, seriam inúteis (Dom Icard. Tradição dos Padre de São Sulpício, p. 40).

A observância da regra do silêncio é também algo que o Pe. Olier não deixava de recomendar (Vida do Pe. Olier, tomo 2, p. 302). Dali a importância que o Padre Champagnat parece lhe atribuir.



2 copie page 109

Resolutions que je mets sous
la protection de la sainte
Vierge

Première resolution

je ne parlerai point ni dans
les couloirs ni dans les dégrés
soit par signes ou autre-
ment sans nécessité.
je ne parlerai point non
plus, soit avant soit après
le brévière, soit en classe
ou pendant la lecture
en un mot je garderai
constament le silence d'une

131/2 3

Résolutions que je mets sous / la protection de la Sainte / Vierge. / Première résolution. / Je ne parlerai point du (tout) dans / [5] les coridors, ni dans les degrés, / soit par signes ou autre- / ment, sans nécessités. / Je ne parlerai point non / plus, soit avant, soit après / [10] le brévière, soit en classe / ou pendant la lecture, / en un mot, je garderai / constament le silence d'une

Resolução que confio à
proteção da Santíssima
Virgem.
Primeira resolução:

Privar-me-ei de falar nos
5 corredores, nas escadas,
seja por sinais ou de outra
forma, sem necessidade.
Não conversarei
tanto antes como depois
10 do breviário, seja na classe
ou durante a leitura,
numa palavra, guardarei
silêncio de

4 - tout, omis dans le texte

récréation à l'autre sans une
grande nécéssité. après la cla
sse ou la conference je ferai une
visite au saint Sacrement.
je me promenerai pendant mes
récréations indiferament avec
tout le monde.
pendant la classe conference
ou autre exercises qui demand
de l'attention je ferai mon possi
ble pour être attentif.
je tacherai aussi pendant t
mes récréations de moins me
répondre en parotes.

4

recreation à l'autre, sans une / [15] grande nécessité. Après la cla / sse ou la conférence, je ferai une / visite au Saint Sacrement. / Je me promenerai pendant mes / récréations indiferament avec / [20] tout le monde. / Pendant la classe conférence / ou autre exercises qui demande / de l'attention, je ferai mon possi- / ble pour être attentif. / [25] Je tacherai aussi, pendant / mes récréations, de moins me / répendre en paroles.

um recreito ao outro, salvo
15 grande necessidade. Depois da
aula ou da palestra, farei uma
visita ao Santíssimo Sacramento.
Durante meus recreios,
misturar-me-ei indiferentemente com
20 todos.
Durante a palestra
ou outro exercíccio que exija
atenção, farei o possíbi-
vel para estar atento.
25 Tratarei também, durante
os recreio de não me
exceder em palavras.

Je promets de encore de nouveau
de remplir moyennant la grâce
de Dieu toutes les resolutions
ci dessus enoncées
ainsi soit il
Je me garderai bien de
médire de quique se soit sous
quelque prétexte que se puisse
être.
O Bon dieu vous connoissez ma
misère ayez pitié de moi je
vous en conjure. Ste George
vous savez que je suis votre
esclave à la vérité je suis
indigne d'une si grande
faveur mais c'est en cela
même que éclatera votre bonté
à mon égard. ainsi soit il

131/2 5

Je promets encore de nouveau / de remplir moy(en)nant la grâce / **[30]** de Dieu, toutes les résolutions / ci--dessus énoncées. / Ainsi soit-il. / Je me garderai bien de / médire de qui que se soit, sous / quelque prétexte que se puisse / **[35]** être. / Mon Dieu, vous connoissez ma / misère, ayez pitié de moi, je / vous en conjure. Ste. Vierge, / **[40]** vous savez que je suis votre / esclave, à la vérité je suis / indigne d'une si grande / faveur, mais c'est en cela / même qu'éclatera votre bonté / **[45]** à mon égard. ainsi soit-il.

Prometo ainda outra vez
com a graça de Deus,
comprir todas as resoluções
acima expostas.
Amém.
Evitarei cuidadosamente
falar mal de quem quer
que seja, sob nenhum
pretexto.

Meu Deus, conheceis minha
miséria, tende pena de mim, eu
vos peço. Santíssima Virgem,
sabeis que sou
vosso escravo na verdade,
considero-me indigno de tão grande
favor, mas será justamente assim
que aparecerá vossa bondade
a meu respeito. Amém

28 - promets, pr. + de.
31 - ci, pr. si.

Aujourd'hui veille de
l'ascension de ~~nostre~~ notre seigneur
veille de l'anniversaire de mon
Batême 3 may mil huit
cens quinze.
je prends de nouveau la resol
de remplir toutes celles que j'ai
déja prises et j'en prends de
nouvelles que je mets sous la
protection de la très Ste vierge
de St Martin de St Louis et de
mon St patron Marcellin.
1° toutes les fois qu'après mon
examen du soir ~~j'aurai~~ je me
reconnoitrai coupable de quelque
médisance je me priverai de
mon déjeuné.
2° toutes les fois que je me 6

Aujourd'hui, veille de / Lacension de Notre Seigneur, / veille de l'anniversaire de mon / Batème, 3 may mil huit / **[50]** cens quinze. / Je prends de nouveau la résol(ution) / de remplir toutes celles que j'ai / déjà prises et j'en prends de / nouvelles que je mets sous la / **[55]** protection de la très Ste. Vierge, / de St. Martin, de St. Louis g. et de / mon St. patron Marcellin. / 1° Toutes les fois qu'après mon / examen du soir je me / **[60]** reconnoitrai coupable de quelque / médisance je me priverai de / mon déjeuné. / 2° Toutes le fois que je me

Hoje, véspera da
Ascensão do Senhor,
véspera do
aniversário de meu
50 Batismo, 3 de maio de mil
oitocentos e quinze,
tomo novamente a resolução
de cumprir todas aquelas já
assumidas e tomo
55 outras que ponho sob a proteção da Santíssima
Virgem, de São Martinho, de São Luís
e de meu santo protetor, Marcelino.
1° Cada vez que, após meu
exame da tarde, me
60 reconhecer culpado de alguma
maledicência, privar-me-ei
do lanche.
2° Cada vez que me

47 - Lacension de, pr. + noutre.
49 - 3, pr. 5.
56 - g. supralineam.
59 - du soir, pr. + j'aurai.

Serai reconnu coupable de quelque
mensonge ou de quelque
exagération je dirai le miserere
pour en demander pardon a
Dieu.
3° je prends la ferme résolution
d'être moyennant la grâce de
Dieu, fidel a tout ceci
Sancta maria ora pro me

1e. St louis de gonzague et de la Rg
1e en Honneur de St martin si le
roi revient et deux Ste vierge 6
mois de marie
St J F R 1e mes

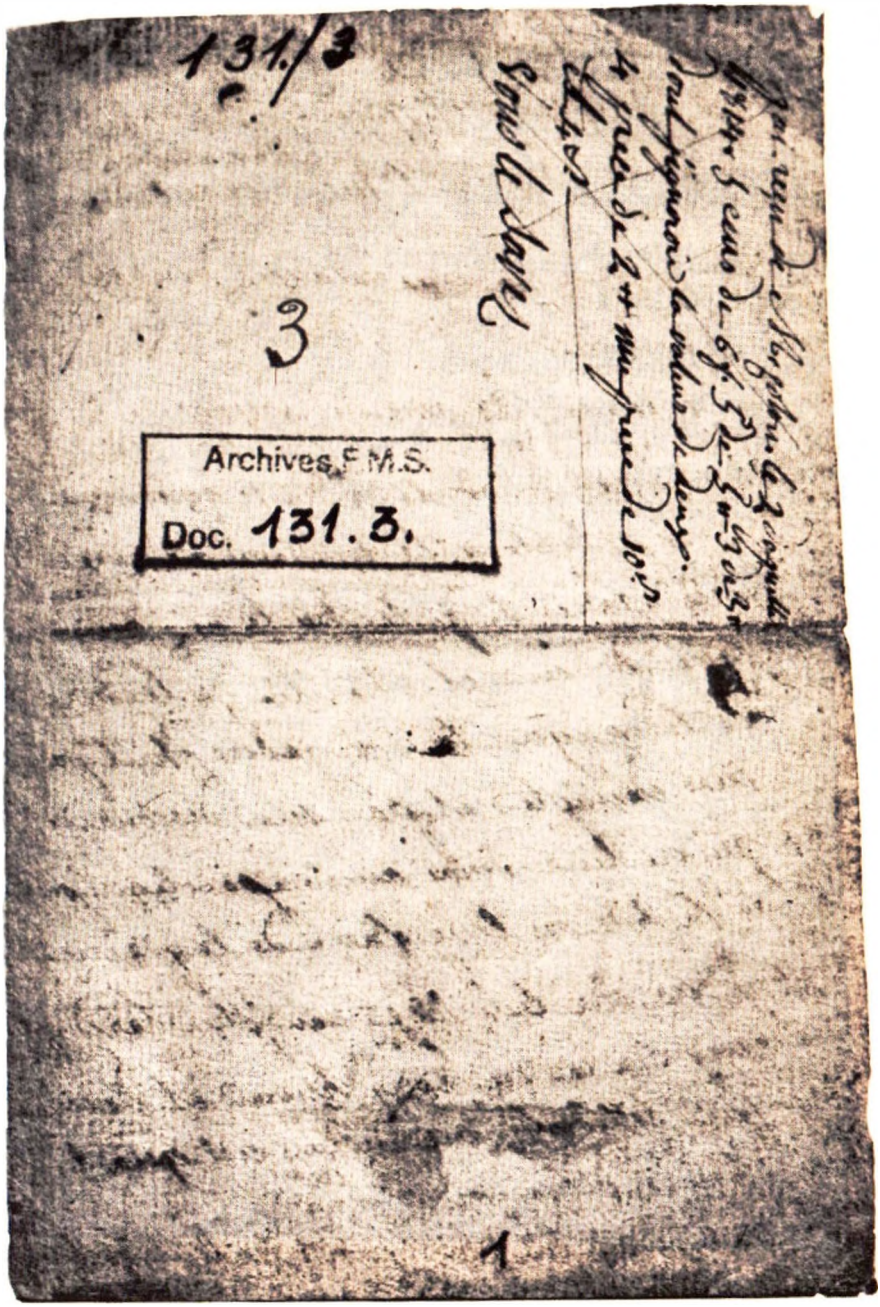
131/2 7

serai reconnu coupable de quelque / **[65]** mensonge ou de quelque / exagération, je dirai le miserere / pour en demander pardon à / Dieu. / 3° Je prends la ferme résolution / **[70]** d'être, moy(en)nant la grâce de / Dieu, fidel à tout ceci. / Sancta Maria ora pro me. / 1e St. Louis de Gonzague et de la Ste. Vierge / 1e en l'honneur de St. Martin si le / **[75]** Roi reviens et deux Ste. Vierge 6 / mois de Marie. / St. J.F.R. 1e mes - (1)

reconhecer culpado de alguma
65 mentira ou
exagero, recitarei o Miserere
para pedir perdão a
Deus.
3° Tomo a firme resolução
70 de, mediante a graça de
Deus, ser fiel a tudo isso.
Santa Maria, roga por mim.

73 - Ste. Vierge, incertain, lecture difficile.

(1) Il est impossible de savoir ce qu'il a voulu dire par cet appendice.


131/3
3
Archives F.M.S.
Doc. 131.3.
1

Primeiro regulamento de férias

Folheto de quatro páginas, formato 15 x 10, cor cinza, escrito nas páginas 2 a 4. Na primeira página, no sentido da largura pode-se 1er:
Recebi do Sr. Colon, no dia 2 de julho de 1814, 5 escudos de 6 francos, 5 de 5 f., 3 de 3 f., de dois dos quais ignorava o valor.
4 peças de dois f., uma peça de 10 cs. e 4 cs. Sabeis...
Segundo AFM 131.3, Vie, pp. 24-25.

Segundo o Irmão João Batista, o texto que segue e que ele mesmo reproduz (Vida, 1, p. 24-25), é o regulamento «para as primeiras férias do Seminário Maior» (Idem, p. 26), as de 1814, por conseguinte. Entretanto, perscrutando o texto, parece tratar-se mais de férias que precedem a entrada no Seminário Maior isto é, as de 1813. Com efeito, o Pe. Champagnat recebe a tonsura, as ordens menores e o subdiaconato das mãos do Cardeal Fesch, no dia 6 de janeiro de 1814 (OM, 1, doc. 26, pág. 171). A partir dessa data, por conseguinte, tem o dever de rezar o breviário. Ora, ele não fala de breviário, no regulamento, o que ocorre no ano seguinte. Ademais, propõe-se levantar antes das cinco e meia e também de fazer apenas cinco minutos de meditação. Esses dois pontos são completamente mudados no segundo regulamento que fixa o levantar às cinco horas e determina meia hora de meditação de acordo com o regulamento do Seminário Maior. Se não aplica o regulamento do Seminário Maior no primeiro regulamento e o faz no segundo, é por conseguinte, porque o primeiro é anterior à sua entrada nessa casa de formação.

Essa explicação não resolve todas as dúvidas, porque o texto desse primeiro regulamento faz perceber uma ruptura com o passado, como se tivesse acontecido alguma novidade.

Se, por exemplo, era a primeira vez que o seminarista ia às férias de batina, é compreensível que tivesse que mudar de atitude, devido ao respeito que tal traje então inspirava.

Mas, nada indica ter sido essa a razão porque, em princípio, só se recebia a batina no momento da tonsura. Seria então o fato de estar a ponto de adentrar uma etapa superior e praticamente definitiva no caminho para o sacerdócio que lhe dita essa atitude de distância? Na falta de outros indicadores, é difícil responder.

O conjunto desse regulamento, no entanto, não corresponde à imagem que nos fazemos do autor, por outras fontes de informação e não podemos atribuir essa sensação senão ao fervor ainda um pouco ingênuo de neófito.

copié pag. 110 131/3

3 Reglement que je dois observer pendant mes vacances.

1° je passerai mes vacances dans ma famille.

2° je ferai très peu de voyages.

3° j'accommoderai autant qu'il me sera possible a la maniere de vivre de mes parents je les traiterai tous avec douceur et charité je tacherai de les gagner tous a Jesus Christ par mes exemples et par mes discours. je ne leur dirai aucune parole qui pût le facher ou leur faire de la peine.

4° je ne me leverai jamais plus tard que cinq heures ou cinq heures et demies

5° je ferai toujours au moins un quart d'heure d'oraison

6° j'assisterai tous les jours autant qu'il me

Reglement que je dois observer / pendant mes vacances. / 1° Je passerai mes vacances dans ma / famille. / [5] 2° Je ferai très peu de voyages. / 3° Je m'accommoderai, autant qu'il me / sera possible, à la manière de vivre de / mes parent. Je les traiterai tous / avec douceur et charité. Je tâcherai / [10] de les gagner tous à Jésus Christ par / mes exemples et par mes discours. / Je ne leur dirai aucune parole qui pût / les facher ou leur faire de la peine. / 4° Je ne me lèverai jamais plus tard que / [15] cinq heures ou cinq heures et demie (1). / 5° Je ferai toujours au moins un quart / d'heure d'oraison. / 6° J'assisterai tous les jours, autant qu'il me

Regulamento que devo observar
durante as férias.

1° Passarei minhas férias na
família.
2° Farei poucas viagens.
3° Adaptar-me-ei, tanto quanto possível,
ao modo de vida de
meus pais. Tratarei a todos
com boas maneiras a caridade. Tratarei
de conquistá-los para Jesus Cristo
com meus exemplos e minhas palavras.
Não direi nenhuma palavra que
os irrite ou aborreça.
4° Não me levantarei nunca depois das
cinco ou cinco e meia.
5° Farei sempre pelo menos um quarto
de hora de oração.
6° Tanto quanto possível assitirei

6 - autant, u, supra linéam.

(1) Frère Jean-Baptiste transcrit avec plus de logique: «Je me léverai ordinairement à cinq heures et demie» (Vie, 1, p. 24).

131/3

Sera possible au Saint S. de la messe
après laquelle je me rendrai de suite
pour étudier ma theologie au moins
pendant une heure après quoi je pourrai
m'occuper à quelqu'autre chose.

2° à midi moins un quart l'examen
particulier. à midi je prendrai la
nouriture qu'on m'aura préparée après
avoir prie dieu de la bénir.

3° je tacherai de me lever toujours de table
avec apetit pour eviter l'intemperance et
les autres vices qui en sont la suite.

9 je me ferai un oratoire hors de ma cha
que je
dedierai a la Ste Vierge et a St Louis de
gonzague et là j'irai faire mes prieres
et vaquer a mes autres pratiques de
dévotions prosterné devant un crucifix
j'adorerai en esprit le très saint Sacrement
de l'autel.

sera possible, au saint S(acrifice) de la messe, / **[20]** après laquelle je me rendrai (2) de suite / pour étudier ma théologie au moins / pendant une heure, après quoi je pourrai / m'ocuper à quelque autre chose. / 7° A midi moins un quart, l'examen / **[25]** particulier. A midi je prendrai la / nouriture qu'on m'aura préparée (3) après / avoir prié Dieu de la bénir. / 8° Je tâcherai de me lever toujours de table / avec apetit pour éviter l'intempérance et / **[30]** les autres vices qui en sont la suite. / 9° Je me ferai un oratoire hors de me cha(mbre) que je / dédierai à la Ste. Vierge et à St. Louis de / Gonzague et là j'irai faire mes prières / et vaquer à mes autres pratiques de / **[35]** dévotion. Prosterné devant un crucifix, / j'adorerai en esprit les très Saint Sacrem(en)t / de l'autel (4).

todos os dias ao Santo Sacrifício da missa,
20 depois da qual dedicar-me-ei pelo menos
a uma hora ao estudo da teologia,
depois do que
ocupar-me-ei com alguma coisa.
7° A quinze para o meio-dia, exame
25 particular. Ao meio-dia almoçarei
o que tiverem preparado,
pedindo a bênção de Deus sobre os alimentos.
8° Tratarei sempre de deixar a mesa
com apetite a fim de evitar a intemperança
30 e outros vícios que a acompanham.
9° Montarei um oratório (fora do quarto) que
dedicarei à Santíssima Virgem, a São Luís
Gonzaga e aí farei minhas orações e outras
práticas de devoção. Prostrado diante de um
35 crucifixo, adorarei em espírito o
Santíssimo Sacramento
do altar.

---

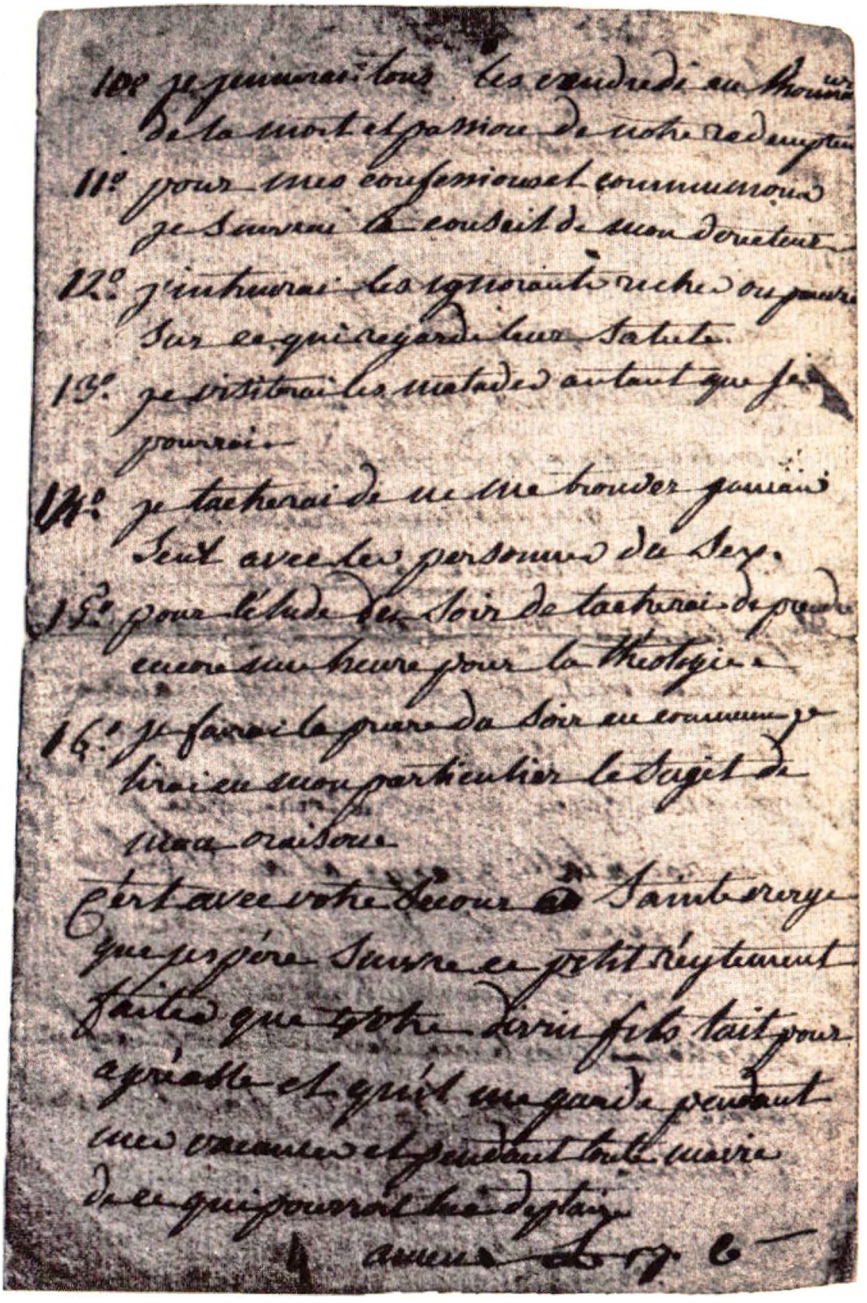
23 - autre, au, supra lineam.
31 - hors de ma chambre, supra lineam.

---

(2) Lire avec Frère Jean-Baptiste: «après laquelle je rentrerai tout de suite» (id. p. 24-25).

(3) Frère Jean-Baptiste modifie ce 7° comme suit: A midi moins un quart mon examen particulier, comme au Grand Séminaire; puis le dîner précédé de la bénédiction de la table» (id. p. 25). La précision: «comme au Grand Séminaire» est de trop dans l'hypothèse proposée dans l'introduction; rien par ailleurs ne la justifie. La seconde variante: «puis le dîner» corrige un peu l'impression, sans doute erronée, laissée par l'original selon laquelle M. Champagnat se serait proposé de manger à part. Pourquoi sent-il le besoin d'insister sur la bénédiction de la table? Rien ne permet de penser qu'on ne la disait pas dans la famille. Peut-être a-t-il voulu dire qu'il devra lui-même faire cette prière ou donner la bénédiction.

(4) Frère Jean-Baptiste supprime l'expression surajoutée: «hors de ma chambre» et précise que c'est dans cet oratoire que M. Champagnat se propose d'adorer, en esprit, le Saint Sacrement. Cette dernière variante précise sans doute mieux la véritable pensée de l'auteur; en est-il de même de l'expression supprimée, nous ne le savons pas?



10º je jeunerai tous les vendredi en honneur
de la mort et passion de notre redempteur
11º pour mes confessions et communions
je suivrai le conseil de mon directeur
12º j'instruirai les ignorants riches ou pauvres
sur ce qui regarde leur salute.
13º je visiterai les malades autant que je
pourrai.
14º je tacherai de ne me trouver jamais
seul avec les personnes du sexe.
15º pour l'étude du soir de tacherai de prendre
encore une heure pour la theologie.
16º je ferai la prière du soir en commun je
lirai en mon particulier le sujet de
mon oraison.
C'est avec votre secours ô sainte vierge
que j'espère suivre ce petit réglement
faites que votre divin fils tait pour
agréable et qu'il me garde pendant
mes vacances et pendant toute ma vie
de ce qui pourroit lui deplaire
amen

10° Je jeunerai tous les vendredis en l'honneur / de la mort et passion de notre Rédempteur. / **[40]** 11° Pour mes confessions et communions, / je suivrai le conseil de mon directeur. / 12° J'instruirai les ignorants riches ou pauvres / sur ce qui regarde leur salut. / 13° Je visiterai les malades autant que je / **[45]** pourrai. / 14° Je tacherai de ne me trouver jamais / seul avec les personnes du sex. / 15° Pour l'étude du soir, de tacherai de prendre / encore une heure pour la théologie (5). / **[50]** 16° Je ferai la prière du soir en commun (6). Je / lirai en mon particulier le sujet de / mon oraison. / C'est avec votre secours, ô Sainte Vierge / que j'espère suivre ce petit règlement. / **[55]** Faites que votre divin Fils l'ait pour / agréable et qu'il me garde pendant / mes vacances et pendant toute ma vie / de ce qui pourroit lui déplaire. / Amen / **[60]** L(oué soit) J(ésus) C(hrist).

10° Jejuarei todas as sextas-feiras em honra
da morte e paixão de nosso Redentor.
11° Para as confissões e comunhões,
seguirei o conselho de meu diretor.
12° Instruirei os ignorantes ricos ou pobres
sobre o que diz respeito à salvação deles.
13° Visitarei os doentes quando me for
possível.
14° Procurarei de nunca estar a
sós com pessoas do outro sexo.
15° Para o estudo da tarde, procurarei ainda
reservar uma hora para a teologia.
16° Farei a oração da noite em comum.
Lerei em particular o assunto
da meditação.

É com vossa ajuda, ó Santíssima Virgem,
que espero cumprir esse pequeno regulamento.
Fazei que vosso Filho o acolha
favoravelmente e que ele me guarde
durante minhas férias e durante
toda minha vida de quanto possa desagradar-lhe.
Amém.
L.J.C.

---

38 - honneur, ur, supra lineam.

---

(5) «Pour» ou «pendant» l'étude du soir, selon Frère Jean-Baptiste, sont équivalents, laissant toujours sous-entendre qu'il est normal de faire une étude le soir puisqu'au séminaire il en est toujours ainsi.

(6) «En commun» devient chez Frère Jean-Baptiste: «en famille» et rend certainement plus explicite la pensée de M. Champagnat.

Segundo regulamento de férias

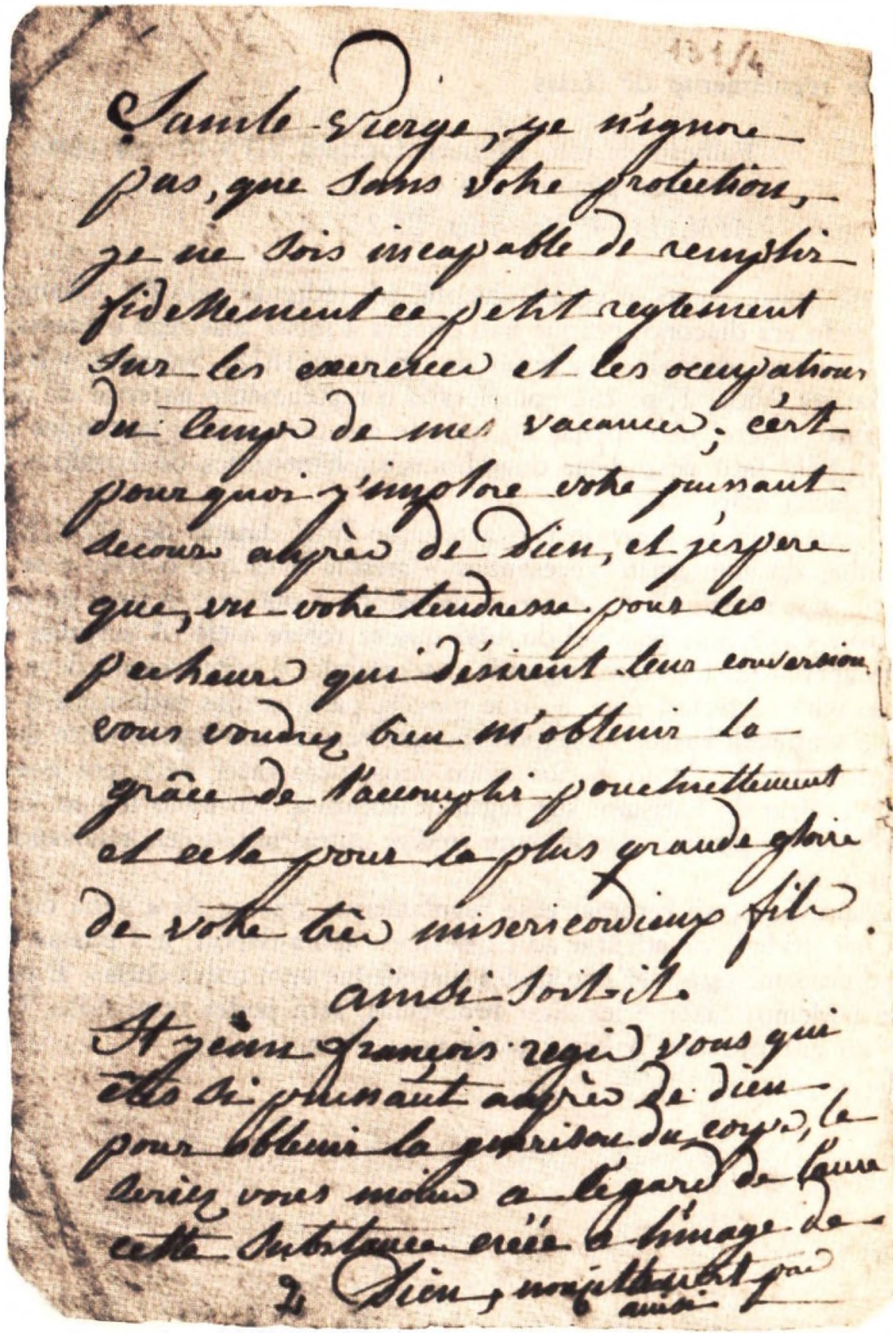
Folheto de oito páginas, formato 9,5 x 14, cor cinza, escrito nas páginas 2 a 6.
AFM, 131.4: Vie, págs. 26-27.

Esse texto, como se vê claramente, foi redigido pelo Pe. Champagnat quando era diácono, porque não celebra a missa mas reza o breviário. É possível pois datá--lo das férias de 1814 ou 1815. Segundo o Irmão João Batista (Vida, 1, p. 26), completaria o regulamento anterior do qual, entretanto, difere, não apenas no tocante aos dois pontos já citados mas também pelo fato de indicar duas horas suplementares de estudo e por uma redação mais solta.

O que mais surpreende é o acrescimo final datado de 1821. Essas sete linhas do manuscrito apresentam a mesma letra que o resto e se encontram sós, na página 6, no verso da página 5 que traz o final do regulamento. Não é pois possível duvidar que se refere a ele. A surpresa surge não apenas do fato que, segundo o acréscimo, o regulamento deve servir não para as férias, mas, ao que parece, para os dias ordinários o que ainda é aceitável; surge, sobretudo, porque retoma um regulamento de férias, ultrapassado de ao menos cinco anos, para fazer dele, por ocasião do aniversário do batismo, sua regra de conduta. No meio tempo, como veremos no documento que se segue, redige outras resoluções, renovando-as muitas vezes.

Além disso, ao retomar esse regulamento, não se dá a pena ou não sente necessidade de adaptar ad expressões: «para depois, ir à missa», «assistir a duas missas», «se não puder distrair-me cum outra coisa». É pena! o que podemos fazer é levantar problemas, sem poder resolvê-los. Convém, no entanto que o leitor tome nota disso.

131/4



Sainte Vierge, je n'ignore
pas, que sans votre protection,
je ne sois incapable de remplir
fidellement ce petit reglement
sur les exercices et les occupations
du temps de mes vacances; c'est
pourquoi j'implore votre puissant
secours auprès de Dieu, et j'espere
que, vu votre tendresse pour les
pecheurs qui désirent leur conversion
vous voudrez bien m'obtenir la
grâce de l'accomplir ponctuellement
et cela pour la plus grande gloire
de votre très misericordieux fils.

ainsi soit-il.

St Jean François regis vous qui
êtes si puissant auprès de dieu
pour obtenir la guerison du corps, le
seriez vous moins a l'egard de l'autre
cette substance créée a l'image de
Dieu, nouvellement ainsi pas

Sainte Vierge, je n'ignore / pas que sans votre protection / je ne sois incapable de remplir / fidellement ce petit reglement / **[5]** sur les exercises et les occupations / du temps de mes vacances; c'est / pourquoi j'implore votre puissant / secours auprès de Dieu et j'espère / que, vu votre tendresse pour les / **[10]** pécheurs qui désirent leur conversion, / vous voudrez bien m'obtenir la / grâce de l'accomplir ponctuellement / et cela pour la plus grande gloire / de votre très miséricordieux Fils. / **[15]** Ainsi soit-il. / St. Jean François Régis, vous qui / êtes si puissant auprès de Dieu / pour obtenir la guérison du corps, le / seriez vous moins à l'égard de l'ame (1), / **[20]** cette substance créée à l'image de / Dieu? non cela n'est pas ainsi.

Santíssima Virgem, não ignoro
que, sem vossa proteção,
eu seja incapaz de cumprir
fielmente esse pequeno regulamento
a respeito dos exercícios e ocupações
de minhas férias; eis
porque imploro vosso poderoso
socorro junto de Deus e espero
que, dada vossa ternura para
com os pecadores que desejam a conversão,
tenhais a bondade de obter-me a
graça de cumpri-lo pontualmente
e isso para a maior glória
de vosso misericordiosíssimo Filho.
Amém.

São João Francisco Régis, vós que
sois tão poderoso junto a Deus,
para obter a cura do corpo,
não o sereis mais a respeito da alma,
substância criada à imagem de
Deus? não, não pode ser.

(1) Allusion à la conversion mentionnée plus haut.

131/4

C'est donc par votre intercession
aussi bien que par celle de Marie
que j'espere remplir la regle
que je me fait présentement

Je me leverai à 5 heure
je ferai immediatement après une
demie heure d'oraison.
après cela je reciterai mes petites
heures après quoi j'irai à la messe
après la messe où avant je choisirai
une heure pour etudier lecriture Ste
j'en une 2e pour étudier la theologie
avant diner. après diner je prendrai
une recréation apeu près d'une heure
et demie ou deux heures. s'il y a
quelque malade dans les environs
ou quelqu'autre personne qui ait
besoin de mes conseils je prendrai ce
moment pour les aller visiter.

3

C'est donc par votre intercession, / aussi bien que par celle de Marie / que j'espère remplir la règle / **[25]** que je me fait présentement. / Je me lèverai à 5 heures. / Je ferai immédiatement après (2) une / demie heure d'oraison. / Après cela je réciterai mes petites / **[30]** heures, après quoi j'irai à la messe. / Après la messe ou avant, je chois(ir)ai / une heure pour étudier l'Ecriture ste. / J'en (3) une 2e pour étudier la théologie / avant diner. Après diner je prendrai / **[35]** une récréation à peu près d'une heure / et demie ou deux heures. S'il y a / quelque malade dans les environs / ou quelqu'autre personne qui ait / besoin de mes conseils, je prendrai ce / **[40]** moment pour les aller visiter.

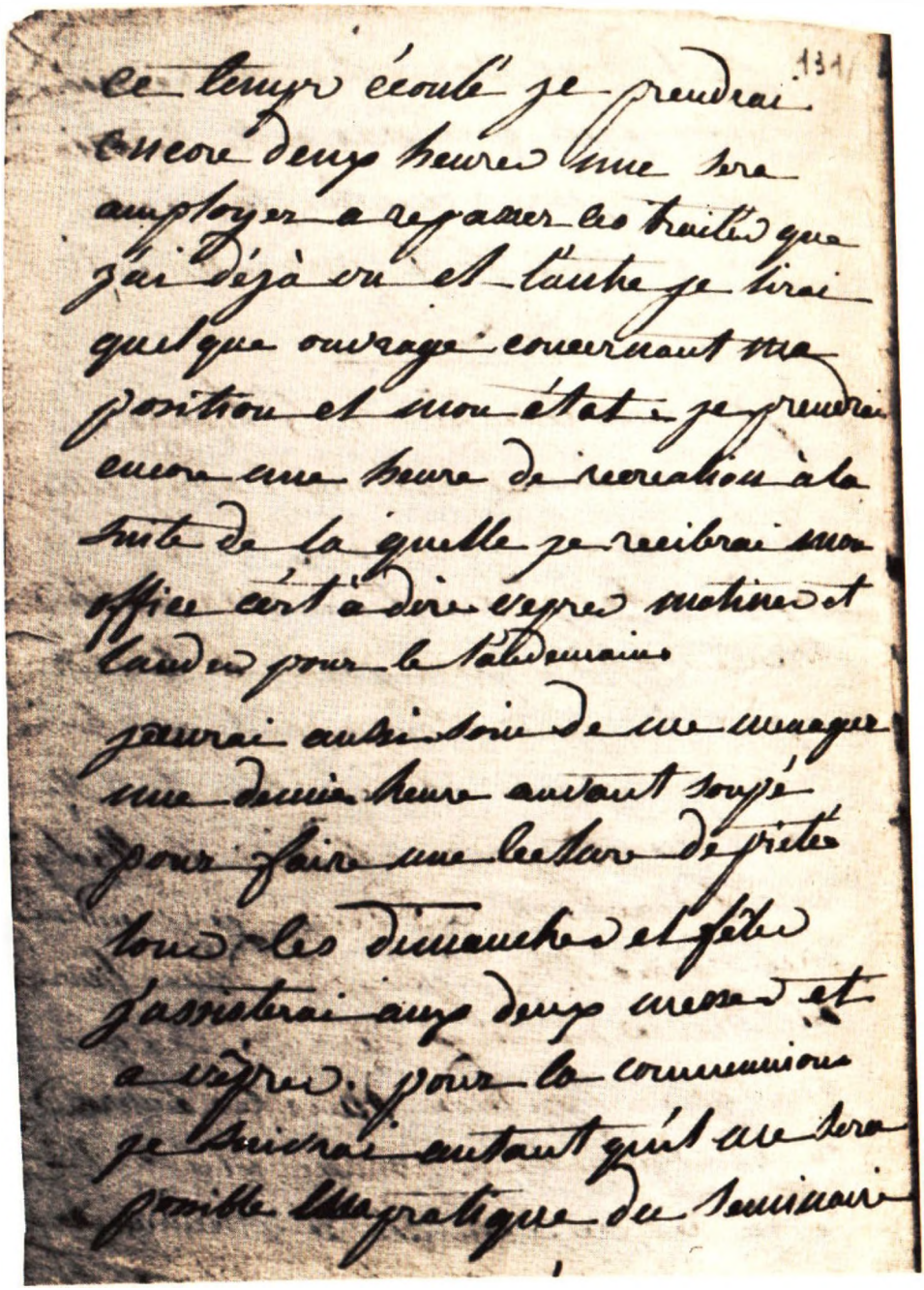
Portanto, é por vossa intercessão,
como também pela de Maria
que espero cumprir a regra
que agora me traço.

Levantarei às cinco.
Farei imediatamente depois
meia hora de meditação.
Em seguida, recitarei as pequenas
horas, para depois ir à missa.
Depois da missa ou antes, escolherei
uma hora para estudar a sagrada Escritura.
Outra segunda para estudar teologia
antes do almoço. Depois dele, tomarei
recreio aproximado de uma
e meia ou duas horas. Se houver
algum doente nas redondezas ou
alguém que precise de meus conselhos,
aproveitarei esse momento
para visitá-los.

31 - choisirai, ir supra lineam.

(2) Après la toilette et peut-être après la prière du matin, comme le prévoit le règlement du séminaire.

(3) Lire: j'en choisirai... mot omis par distraction.



131

ce temps écoulé je prendrai
encore deux heures une sera
amployer a repasser les traités que
j'ai déjà vu et l'autre je lirai
quelque ouvrage concernant ma
position et mon état. je prendrai
encore une heure de recreation à la
suite de la quelle je reciterai mon
office c'est à dire vepres matines et
laudes pour le lendemain
j'aurai aussi soin de me menager
une demie heure avant soupé
pour faire une lecture de piété
tous les dimanches et fêtes
j'assisterai aux deux messes et
a vêpres. pour la communion
je suivrai autant qu'il me sera
possible la pratique du seminaire

Ce temps écoulé, je prendrai / encore deux heures: une sera / amployer a repasser les traités que / j'ai déjà vu, et l'autre je lirai / **[45]** quelque ouvrage concernant ma / position et mon état. Je prendrai / encore une heure de récréation à la / suite de laquelle je réciterai mon / office, c'est-à-dire vêpres, matines et / **[50]** laudes pour le landemain. / J'aurai aussi soin de me ménager / une demie heure avant soupé / pour faire une lecture de piété. / Tous les dimanches et fêtes / **[55]** j'assisterai aux deux messes et / a vêpres. Pour la communion / je suivrai autant qu'il me sera / possible ma pratique du séminaire.

Passado esse tempo, reservarei
ainda duas horas: uma empregada
a recordar os tratados já
vistos, e outra para ler
45 algum livro a respeito
de minha situação e meu estado.
Tomarei mais uma hora de descanso
depois da qual recitarei meu
ofício, isto é: vésperas, matinas e
50 laudes do dia seguinte.
Cuidarei também para reservar
meia hora antes de ceia
para uma leitura piedosa.
Todos os domingos e festas,
55 assistirei a duas missas e
às vésperas. Para a comunhão,
seguirei quanto me for
possível, o costume do seminário.

4

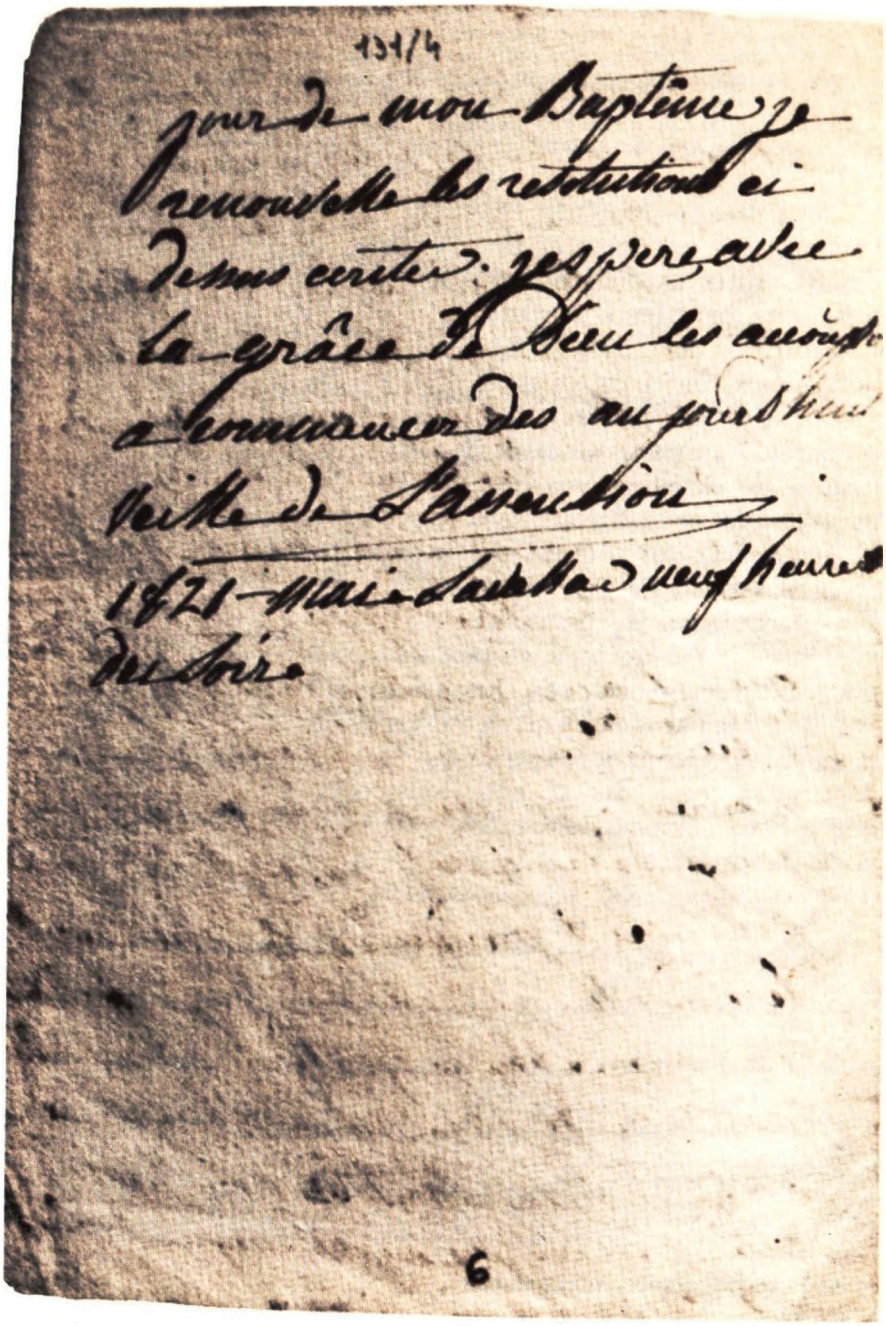
J'aurai soin de me choisir le
matin entre les deux messes
une heure pour lire l'écriture
Ste. et le soir après les offices
si je puis je ferai le catéchisme
aux enfans que j'aurai soin de
préparer. tacherai aussi de
choisir après une heure pour
étudier la théologie.
quant aux visites inutiles ou de
pure bienséance je
n'en rendrai que le moins que je
pourrai. je ne jouerai a aucun
jeux défendu et duquel les gens
pourroient prendre de la mi sujet
d'escandale. je m'occuperai pendant
mes recreation a quelque ouvrage de
main si je ne puis m'amuser a
autre chose c'est à mon dieu ce
que j'espere accomplir moyennant votre Ste
grâce 5

J'aurai soin de me choisir le / **[60]** matin entre les deux messes / une heure pour lire l'Ecriture / ste. et le soir après les offices / si je puis je ferai le catéchisme / aux enfants que j'aurai soin de / **[65]** préparer (4). Tacherai aussi de / choisir après une heure pour / étudier la théologie. / Quant aux visites inutiles ou de pure bienséance je / n'en rendrai que le moins que je / **[70]** pourrai. Je ne jourai a aucun / jeux défendu et du quel les gens / pourroient prendre de là un sujet / de scandale. Je m'occuperai pendant / mes récréation à quelque ouvrage de / **[75]** main si je ne puis m'amuser à / autre chose (5). C'est ô mon Dieu ce / que j'espère accomplir moy(en)nant votre ste. / grâce.

Cuidarei em me reservar de
60 manhã, entre as duas missas,
uma hora para ler a sagrada
Escritura e, de tarde, depois
dos ofícios, darei catecismo
às crianças que cuidarei de
65 preparar... cuidarei também,
depois, de escolher uma hora
para estudar a teologia.
Quanto às visitas inúteis (ou de pura cortesia)
70 reduzi-las-ei ao mínimo possível.
Não participarei de nenhum
jogo proibido e do qual as pessoas
poderiam escandalizar-se. Durante meus
recreios, ocupar-me-ei em algum trabalho
75 manual, se não puder distrair-me
com outra coisa. Eis, ó meu Deus, o
que espero cumprir mediante
vossa santa graça.

68 - ou de pure bienséance, supra lineam.
76 - ô, pr. au.

(4) préparer, se rapporte à catéchisme.
(5) me distraire à faire autre chose.



131/4

jour de mon Baptême je
renouvelle les résolutions ci
dessus écrites. J'espère, avec
la grâce de Dieu les accomplir
à commencer dès au jourd'hui
Veille de l'Assomption
1875 — Mais Samedi neuf heures
du soir

6

Jour de mon Baptême, je / **[80]** renouvelle les résolutions ci- / dessus écrites. J'espère avec / la grâce de Dieu les accomplir / à commencer dès aujourd'hui / veille de l'Assension. / **[85]** 1821 mai (6) Lavallas neuf heure / du soir.

Dia de meu Batismo,
80 renovo as resoluções acima
ditas. Espero, com
a graça de Deus, cumpri-las
a começar de hoje,
véspera da Ascensão.
85 Maio de 1821, La Valla, nove horas
da noite.

(6) 30 mai, veille de l'Ascension, d'après le bréviaire du Père Champagnat.

12 de outubro de 1820

Folheto de cito páginas, formato 16,5 x 11, cor branca, escrito nas páginas 1 a 5.

AFM, 131.5; Vie, págs. 39-40.

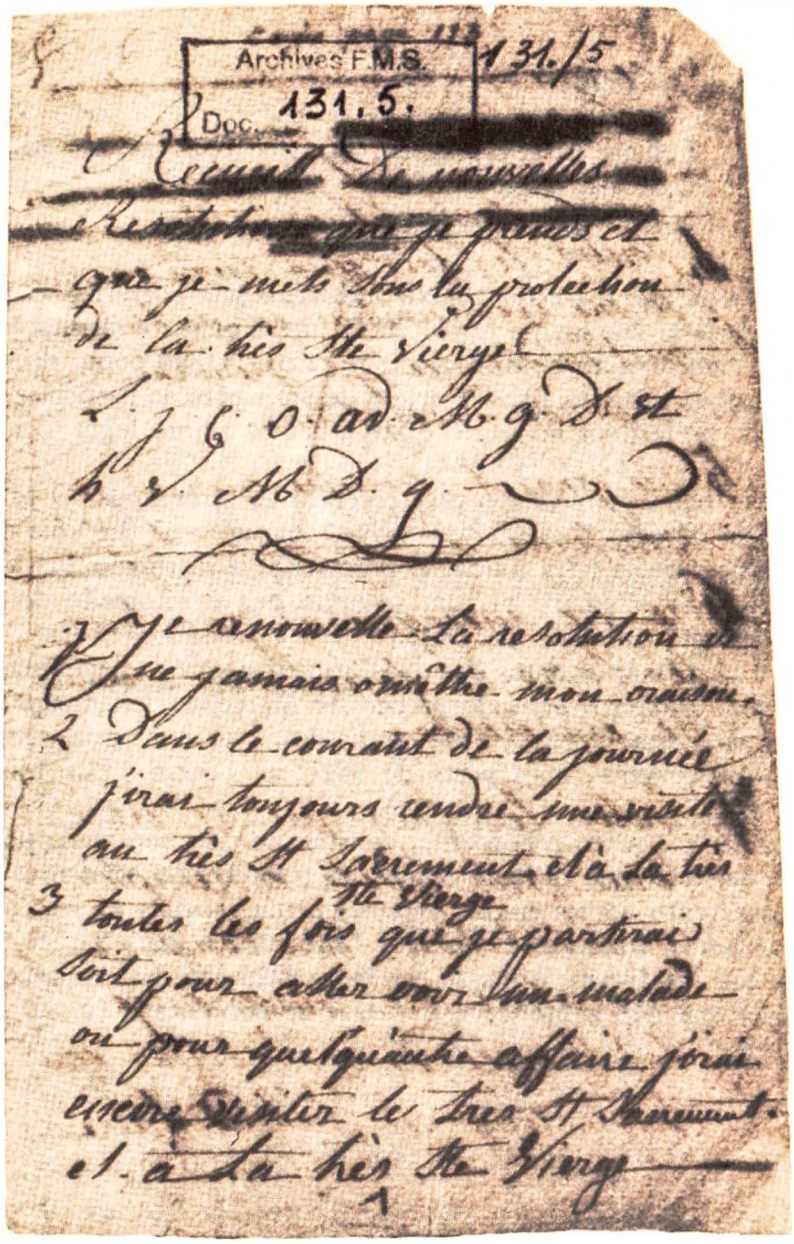
É provável que o trecho abaixo transcrito seja posterior ao que lhe segue pois declara: «Renovo a resolução de nunca omitir a meditação» frase que apenas menciona no texto precedente (131.4) como ponto do seu programa, enquanto no texto 131.6 é objeto de um resolução particular. Diante da incerteza, preferimos manter o texto atual no quinto lugar, como pede a tradição.

O texto não é homogêneo pois recebe três acréscimos. O texto primitivo vai do número 1 ao n° 8 inclusive, porque, o n° 9 é uma introdução e a partir dele, a letra muda. É possível pois distinguir um primeiro acréscimo, do n° 9 ao n° 11, um segundo que é retomado de 1820 e enfim, um terceiro datado de 1828.

Não é fácil fixar as datas das duas primeiras partes. Seguramente datam dos dois primeiros anos de pároco de Marcelino Champagnat visto que falam de visitar doentes e de confissões. Isso nos situa entre 1816 e 1820, possívelmente, mais perto de 1820 se o texto 131.6 foi escrito antes do 131.5.

Como para o texto precedente, constata-se uma retomada posterior. Depois de ter renovado durante 8 anos, as resoluções precedentes (1821), volta a esse texto conservando, expressamente, apenas as três últimas.

Recordemos, finalmente, que em 1828, não é mais pároco, mas se ocupa apenas dos Irmãos e reside em Nore Dâme de l'Hermitage. Pode-se concluir que não complicava a vida e se contentava com o que lhe caía na mão.



Archives F.M.S. 131./5
Doc. 131.5.

Recueil de nouvelles
Resolutions que je prends et
que je mets sous la protection
de la très Ste Vierge

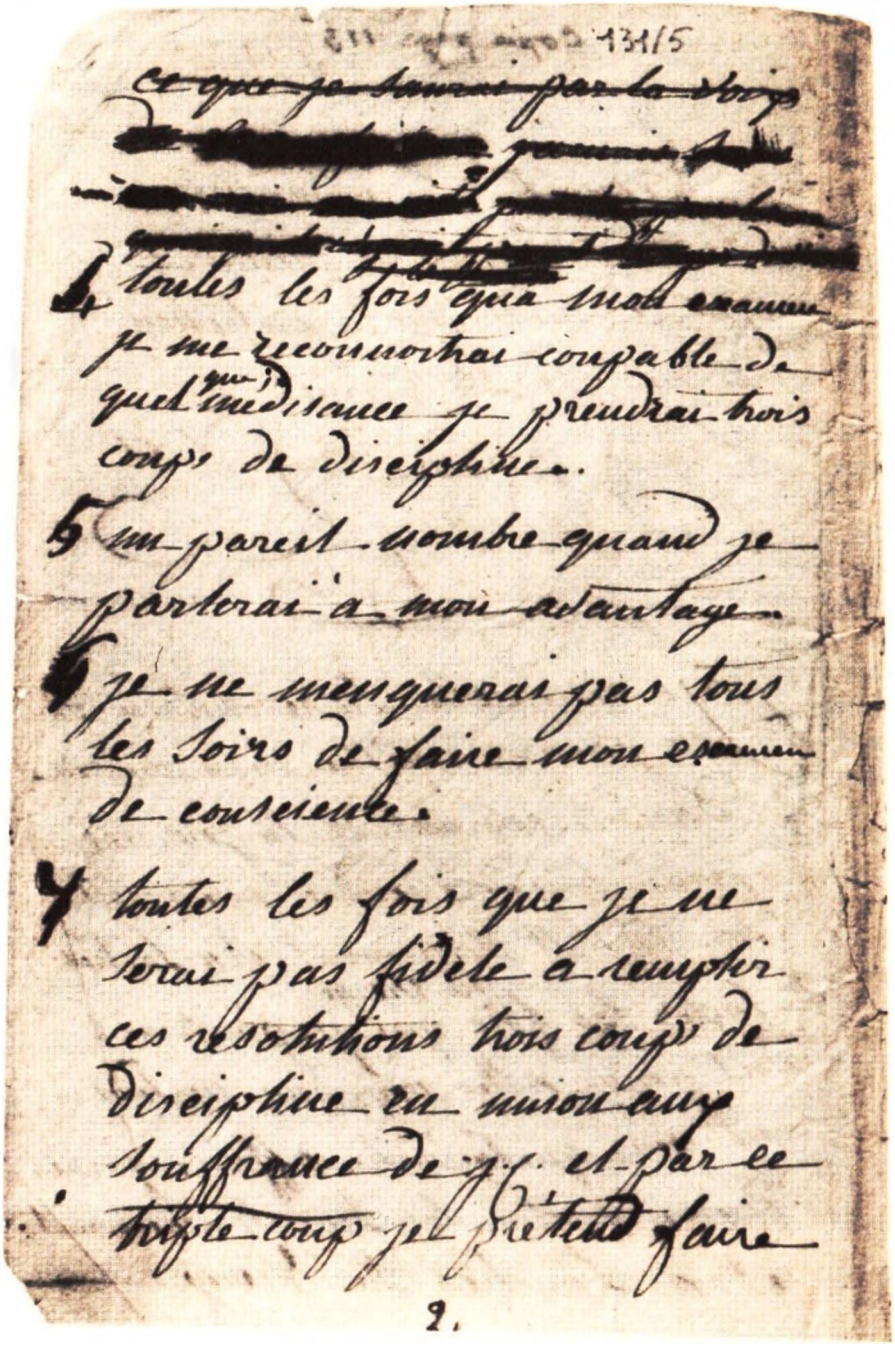
L. J. C. O. ad M. g. D. et
h. v. M. D. g.

1 Je renouvelle la resolution de
ne jamais omettre mon oraison.
2 Dans le courant de la journée
j'irai toujours rendre une visite
au très St Sacrement et à la très Ste Vierge
3 toutes les fois que je partirai
soit pour aller voir un malade
ou pour quelqu'autre affaire j'irai
encore visiter le très St Sacrement
et à la très Ste Vierge

Recueil de nouvelles / Résolutions que je prends et / que je mets sous la protection / de la très Ste. Vierge. / **[5]** L(oué soit) J(ésus) C(hrist) O(mnia) ad M(ajorem) G(loriam) D(ei) et H(onorem) V(irginis) M(ariae) D(ei) G(enitricis). / 1 - Je renouvelle la résolution de / ne jamais omêttre mon oraison. / 2 - Dans le courant de la journée / **[10]** j'irai toujours rendre une visite / au très St. Sacrement et à la très / Ste. Vierge. / 3 - Toutes le fois que je partirai, / soit pour aller voir un malade / **[15]** ou pour quelqu'autre affaire, j'irai / encore visiter le très St. Sacrement / et à la très Ste. Vierge.

Coleção de novas resoluções
que tomo e
que ponho sob a proteção
da Santíssima Virgem.
L.J.C. O. da M.G.D. e H.V.M.D.G.

1 - Renovo a resolução de
jamais omitir a meditação.
2 - No decorrer do dia,
irei sempre visitar o
Santíssimo Sacramento e a
Santíssima Virgem.
3 - Cada vez que eu sair,
seja para visitar um
doente ou para qualquer outra coisa, irei
também visitar o Santíssimo Sacramento e a
Santíssima Virgem.



131/5

~~ce que je saurai par la voix~~
[redacted]

4 toutes les fois qua mon examen
je me reconnoitrai coupable de
quelque médisance je prendrai trois
coups de discipline.

5 un pareil nombre quand je
parlerai a mon avantage.

6 je ne menquerai pas tous
les soirs de faire mon examen
de conscience.

7 toutes les fois que je ne
serai pas fidele a remplir
ces resolutions trois coups de
discipline en union aux
souffrance de J.C. et par ce
triple coup je prétend faire

2.

4 - Toutes les fois qu'à mon examen / je me reconnoitrai coupable de / **[20]** quel(que) médisance, je prendrai trois / coups de discipline. / 5 - Un pareil nombre quand je / parlerai à mon avantage. / 6 - Je ne menquerai pas tous / **[25]** les soirs de faire mon examen / de conscience. / 7 - Toutes les fois que je ne / serai pas fidèle à remplir / ces résolutions, trois coups de / **[30]** discipline en union aux / souffrances de J.C. et par ce / triple coup je prétend faire

4 - Cada vez que em meu exame
me reconhecer culpado de
20 alguma maledicência, tomarei três
golpes de disciplina.
5 - Mesmo número quando eu
falar em meu proveito.
6 - Não deixarei todas as
25 tardes de fazer meu exame
de consciência.
7 - Todas as vezes em que eu
não for fiel em cumprir
essas resoluções, três golpes de
30 disciplina em união aos
sofrimentos de J.C. e com esse
triplo castigo, pretendo praticar

18 - pr. 4 texte raturé, en partie illisible où l'on peut tout de même lire: Ce que je saurai par la voix de la confession, jamais .... je n'en parlerai quoiqu'il n'y ait point danger de violer le secret. A partir de là, i.e. du N° 4 les chiffres ont été rectifiés: 4 actuel était avant 5, le 5 était 6, etc... jusqu'au 11 qui était primitivement 12.
20 - quelque, que supra lineam.

131./5

une acte damour à la très
Ste Trinité [redacted] qu'un
acte de fois et je conjure
la très Sainte Vierge de faire
agréer elle même cette chetive
action au Maître souverain de
toutes les creatures.

8 je trai tous les mois ces résolutions

9 inn. 49 Seigneur tout ce qui est sur
la terre et dans le ciel est a vous
je desire aussi moi-même d'être a vous
par une oblation toute volontaire, et
d'être immuablement et eternellement
à vous.

10 je ne ~~ferez~~ ferai aucune instruction
que je ne l'ai préparée.

11 je me souviendrai toujours que je
porte jesus christ dans mon cœur

3.

une acte d'amour à la très / Ste. Trinité aussi bien qu'un / **[35]** acte de fois et je conjure / la très Sainte Vierge de faire / agréer elle-même cette chétive / action au Maître souverain de / toutes les créatures. / **[40]** 8 - Je lirai tous les mois ces résolutions. / 9 - imi... 49 (1) Seigneur tout ce qui est sur / la terre et dans le ciel est à vous. / Je désire aussi moi-même d'être à vous / par une oblation toute volontaire et / **[45]** d'être immuablement et éternellement / à vous. / 10 - Je ne ferai aucune instruction / que je ne l'ai préparée (2). / 11 - Je me souviendrai toujours que je / **[50]** porte Jésus Christ dans mon coeur.

um ato de amor à
Santíssima Trindade, como
35 também um ato de fé e conjuro
a Santíssima Virgem de
apresentar essa mesquinha
ação ao soberano Senhor de
todas as criaturas.
40 8 - Lerei todos os meses essas resoluções.
9 - Imi... 49 Senhor tudo quanto existe
sobre a terra e no céu é vosso.
Desejo também eu mesmo ser vosso
por uma oblação volontária e
45 ser imutável e eternamente vosso.
10 - Não darei nenhuma instrução
sem havê-la preparado.
11 - Lembrar-me-ei sempre que
trago Jesus Cristo
50 em meu coração.

47 - ferai, pr. ferez.

(1) Lire: Imitation de Jésus-Christ, Livre IV, chapitre IX, dont voici le début: Chapitre IX - Comment, en offrant le saint sacrifice, on doit prier pour soi et pour tous les autres. - L'âme. 1. Seigneur, tout ce qui est dans le ciel et dans la terre est à vous. Je désire de me consacrer moi-même à vous par une oblation toute volontaire et d'être immuablement et éternellement à vous. (Manuel du chrétien, chez Mame Frères, Paris 1812, p. 797).

(2) Formule habituelle chez le Père Champagnat (cf. 1.35), qu'il faut traduire dans le sens positif, car il ne veut pas dire qu'il ne fera pas l'instruction qu'il n'a pas préparée, mais qu'il s'oblige toujours à la préparer et à ne jamais faire de l'improvisation.

131/5

je renouvelle aujourd'hui
douze octobre 1820. la résolution
cinq six septe huit neuf dix
onze douze et je ajoute celle
de donner tous les jours une heure
a l'étude de la theologie.

2° je veux encore mieux pratiquer
la vertu de douceur que je n'ai
pas fait.

3° être plus recueilli et moins
dissipé.

4° je ne ferai jamais oraison que
je n'aye prévu le sujet et que je
ne m'y sois préparé.

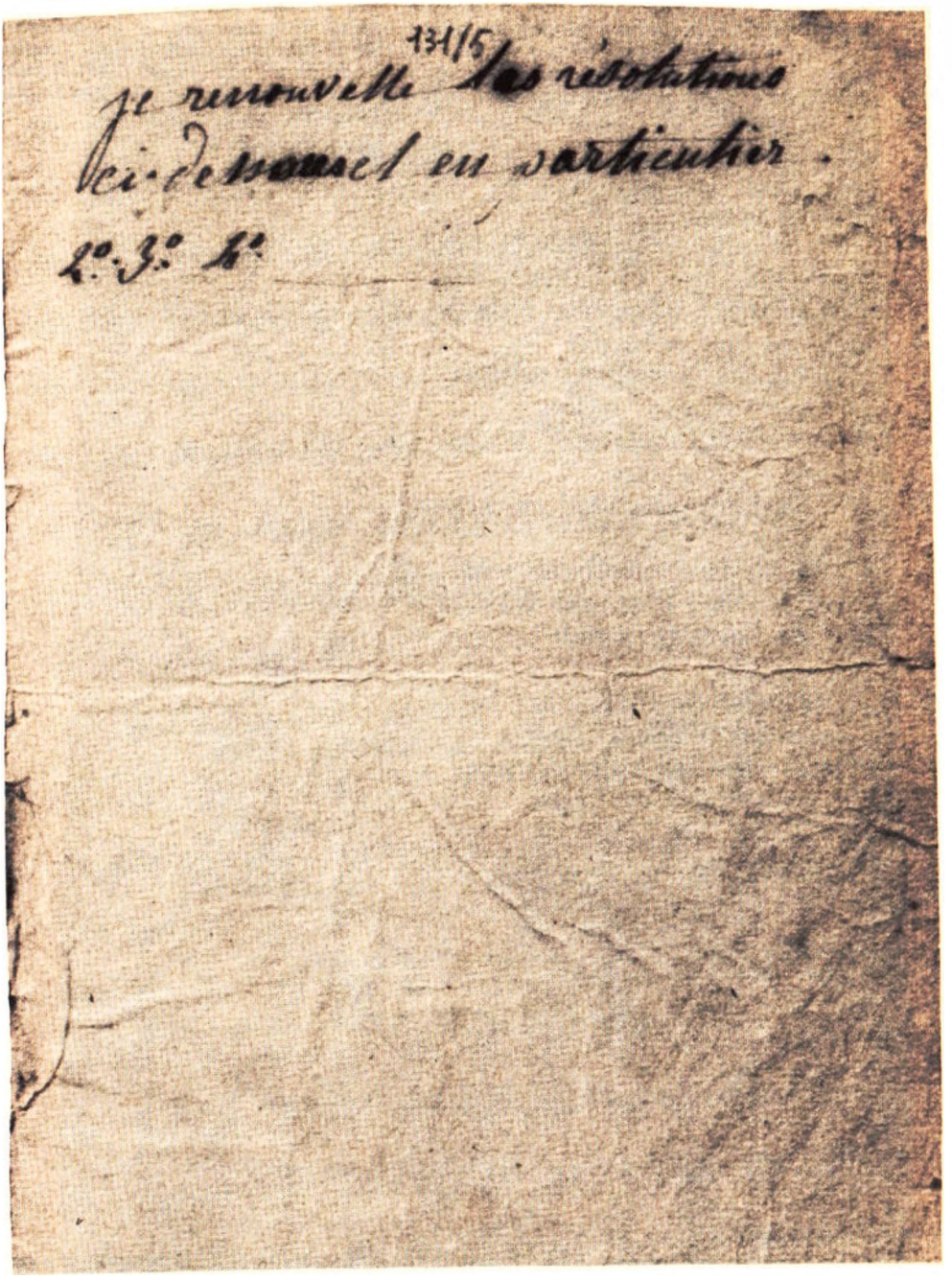
25 Juillet 1828. à onze heures
et demie a Valfleury sous la
protection de la Ste Ste Vierge
St Jean françois Regis.

Je renouvelle aujourd'hui, / douze octobre 1820, la résolution / cinq, six, sept, huit, neuf, dix, / onze douze et je ajoute celle / **[55]** de donner tous les jours une heure / à l'étude de la théologie. / 2° Je veux encore mieux pratiquer / la vertu de douceur que je n'ai / pas fait. / **[60]** 3° Etre plus recueilli et moins / dissipé. / 4° Je ne ferai (j)amais oraison que / je n'ai prévu le sujet et que je / ne m'y sois préparé. / **[65]** 25 juillet 1828, à onze heures / et demi, à Valfleury (3), sous la / protection de la très Ste. Vierege, / St. Jean François Régis,

Renovo hoje,
doze de outubro de 1820, a resolução
cinco, seis, sete, oito, nove, dez,
onze, doze, a acrescento a de
55 todos os dias consagrar
uma hora ao estudo da teologia.
2° Quero praticar melhor
do que fiz até hoje a
virtude de brandura.
60 30° Ficar mais recolhido e menos
dissipado
4° Nunca farei meditação sem
haver previsto o assunto e
sem me haver preparado

65 25 de julho de 1828, onze horas
e meia, em Valfleury, sob a
proteção de Santíssima Virgem,
São João Francisco Régis,

(3) Dans un de ses carnets, Frère François note: «Jamais le P. Champagnat n'a conduit les Frères de l'Hermitage à Valfleury (...) Il ne les y a jamais non plus laissé aller en communauté» (505.17, p. 547).



131/5

Je renouvelle les résolutions
ci-dessus en particulier.
2.º 3.º 4.º

je renouvelle les résolutions / **[70]** ci-dessous (4) et en particulier / 2°, 3°, 4°.

70 Renovo as resoluções
acima e particularmente as
2ª, 3ª e 4ª.

(4) Lire: ci-dessus.

Resoluções

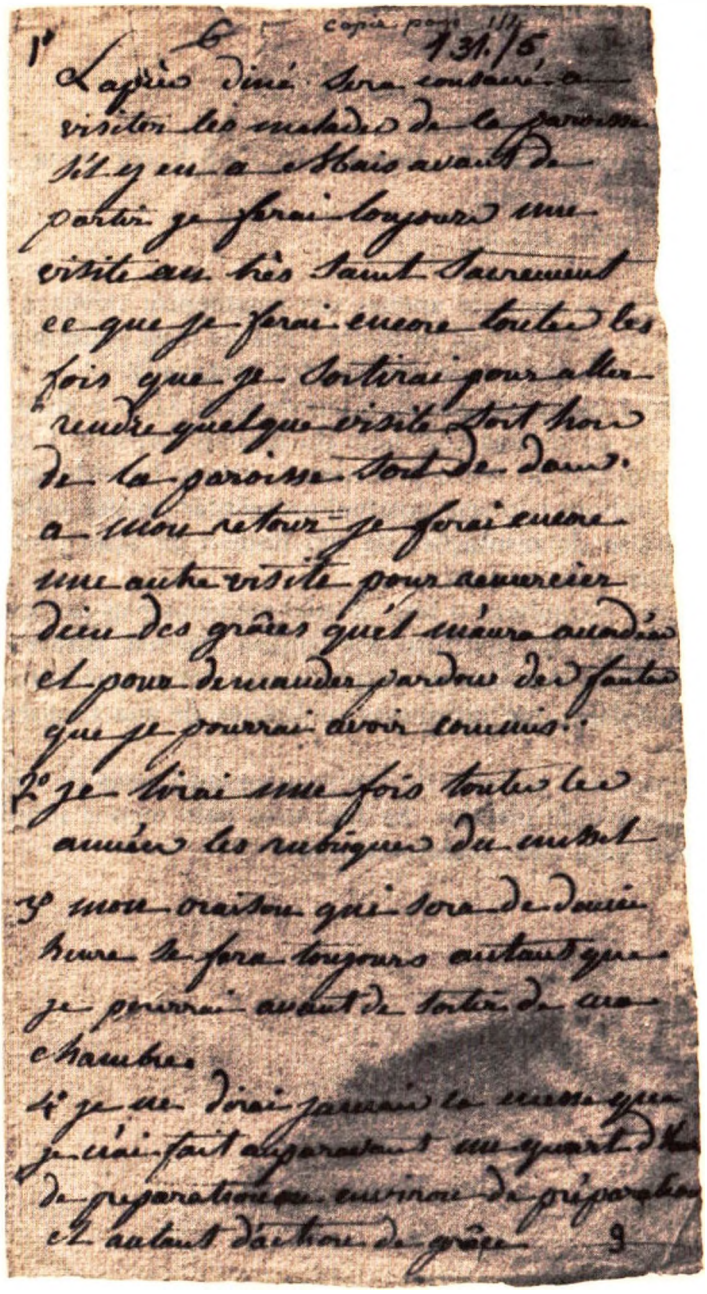
Folha separada, formato 16,5 × 8,5, cor cinza, escrita apenas no rosto.
AFM, 131.6.

Sem dúvida, se trata de apenas um fragmento; talvez a página três de um folheto de quatro, cuja primeira folha na qual poderia estar escrita uma introdução sob forma de oração, foi arrancada.

Esse texto é independente do precedente (131,5) e além do mais, o papel não é nem da mesma cor, nem do mesmo formato. Como foi assinalado na introdução do texto precedente, este o precede, provavelmente, no tempo, embora não seja possível apresentar provas suficientes. Seja como for, trata-se de resoluções de um homen de ação preocupado em salvaguardar sua vida de oração.

Pode causar estranheza o fato de não mencionar as preocupações que lhe causa a fundação do Instituto dos Irmãos. Apenas, através das visitas que deve fazer fora dos limites da paróquia, visitas que considera como campo de apostolado que ultrapassa os limites de sua freguesia, pode-se perceber algo.

Certamente, não se trata de um regulamento, mas de resoluções referentes apenas à vida interior. Se houvesse pelo menos simples alusões, essas já seriam para nós, esclarecedoras.



1° 6 copie page 1/4 131./5,

Lapres diné sera consacré a
visiter les malades de la paroisse
s'il y en a Mais avant de
partir je ferai toujours une
visite au très saint Sacrement
ce que je ferai encore toutes les
fois que je sortirai pour aller
rendre quelque visite soit hors
de la paroisse soit de dans.
a mon retour je ferai encore
une autre visite pour remercier
dieu des grâces qu'il m'aura accordées
et pour demander pardon des fautes
que je pourrai avoir commis.
2° je lirai une fois toutes les
années les rubriques du missel
3° mon oraison qui sera de demie
heure se fera toujours autant que
je pourrai avant de sortir de ma
chambre.
4° je ne dirai jamais la messe que
je n'ai fait auparavant un quart d'heure
de preparation ou environ de préparation
et autant d'action de grâce 9

1° L'après diné sera consacré à / visiter les malades de la paroisse / s'il y en a. Mais avant de / partir je ferai toujours une / [5] visite au très Saint Sacrement, / ce que je ferai encore toutes les / fois que je sortirai pour aller / rendre quelque visite, soit hors / de la paroisse, soit de dans. / [10] A mon retour je ferai encore / une autre visite pour remercier / Dieu des grâces qu'il m'aura accordées / et pour demander pardon des fautes / que je pourrai avoir commis. / [15] 2° Je lirai une fois toutes les / années les rubriques du missel. / 3° Mon oraison qui sera de demie / heure, se fera toujours, autant que / je pourrai, avant de sortir de ma / [20] chambre. / 4° Je ne dirai jamais la messe que / je n'ai fait auparavant un quart d'heure / de préparation ou environ de préparation / et autant d'action de grâce.

1° A tarde será consagrada a
visitar os doentes da paróquia,
se houver. Mas antes de
sair, farei sempre uma
5 visita ao Santíssimo Sacramento,
o que farei sempre que sair para
alguma visita, seja fora
da paróquia, seja dentro.
Na volta, farei ainda
10 outra visita para agradecer
a Deus as graças que houver concedido
e para pedir perdão pelas faltas
que possa haver cometido.
2° - Lerei uma vez por ano as rubricas do missal.
15 3° - Minha meditação, que será de meia hora,
fá-la-ei sempre que puder
antes de deixar o quarto.
4° - Jamais celebrarei a missa
sem haver feito um quarto de hora
20 mais ou menos de preparação e
outro tanto de ação de graças.

Finito di stampare nel mese
di settembre 1990
dalla tipografia Città Nuova della P.A.M.O.M.
Largo Cristina di Svezia, 17
00165 Roma tel. 5813475/82